

P

A/Z



ISSN 1807-9873

Cadernos de Tradução

Número 21 - jul / dez - 2007



Os gatos na Literatura

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

Nº 21 , jul/dez de 2007

Os gatos na literatura

Organizadora

Maria Lucia Machado de Lorenci

Instituto de Letras - UFRGS

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretor: Prof. Arcanjo Pedro Briggmann

Vice-Diretora: Prof^a. Rosalia Neumann Garcia

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^a. Ana Kessler Rocha

Prof^a. Patrícia Ramos Reuillard

Prof^a. Rosalia Neumann Garcia

Organizadora deste número:

Prof^a. Maria Lucia Machado de Lorenci

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do
Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

SUMÁRIO

Apresentação /5

Junto à lareira /8
Heinrich Heine

O gato /12
H. A. Murena

O paraíso dos gatos /18
Émile Zola

O relógio /25
Charles Baudelaire

Tobermory /28
Saky

O companheiro trapaceiro /42
Carlo Alberto Salustri

Eu sou o gato /46
Soseki Natsume

O gato montês e as castanhas /57
Kenji Miyazawa

O escritório dos gatos /72
Kenji Miyazawa

Maria Paula /88
Jane Tutikian

Zulu /94
Cíntia Moscovich

Quem é o culpado? /104
Anton Pavlovitch Tchekhov

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Este número do Caderno de Tradução é uma edição temática composta por textos que têm como tema ou protagonista o gato. Esta coletânea de textos escritos em português e em outras sete línguas foi organizada por iniciativa das disciplinas de tradução do setor de espanhol. Queríamos com essa publicação, além de oferecer um espaço para publicação de traduções produzidas no âmbito do Curso de Bacharelado – Tradução - do IL, prestar uma homenagem aos alunos e professores “gateiros” ou “gatófilos” do Departamento de Línguas Modernas e aos seus maravilhosos bichanos.

Para além dos bichos que se tornaram famosos no cinema e na TV, também na literatura há um sem número de protagonistas felinos. Essa foi a constatação que norteou o nosso trabalho de seleção e escolha dos textos. Queríamos mostrar que o gato tem sido personagem presente nas mais diversas épocas e culturas e, embora o gato desperte, muitas vezes, sentimentos antagônicos, o número dos seus amigos e admiradores é imenso, com significativo índice entre os literatos e os amantes da literatura.

Conversando com algumas das professoras responsáveis pelas disciplinas de tradução nos setores de alemão, francês, inglês, italiano, japonês e russo confirmamos que sim, há textos sobre gatos em todas essas literaturas e as referidas professoras prontamente se propuseram a participar do nosso projeto de uma edição temática do Caderno de Tradução. Essas professoras ou alunos seus escolheram os textos que estão publicados neste caderno e encarregaram-se de suas respectivas traduções ao português.

Em relação aos textos, cabem alguns esclarecimentos. Representando o setor de espanhol, há um conto de um autor argentino contemporâneo, H.A. Murena, cujo editor nos liberou dos direitos autorais e que foi traduzido para o português por uma aluna do bacharelado, e dois textos traduzidos para o espanhol, de duas

autoras gaúchas, Jane Tutikian e Cinthia Moscovich, que também gentilmente nos liberaram dos direitos autorais. Esses textos foram vertidos para o espanhol por tradutoras formadas no nosso bacharelado em tradução, por ocasião do estágio curricular e revisados, juntamente com o texto traduzido do espanhol por mim. Nos outros idiomas esse problema de ordem legal não existiu porque os textos selecionados são considerados de domínio público, ou seja, seus autores já morreram há mais de setenta anos. Esse foi também um dado que reforçou a nossa crença de que os gatos sempre foram e sempre serão presenças importantes junto aos humanos, tendo merecido destaque em obras de renomados escritores, desde épocas muito antigas.

Os textos em francês são de autores extremamente representativos na literatura francesa: Baudelaire e Zola. As tradutoras são formadas no bacharelado em tradução do francês e, atualmente, são alunas do bacharelado em espanhol tendo recebido apoio da professora Patrícia Ramos Reuillard, do setor de francês. O texto em italiano é um poema redigido no dialeto romanesco antigo e seu autor, Carlo Alberto Salustri, é um poeta dialetal muito famoso na Itália, que viveu entre 1871 e 1950. Esse texto foi traduzido pela professora Susana Termignoni, do setor de Italiano. O texto alemão também é uma poesia, cujo autor Heinrich Heine viveu no século XIX e foi traduzido pela professora Erica Schultz, do setor de alemão. O texto em inglês é um conto de Saki, que viveu de 1870 a 1916, foi traduzido por um aluno do bacharelado de inglês e revisado pela professora Rosalia N. Garcia. O setor de japonês está representado por um texto de Soseki Natsume (1867-1916), com duas versões de tradução, revisadas respectivamente pelas professoras Meiko Shimon e Tomoko Gaudioso, e por dois textos de Kenji Miyazawa (1896-1933), revisados também pela professora Tomoko. Encerrando a nossa seleção, temos um conto de autoria do importante escritor e dramaturgo russo Anton Pavlovitch Tchekhov (1860 – 1904), que foi traduzido pela professora Tanira Castro, do setor de russo.

Esperamos que a nossa coletânea de textos seja do agrado de nossos leitores e que, através desse trabalho, possamos contribuir para uma melhor compreensão, aceitação e respeito para com esses adoráveis felinos que fazem a alegria de todo aquele que tem a felicidade de conviver com um gato.

Professora Maria Lucia Machado de Lorenci

Alemão

Tradução: Erica Schultz¹

Heinrich Heine (1797-1856)

A base para a tradução de *Altes Kaminstück* foi a página <http://www.staff.uni-mainz.de/pommeren/Gedichte/NeueGedichte/index.htm>, acessada em 21/04/2007. Nela consta que o poema foi publicado em *Neue Gedichte*, sob o número VI, na seção *Zur Ollea* e com o título *Altes Kaminstück*.

Na edição das poesias completas de Heinrich Heine da editora *Reclam*, no entanto, o mesmo poema pode ser encontrado duas vezes. Na primeira, é alocado, sem título, entre as diferentes edições do *Buch der Lieder*. Na segunda, volta a ser publicado com as mesmas indicações constantes na página da Internet e igualmente acrescido de um título, que foi incorporado à tradução. Nos comentários da edição dos poemas completos consta que a publicação neste volume ocorreu por questões de censura e a pedido da editora *Hoffmann & Campe*, que na época publicava a obra de Heine.

KORTLÄNDER, B. *Heinrich Heine. Sämtliche Gedichte. Kommentierte Ausgabe.* Stuttgart, Philipp Reclam, 1997.

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

¹ Professora do setor de alemão do Instituto de Letras da UFRGS

Altes Kaminstück

Heinrich Heine

Draußen ziehen weiße Flocken
Durch die Nacht, der Sturm ist laut;
Hier im Stübchen ist es trocken,
Warm und einsam, stillvertraut.

Sinnend sitz ich auf dem Sessel,
An dem knisternden Kamin,
Kochend summt der Wasserkessel
Längst verklungne Melodien.

Und ein Kätzchen sitzt daneben,
Wärmt die Pfötchen an der Glut;
Und die Flammen schweben, weben,
Wundersam wird mir zu Mut.

Dämmernd kommt heraufgestiegen
Manche längst vergessne Zeit,
Wie mit bunten Maskenzügen
Und verblichner Herrlichkeit.

Schöne Frau, mit kluger Miene,
Winken süß geheimnisvoll,
Und dazwischen Harlekine
Springen, lachen, lustigtoll.

Ferne grüßen Marmorgötter,
Traumhaft neben ihnen stehn
Märchenblumen, deren Blätter
In dem Mondenlichte wehn.

Wackelnd kommt herbeigeschwommen
Manches alte Zauberschloß;
Hintendrein geritten kommen
Blanke Ritter, Knappentrost.

Und das alles zieht vorüber,
Schattenhastig übereilt -
Ach! da kocht der Kessel über,
Und das nasse Kätzchen heult.

Junto à lareira

Heinrich Heine

Nas ruas voeja branca neve,
Os ventos assobiam sem cessar;
Aqui o aconchego, solitário e leve,
Da tépida sala de meu lar.

O estalidar dos lenhos na lareira,
A água no pote a ebulir,
Remota melodia, tão fagueira,
Da poltrona incita o refletir.

Senta o bichano a meu lado,
Junto às brasas quer calor;
E pelas chamas encantado
Urdo teias, sonhador.

Velhos tempos, olvidados,
Voltam agora a cintilar;
Coloridos mascarados
Em uma luz crepuscular.

Mui sedutoras, belas damas,
Acenos enviam a seu redor;
Arlequins ao fulgor das chamas
Saltitam e riem sem temor.

Dos contos de fadas, as flores
Agitam folhas ao luar;
Deuses antigos, tão senhores
Enviam bênçãos ao passar.

Na densa bruma flutua
Velho castelo encantado;
Garbosos marcham na rua
Audazes nobres do passado.

E o cortejo, com muita verve,
Segue imune ao tempo e à hora;
Deus meu! A água ferve!
E o escaldado gato chora.

Espanhol

Tradução: Marina Leivas Waquil¹

Revisão: Prof.^a Maria Lucia Machado de Lorenci

H.A. Murena (1923-1975)

Nasceu em Buenos Aires. Em 1946 publica seu primeiro volume de contos, "Primer Testamento". Colaborou com a revista *Sur* e com o jornal *La Nación*.

¹ Aluna do curso de Letras – Bacharelado Português/Espanhol, UFRGS

El gato*

H.A. Murena

¿Cuánto tiempo llevaba encerrado?

La mañana de mayo, velada por la neblina en que había ocurrido aquello, le resultaba tan irreal como el día de su nacimiento, ese hecho acaso más cierto que ninguno, pero que sólo atinamos a recordar como una increíble idea. Cuando descubrió, de improviso, el dominio secreto e impresionante que el otro ejercía sobre ella, se decidió a hacerlo. Se dijo que quizás iba a obrar en nombre de ella, para librarla de una seducción inútil y envilecedora. Sin embargo, pensaba en sí mismo, seguía un camino iniciado mucho antes. Y aquella mañana, al salir de esa casa, después que todo hubo ocurrido, vio que el viento había expulsado la neblina, y, al levantar la vista ante la claridad enneguecedora, observó en el cielo una nube negra que parecía una enorme araña huyendo por un campo de nieve. Pero lo que nunca olvidaría era que a partir de ese momento el gato del otro, ese gato del que su dueño se había jactado de que jamás lo abandonaría, empezó a seguirlo, con cierta indiferencia, con paciencia casi ante sus intentos iniciales por ahuyentarlo, hasta que se convirtió en su sombra.

Encontró esa pensionsucha, no demasiado sucia ni incómoda, pues aún se preocupaba por ello. El gato era grande y musculoso, de pelaje gris, en partes de un blanco sucio. Causaba la sensación de un dios viejo y degradado, pero que no ha perdido toda la fuerza para hacer daño a los hombres; no les gustó, lo miraron con repugnancia y temor, y, con la autorización de su accidental amo, lo echaron. Al día siguiente, cuando regresó a su habitación, encontró al gato instalado allí; sentado en el sillón; levantó apenas la cabeza, lo miró y siguió dormitando. Lo echaron por segunda vez, y volvió meterse en la casa, en la pieza, sin que nadie supiera cómo. Así ganó la partida, porque desde entonces la dueña de la pensión y sus acólitos renunciaron a la lucha.

¿Se concibe que un gato influya sobre la vida de un hombre, que consiga modificarla?

Al principio él salía mucho; los largos hábitos de una vida regalada hacían que aquella habitación, con su lamparita de luz amarillenta y débil, que dejaba en la sombra muchos rincones, con sus muebles sorprendentemente feos y desvencijados si se los miraba bien, con las paredes cubiertas por un papel listado de colores chillones le resultaba poco tolerable. Salía y volvía más inquieto; andaba por las calles, andaba, esperando que el mundo le devolviera una paz ya prohibida. El gato no salía nunca. Una tarde que él estaba apurado por cambiarse y presenció desde la puerta cómo limpiaba la habitación la sirvienta, comprobó que ni siquiera

en ese momento dejaba la pieza: a medida que la mujer avanzaba con su trapo y su plumero, se iba desplazando hasta que se instalaba en un lugar definitivamente limpio; raras veces había descuidos, y entonces la sirvienta soltaba un chistido suave, de advertencia, no de amenaza, y el animal se movía. ¿Se resistía a salir por miedo de que aprovecharan la ocasión para echarlo de nuevo o era un simple reflejo de su instinto de comodidad? Fuera lo que fuese, él decidió imitarlo, aunque para forjarse una especie de sabiduría con lo que en el animal era miedo o molicie.

En su plan figuraba privarse primero de las salidas matutinas y luego también de las de la tarde; y, pese a que al principio le costó ciertos accesos de sorda nerviosidad habituarse a los encierros, logró cumplirlo. Leía un librito de tapas negras que había llevado en el bolsillo; pero también se paseaba durante horas por la pieza, esperando la noche, la salida. El gato apenas si lo miraba; al parecer tenía suficiente con dormir, comer y lamerse con su rápida lengua. Una noche muy fría, sin embargo, le dio pereza vestirse y no salió; se durmió enseguida. Y a partir de ese momento todo le resultó sumamente fácil, como si hubiese llegado a una cumbre desde la que no tenía más que descender. Las persianas de su cuarto sólo se abrieron para recibir la comida; su boca, casi únicamente para comer. La barba le creció, y al cabo puso también fin a las caminatas por la habitación.

Tirado por lo común en la cama, mucho más gordo, entró en un período de singular beatitud. Tenía la vista casi siempre fija en las polvorientas rosetas de yeso que ornaban el cielo raso, pero no las distinguía, porque su necesidad de ver quedaba satisfecha con los cotidianos diez minutos de observación de las tapas del libro. Como si se hubieran despertado en él nuevas facultades, los reflejos de la luz amarillenta de la bombita sobre esas tapas negras le hacían ver sombras tan complejas, matices tan sutiles que ese solo objeto real bastaba para saturarlo, para sumirlo en una especie de hipnotismo. También su olfato debía haber crecido, pues los más leves olores se levantaban como grandes fantasmas y lo envolvían, lo hacían imaginar vastos bosques violáceos, el sonido de las olas contra las rocas. Sin saber por qué comenzó a poder contemplar agradables imágenes: la luz de la lamparita —eternamente encendida— menguaba hasta desvanecerse, y, flotando en los aires, aparecían mujeres cubiertas por largas vestimentas, de rostro color sangre o verde pálido, caballos de piel intensamente celeste...

El gato, entretanto, seguía tranquilo en su sillón.

Un día oyó frente a su puerta voces de mujeres. Aunque se esforzó, no pudo entender qué decían, pero los tonos le bastaron. Fue como si tuviera una enorme barriga fofa y le clavaran en ella un palo, y sintiera el estímulo, pero tan remoto, pese a ser sumamente intenso, que comprendiese que iba a tardar muchas horas antes de poder reaccionar. Porque una de las voces correspondía a la dueña de la pensión, pero la otra era la de ella, que finalmente debía haberlo descubierto.

Se sentó en la cama. Deseaba hacer algo, y no podía.

*Traduzido e publicado por especial permissão da Editora Sudamericana.

Observó al gato: también él se había incorporado y miraba hacia la persiana, pero estaba muy sereno. Eso aumentó su sensación de impotencia.

Le latía el cuerpo entero, y las voces no paraban. Quería hacer algo. De pronto sintió en la cabeza una tensión tal que parecía que cuando cesara él iba a deshacerse, a disolverse.

Entonces abrió la boca, permaneció un instante sin saber qué buscaba con ese movimiento, y al fin maulló, agudamente, con infinita desesperación, maulló.

O gato

H.A. Murena

Há quanto tempo estava enclausurado?

A manhã de maio, velada pela neblina em que tinha acontecido aquilo, lhe era tão irreal como o dia de seu nascimento, esse acontecimento talvez mais certo que qualquer outro, mas que só conseguimos recordar como uma incrível idéia. Quando descobriu, de repente, o domínio secreto e impressionante que o outro exercia sobre ela, se decidiu a fazê-lo. Disse a si mesmo que talvez fosse agir em nome dela, para livrá-la de uma sedução inútil e aviltante. Entretanto, pensava em si mesmo, seguia um caminho iniciado muito antes. E naquela manhã, ao sair dessa casa, depois que tudo havia acontecido, viu que o vento havia expulsado a neblina, e, ao levantar a vista, ante a claridade cegante, observou no céu uma nuvem negra que parecia uma enorme aranha fugindo por um campo de neve. Mas o que nunca esqueceria era que, a partir deste momento, o gato do outro, esse gato do qual o dono havia se vangloriado de que jamais o abandonaria, começou a segui-lo, com certa indiferença, quase com paciência diante de suas tentativas iniciais de afugentá-lo, até que se converteu em sua sombra.

Encontrou esta pequena pensão, não muito suja nem muito incômoda, pois ainda se preocupava com essas coisas. O gato era grande e musculoso, de pêlo cinza, em algumas partes de um branco sujo. Causava a sensação de um deus velho e degradado, mas que ainda não perdera toda sua força para causar dano aos homens; eles não gostaram, olharam o gato com repugnância e temores, e, com a autorização de seu dono por acidente, mandaram-no embora. No dia seguinte, quando voltou ao seu quarto, encontrou o gato instalado ali; sentado na poltrona, apenas levantou a cabeça, olhou para ele e seguiu dormindo. Mandaram-no embora pela segunda vez e acabou voltando à casa, ao quarto, sem que ninguém soubesse como. Assim ganhou a disputa, porque desde então a dona da pensão e seus comparsas renunciaram à luta.

Concebe-se que um gato influa sobre a vida de um homem, que consiga modificá-la?

Ao princípio saía muito; os longos hábitos de uma vida cômoda faziam com

que aquele quarto, com sua pequena lâmpada de luz amarelada e fraca, que deixava muitos cantos na sombra, com seus móveis surpreendentemente feios e desconjuntados se a gente olhava bem, com as paredes cobertas por um papel listrado de cores gritantes, lhe parecia pouco tolerável. Saía e voltava mais inquieto; andava pelas ruas, andava, esperando que o mundo lhe devolvesse uma paz já proibida. O gato não saía nunca. Uma tarde em que ele estava apressado por se trocar e presenciou da porta como a faxineira limpava o quarto comprovou que nem neste momento ele deixava a peça: à medida que a mulher avançava com seu pano e seu espanador, ia se deslocando até que se instalava em um lugar definitivamente limpo; raras vezes havia descuidos, e então a faxineira emitia um som suave, de advertência, não de ameaça, e o animal se movia. Resistia em sair, por medo de que aproveitassem a ocasião para mandá-lo embora de novo, ou era um simples reflexo de seu instinto de comodidade? Fosse o que fosse, ele decidiu imitá-lo, ainda que para forjar uma espécie de sabedoria com o que no animal era medo ou moleza.

No seu plano figurava primeiro privar-se das saídas matutinas e logo também das da tarde; e, apesar de que ao princípio lhe custou certos acessos de um nervosismo surdo habituar-se à clausura, conseguiu acumprá-lo.

Lia um livrinho de capa negra que havia levado no bolso, mas também passeava durante horas pela peça, esperando a noite, a saída. O gato quase não olhava para ele; ao que parece lhe bastava dormir, comer e lamber-se com sua rápida língua. Uma noite muito fria, entretanto, teve preguiça de se vestir e não saiu; dormiu em seguida. E, a partir deste momento, tudo se tornou sumamente fácil para ele, como se tivesse chegado a uma altura da qual não tinha mais que descer. As persianas de seu quarto só se abriam para receber a comida; sua boca, quase unicamente para comer. A barba cresceu e, ao final, acabou com as caminhadas pelo quarto também.

Jogado geralmente na cama, muito mais gordo, entrou em um período de singular beatitude. Tinha a vista quase sempre fixa nas empoeiradas rosetas de gesso que ornamentavam o teto, mas não as distinguia, porque sua necessidade de ver se satisfazia com os cotidianos dez minutos de observação das capas do livro.

Como se houvessem despertado nele novas faculdades, os reflexos da luz amarelada da pequena lâmpada sobre essas capas negras lhe faziam ver sombras tão complexas, matizes tão sutis, que esse único objeto real bastava para saturá-lo, para sumi-lo em uma espécie de hipnotismo. Seu olfato também devia haver crescido, porque os mais leves odores se levantavam como grandes fantasmas e o envolviam, faziam-lhe imaginar vastos bosques violáceos, o som das ondas contra as rochas. Sem saber por que, começou a poder contemplar agradáveis imagens: a luz da lamparina – eternamente acendida – minguava até que se desvanecia, e, flutuando pelos ares, apareciam mulheres cobertas por longas vestimentas, de rosto de cor de sangue, ou verde pálido, cavalos de pele intensamente azul...

O gato, enquanto isso, continuava tranqüilo em sua poltrona.

Um dia escutou vozes de mulher em frente à sua porta. Ainda que tenha se esforçado, não pôde entender o que diziam, mas os tons lhe bastaram. Foi como se tivesse uma enorme barriga flácida e cravassem nela um pau, e sentisse o estímulo, mas tão remoto, apesar de ser absolutamente intenso, que compreendesse que ia tardar muitas horas antes de poder reagir. Porque uma das vozes pertencia à dona da pensão, mas a outra era dela, que finalmente devia tê-lo descoberto.

Sentou-se na cama. Desejava fazer alguma coisa e não podia.

Observou o gato: ele também havia se levantado e olhava para a persiana, mas estava muito sereno. Isso aumentou sua sensação de impotência.

Pulsava-lhe o corpo inteiro e as vozes não paravam. Queria fazer alguma coisa. De repente sentiu na cabeça uma tensão tal que parecia que quando acabasse ele ia desfazer-se, dissolver-se.

Então abriu a boca, permaneceu um instante sem saber o que buscava com este movimento, e por fim miou, agudamente, com um desespero infinito, miou.

Francês

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Émile Zola (1840-1902)

Escritor e jornalista francês que apoiou os impressionistas, como Manet, e defendeu corajosamente Dreyfus, em seu artigo «*J'accuse*» (1898). Suas obras incluem, entre outras, *Rougon-Macquart*, *Germinal* e *Nouveaux Contes à Ninon*, esta última, escrita em sua juventude (1865), contendo o presente conto. Durante toda sua vida, Zola teve grande afeição pelos gatos.

LAROCHE, Robert de. *Contes et légendes du chat*. Ouest-France, Rennes, 2005.

Charles Baudelaire (1821-1867)

Este texto é extraído de *Pequenos Poemas em Prosa* (1864) de Charles Baudelaire. Se os gatos aparecem muitas vezes em alguns poemas famosos de *Flores do Mal* (1855), Charles Baudelaire, tradutor de o *Gato Preto* de Edgar Allan Poe, exaltará portanto, mais uma vez, o felino em “*pupilas místicas*” em um dos textos em prosa de seus últimos anos.

Les paradis des chats

Émile Zola

Une tante m'a légué un chat d'Angora qui est bien la bête la plus stupide que je connaisse. Voici ce que mon chat m'a conté, un soir d'hiver, devant les cendres chaudes.

I

J'avais alors deux ans, et j'étais bien le chat le plus gras et le plus naïf qu'on pût voir. À cet âge tendre, je montrais encore toute la présomption d'un animal qui dédaigne les douceurs du foyer. Et pourtant que de remerciements je devais à la Providence pour m'avoir placé chez votre tante ! La brave femme m'adorait. J'avais, au fond d'une armoire, une véritable chambre à coucher, coussin de plume et triple couverture. La nourriture valait le coucher ; jamais de pain, jamais de soupe, rien que de la viande, de la bonne viande saignante.

Eh bien ! au milieu de ces douceurs, je n'avais qu'un désir, qu'un rêve, me glisser par la fenêtre entrouverte et me sauver sur les toits. Les caresses me semblaient fdes, la mollesse de mon lit me donnait des nausées, j'étais gras à m'en écoeurer moi-même. Et je m'ennuyais tout le long de la journée à être heureux.

Il faut vous dire qu'en allongeant le cou, j'avais vu de la fenêtre le toit d'en face. Quatre chats, ce jour-là, s'y battaient, le poil hérissé, la queue haute, se roulant sur les ardoises bleues, au grand soleil, avec des juréments de joie. Jamais je n'avais contemplé un spectacle si extraordinaire. Dès lors, ce toit, derrière cette fenêtre qu'on fermait si soigneusement. Je me donnais pour preuve qu'on fermait ainsi les portes de armoires, derrière lesquelles on cachait la viande.

J'arrêtai le projet de m'enfuir. Il devait y avoir dans la vie autre chose que de la chair saignante. C'était là l'inconnu, l'idéal. Un jour, on oublia de pousser la fenêtre de la cuisine. Je sautai su un petit toit qui se trouvait au-dessous.

II

Que les toits étaient beaux ! De larges gouttières les bordaient, exhalant des senteurs délicieuses. Je suivis voluptueusement ce gouttières, où mes pattes enfonçaient dans une boue fine, qui avait une tiédeur et une douceur infinies. Il me semblait que je marchais su du velours. Et il faisait une bonne chaleur au soleil, une chaleur qui fondait ma graisse.

Je ne vous achèrai pas que je tremblais de tous mes membres. Il y avait de l'épouvante dans ma joie. Je me souviens surtout d'une terrible émotion qui faillit me faire culbuter sur les pavés. Trois chats qui roulèrent du faite d'une maison, vinrent à moi en miaulant affreusement. Et comme je défaillais, ils me traitèrent de grosse bête, ils me dirent qu'ils miaulaient pour rire. Je me mis à miauler avec eux. C'était charmant. Les gaillards n'avaient pas ma stupide graisse. Ils se moquaient de moi, lorsque je glissais comme une boule sur les plaques de zinc, chauffées par le grand soleil. Un vieux matou de la bande me prit particulièrement en amitié. Il m'offrit de faire mon éducation, ce que j'acceptai avec reconnaissance.

Ah ! que le mou de votre tante était loin. Je bus aux gouttières, et jamais lait sucré ne m'avait semblé si doux. Tout me parut bon et beau. Une chatte passa, une ravissante chatte, dont la vue m'emplit d'une émotion inconnue. Mes rêves seuls m'avaient jusque-là montré ces créatures exquises dont l'échine a d'adorables souplesses. Nous nous précipitâmes à la rencontre de la nouvelle venue, mes trois compagnons et moi. Je devançai les autres, j'allais faire mon compliment à la ravissante chatte, lorsqu'un de mes camarades me mordit cruellement au cou. Je poussai un cri de douleur.

« Bah ! me dit le vieux matou en m'entraînant, vous en verrez bien d'autres. »

III

Au bout d'une heure de promenade, je me sentis un appétit féroce.

« Qu'est-ce qu'on mange sur les toits ? demandai-je à mon ami le matou.

« Ce qu'on trouve », me répondit-il doctement.

Cette réponse m'embarrassa, car j'avais beau chercher, je ne trouvais rien. J'aperçus enfin, dans une mansarde, une jeune ouvrière qui préparait son déjeuner. Sur la table, au-dessous de la fenêtre, s'étalait une belle côtelette, d'un rouge appétissant.

« Voilà mon affaire », pensai-je en toute naïveté.

Et je sautai sur la table, où je pris la côtelette. Mais l'ouvrière m'ayant aperçu, m'assena sur l'échine un terrible coup de balai. Je lâchai la viande, je m'enfuis, en jetant un juron effroyable.

« Vous sortez donc de votre village ? me dit le matou. La viande qui est sur les tables est faite pour être désirée de loin. C'est dans les gouttières qu'il faut chercher. »

Jamais je ne pus comprendre que la viande des cuisines n'appartint pas aux chats. Mon ventre commençait à se fâcher sérieusement. Le matou acheva de me désespérer en me disant qu'il fallait attendre la nuit. Alors nous descendrions dans la rue, nous fouillerions les tas d'ordures. Attendre la nuit ! Il disait cela tranquillement, en philosophe endurci. Moi, je me sentais défaillir, à la seule pensée de ce jeûne prolongé.

IV

La nuit vint lentement, une nuit de brouillard qui me glaça. La pluie tomba bientôt, mince, pénétrante, fouettée par des souffles brusques de vent. Nous descendîmes par la baie vitrée d'un escalier. Que la rue me parut laide ! Ce n'était plus cette bonne chaleur, ce large soleil, ces toits blancs de lumière où l'on se vautre si délicieusement. Mes pattes glissaient sur le pavé gras. Je me souvins avec amertume de ma triple couverture et de mon coussin de plume.

À peine étions-nous dans la rue, que mon ami le matou se mit à trembler. Il se fit petit, petit, et fila sournoisement le long des maisons, en me disant de le suivre au plus vite. Dès qu'il rencontra une porte cochère, il s'y réfugia à la hâte, en laissant échapper un ronronnement de satisfaction. Comme je l'interrogeais sur cette fuite :

« Avez-vous vu cet homme qui avait une hotte et un crochet ? me demanda-t-il.
 ? Oui.
 ? Eh bien ! s'il nous avait aperçus, il nous aurait assommés et mangés à la broche !
 ? Mangés à la broche ! m'écriai-je. Mais la rue n'est donc pas à nous ? On ne mange pas, et l'on est mangé ! »

V

Cependant, on avait vidé les ordures devant les portes. Je fouillai les tas avec désespoir. Je rencontraideux ou trois os maigres qui avaient traîné dans les cendres. C'est alors que je compris combien le mou frais est succulent. Mon ami le matou grattait les ordures en artiste. Il me fit courir jusqu'au matin, visitant chaque pavé, ne se pressant point. Pendant près de dix heures je reçus la pluie, je grelottai de tous mes membres. Maudite rue, maudite liberté, et comme je regrettai ma prison !

Au jour, l matou, voyant que je chancelais :

« Vous en avez assez ? m demanda-t-il d'un air étrange.

? Oh ! oui, répondis-je.

? Vous voulez rentrer chez vous ?

? Certes, mais comment retrouver la maison ?

? Venez. Ce matin, en vous voyant sortir, j'ai compris qu'un chat gras comme vous n'était pas fait pour les joies après de la liberté. Je connais votre demeure, je vais vous mettre à votre porte.

Il disait cela simplement, ce digne matou. Lorsque nous fûmes arrivés :

« Adieu, me dit-il, sans témoigner la moindre émotion.

? Non, m'écriai-je, nous ne nous quitterons pas ainsi. Vous allez venir avec moi. Nous partagerons le même lit et la même viande. Ma maîtresse est une brave femme...

Il n me laissa pas achever.

« Taisez-vous, dit-il brusquement, vous êtes un sot. Je mourrais dans vos tiédeurs molles. Votre vie plantureuse est bonne pour les chats bâtards. Les chats libres n'achèteront jamais au prix d'une prison votre mou et votre coussin de plume...Adieu. »

Et il remonta sur ses toits. Je vis sa grande silhouette maigre frissonner d'aise aux caresses du soleil levant.

Quand je rentrai, votre tante prit le martinet et m'administra une correction que je reçus avec une joie profonde. Je goûtait largement la volupté d'avoir chaud et d'être battu. Pendant qu'elle me frappait, je songeais avec délices à la viande qu'elle allait me donner ensuite.

VI

Voyez-vous – a conclu mon chat, en s'allongeant devant la braise ?, le véritable bonheur, le paradis, mon cher maître, c'est d'être enfermé et battu dans une pièce où il y a de la viande.

Je parle pour les chats.

O paraíso dos gatos

Émile Zola

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osorio¹

Uma tia me legou um gato angorá que é verdadeiramente o animal mais tolo que conheço. Eis o que meu gato me contou, em uma noite de inverno, diante das cinzas quentes.

I

Naquela época, tinha dois anos e era realmente o gato mais gordo e ingênuo que se podia conhecer. Nessa tenra idade, mostrava ainda toda a presunção de um animal que desdenha as doçuras do lar. E, no entanto, quanta gratidão eu devia à Providência por me ter colocado na casa da sua tia! A boa mulher me adorava. No fundo de um armário, eu possuía um verdadeiro quarto de dormir, travesseiro de penas e três cobertores. A alimentação valia o pernoite; jamais pão, jamais sopa, nada senão carne, a boa carne fresca.

Pois bem! Em meio a tais prazeres, só tinha um desejo, um sonho: escapar pela janela entreaberta e refugiar-me nos telhados. Os afagos pareciam-me sem graça, a languidez do meu leito dava-me náuseas, estava gordo de sentir repugnância disso. E me aborrecia durante todo o dia de ser feliz.

É preciso dizer-lhe que, esticando o pescoço, avistara da janela o telhado em frente. Nesse dia, quatro gatos lá brigavam, o pêlo eriçado, a cauda levantada, rolando sobre as ardósias azuis, ao sol alto, com imprecações de satisfação. Jamais contemplara um espetáculo tão extraordinário. Desde então, minhas crenças foram fixadas. A verdadeira felicidade estava sobre esse telhado, atrás dessa janela que se fechava como as portas dos armários, atrás das quais se escondia a carne.

Preparei o meu plano de fuga. Devia existir ali, na vida, algo mais do que a carne fresca. Estava lá o desconhecido, o ideal. Um dia, alguém esqueceu de fechar bem a janela da cozinha. Saltei sobre um pequeno telhado que se encontrava mais abaixo.

II

Como os telhados eram belos! Grandes calhas os guarneciam, exalando aromas deliciosos. Percorri voluptuosamente essas calhas, onde minhas patas afundavam em um lodo fino, que possuía uma tepidez e uma suavidade infinitas. Parecia-me caminhar sobre veludo. E fazia muito calor ao sol, um calor que derretia minha gordura.

Não lhe esconderei que eu tremia com todos os membros. Havia pavor em

¹ Bacharel em Tradução: Francês/Português, pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Licenciada em História Natural, UFRGS; aluna do curso de Letras, Tradução: Espanhol/Português, UFRGS.

minha alegria. Lembro-me principalmente de uma terrível emoção que me deixou a ponto de me lançar para a rua. Três gatos que rolaram da cumeeira de uma casa aproximaram-se de mim, miando horivelmente. E como desmaiei, eles me chamaram de palerma, me disseram que miavam por zombaria. Pus-me a dar miados com eles. Era fascinante. Os espertalhões não tinham a minha banha estúpida. Caçoavam de mim, quando eu deslizava como uma bola nas folhas de zinco, aquecidas pelo sol forte. Um gato velho do bando simpatizou particularmente comigo e me ofereceu iniciar minha educação, o que aceitei com gratidão.

Ah! Como a complacência de sua tia estava longe. Bebi nas goteiras, e jamais o leite açucarado me parecera tão doce. Tudo me pareceu bom e belo. Uma gata passou, uma gata encantadora, cuja visão me encheu de uma emoção desconhecida. Até então, somente meus sonhos me haviam mostrado essas criaturas delicadas cuja espinha dorsal tem adoráveis movimentos ágeis. Nós nos precipitamos ao encontro da recém-chegada, meus três companheiros e eu. Cheguei antes dos outros, ia fazer meu cumprimento à encantadora gata, quando um de meus companheiros mordeu cruelmente meu pescoço. Soltei um grito de dor.

“Ora essa! disse-me o gato velho, arrastando-me, você verá muitas outras”.

III

Ao fim de uma hora de passeio, senti um apetite feroz.

“O que se come sobre os telhados?” perguntei ao meu amigo gato.

“O que se acha”, respondeu-me sabiamente.

Essa resposta me inquietou, pois me esforçava procurando, mas nada encontrava. Avistei, enfim, em uma água-furtada, uma jovem operária que preparava seu almoço. Sobre a mesa, abaixo da janela, estendia-se uma bela costeleta, de um vermelho apetitoso.

“Ali está o que me interessa”, pensei com toda a ingenuidade.

E saltei sobre a mesa, onde agarrei a costeleta. Mas a operária, percebendo-me, acertou em meu lombo uma terrível vassourada. Larguei a carne, escapei, soltando um palavrão horroroso.

“Libertou-se, portanto, de sua aldeia?”, disse-me o gato velho. A carne que está nas mesas é feita para ser desejada de longe. É nas goteiras que se precisa procurar”.

Jamais pude compreender que a carne das cozinhas não pertencesse aos gatos. Meu estômago começava a reclamar seriamente. O gato velho acabou de me desesperar, dizendo que era preciso aguardar a noite. Então descenderemos à rua e vasculharemos as latas de lixo. Aguardar a noite! Ele dizia isso tranquilamente, como filósofo inveterado. Quanto a mim, senti-me desfalecer, ao simples pensamento desse jejum prolongado.

IV

A noite chegou lentamente, uma noite de nevoeiro que me enregelou. Em breve, caiu a chuva, fina, penetrante, açoitada por súbitos sopros de vento. Des-

ceamos pelo vão envidraçado de uma escada. Como a rua me parecia medonha! Não existia mais o bom calor, o sol forte, os telhados iluminados onde se chafurdava tão deliciosamente. Minhas patas deslizavam na calçada engordurada. Recordei, com tristeza, os meus três cobertores e meu travesseiro de penas.

Mal chegamos à rua, meu amigo, o gato velho, se pôs a tremer. Fez-se pequeno, pequeno, e se esgueirou dissimuladamente ao longo do casario, dizendo-me que o seguisse com a máxima rapidez. Assim que encontrou um portão para carruagens, ali se refugiou depressa, deixando escapar um ronronar de satisfação.

Como o interroguei sobre essa fuga:

“Viu aquele homem que tinha um cesto e um gancho?, me perguntou.

- Sim.

- Pois bem! Se ele nos tivesse visto, nos mataria e nos comeria no espeto!

- Comidos no espeto! gritei. Mas a rua, portanto, não é nossa? Não se come e se é comido!”

V

Entretanto, o lixo havia sido despejado, diante das portas. Vasculhei as latas desesperadamente. Encontrei dois ou três ossos magros que estavam espalhados entre as cinzas. Foi então que compreendi o quanto o bofe fresco é succulento. Meu amigo, o gato velho, fuçava o lixo com gosto. Ele me fez correr até de manhã, visitando cada calçada, sem pressa. Durante quase dez horas tomei chuva, tirei todo de frio. Maldita rua, maldita liberdade, e como tive saudade de minha prisão!

De dia, o gato velho, vendo que eu cambaleava:

“Já está farto disso? Perguntou-me com um ar estranho.

- Oh! Sim, respondi.

- Quer voltar para casa?

- Certamente, mas como reencontrar a casa?

- Venha. Nessa manhã, vendo-o sair, compreendi que um gato gordo como você não era feito para as alegrias difíceis da liberdade. Conheço sua morada, vou colocá-lo em sua porta”.

Ele dizia isso com simplicidade, o digno gato velho. Quando chegamos:

“Adeus, disse-me ele, sem manifestar a menor emoção.

- Não, gritei, não nos separaremos assim. Você virá comigo. Dividiremos o mesmo leite e a mesma carne. Minha dona é uma boa mulher...”

Ele não me deixou terminar.

“Cale-se, disse bruscamente, você é um tolo. Eu morreria em sua tepidez indolente. Sua vida de abundância é boa para os gatos bastardos. Os gatos livres nunca comprarão, ao preço de uma prisão, seu aconchego e seu travesseiro de penas... Adeus”.

E subiu para os seus telhados. Vi sua grande silhueta magra estremecer de contentamento com as carícias do sol nascente.

Quando entrei, sua tia pegou a palmatória e me deu um corretivo que recebi com uma profunda alegria. Saboreei plenamente o prazer de ter calor e ser batido. Enquanto ela me golpeava, eu sonhava com as delícias da carne que ela me daria em seguida.

VI

Veja — concluiu meu gato, alongando-se em frente às brasas —, a verdadeira felicidade, o paraíso, meu caro dono, é ser encerrado e batido em uma peça em que haja carne.

Eu falo para os gatos.

L'horloge

Charles Baudelaire

Les Chinois voient l'heure dans l'oeil des chats.

Un jour, un missionnaire, se promenant dans la banlieue de Nankin, s'aperçut qu'il avait oublié sa montre, et demanda à un petit garçon quelle heure il était.

Le gamin du Céleste Empire hésita d'abord ; puis, se ravisant, il répondit :

« Je vais vous le dire. »

Peu d'instantes après, il reparut, tenant dans ses bras un fort gros chat, et le regardant, comme on dit, dans le blanc des yeux, il affirma sans hésiter :

« Il n'est pas encore tout à fait midi. »

Ce qui était vrai.

Pour moi, si je me penche vers la belle Féline, la si bien nommé, qui est à la fois l'honneur de son sexe, l'orgueil de mon coeur et le parfum de mon esprit, que ce soit la nuit, que ce soit le jour, dans la pleine lumière ou dans l'ombre opaque, au fond de ses yeux adorables je vois toujours l'heure distinctement, toujours la même, une heure vaste, solennelle, grande, comme l'espace, sans divisions de minutes ni de secondes — une heure immobile qui n'est pas marquée sur les horloges, et cependant légère comme un soupir, rapide comme un coup d'oeil.

Et si quelque importun venait me déranger pendant que mon regard repose sur ce délicieux cadran, si quelque Génie malhonnête et intolérant, quelque Démon du contre-temps venait me dire :

« Que regardes-tu là avec tant de soin ? Que cherches-tu dans les yeux de cet être ? Y vois-tu l'heure, mortel prodigue et fainéant ? », je répondrais sans hésiter : « Oui, je vois l'heure : il est l'Eternité ! »

N'est-ce pas, madame, que voici un madrigal vraiment méritoire, et aussi emphatique que vous-même ? En vérité, j'ai eu tant de plaisir à broder cette prétentieuse galanterie, que je ne vous demanderai rien en échange.

O relógio

Charles Baudelaire

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli²

Os chineses vêem as horas nos olhos dos gatos.

Um dia, um missionário que passeava no subúrbio de Nanquim percebeu que havia esquecido seu relógio, e perguntou a um menino que horas eram.

² Aluna do Bacharelado em Português/Espanhol; Bacharel em Letras – Português/Francês; Licenciada em Filosofia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O garoto do Império Celestial inicialmente hesitou, em seguida, reconsiderando, respondeu:

“Vou lhe dizer”.

Poucos instantes após, reapareceu segurando em seus braços um grande gato gordo e olhando-o, como se diz, no branco dos olhos, afirmou sem hesitar:

“Não é ainda exatamente meio-dia”.

O que era verdade.

Para mim, se me inclino para a bela Felina, a de tal modo chamada, que é ao mesmo tempo a honra do seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume de meu espírito, quer seja noite ou seja dia, na plena luz ou na sombra opaca, no fundo de seus olhos adoráveis eu vejo sempre a hora distintamente, sempre a mesma, uma hora ampla, solene, grande, como o espaço, sem divisões de minutos nem de segundos – uma hora imóvel que não está marcada nos relógios e, no entanto, suave como um suspiro, rápida como um olhar.

E se algum importuno viesse me interromper, enquanto meu olhar se fixa nesse delicioso mostrador de relógio, se algum Gênio desonesto e intolerante, algum Demônio do contratempo viesse me dizer:

“O que olhas aí com tanta atenção? O que procuras nos olhos desse ser? Vês neles as horas, mortal pródigo e preguiçoso?”, eu responderia sem hesitar: “Sim, vejo a hora: é a Eternidade”.

Não é, senhora, que aqui está um madrigal verdadeiramente merecedor, e tão enfático quanto a senhora? Na verdade, tive tanto prazer em enfeitar este pretensioso galanteio que não vos pedirei nada em troca.

Inglês

Tradução: Francisco Araújo da Costa¹

Revisão: Prof^a. Rosalia N. Garcia

Hector Hugh Munro (1870-1916)

Também conhecido como Saki, é conhecido pelo humor espirituoso de seus contos, que satirizavam a sociedade inglesa do início do século XX. Suas obras mais famosas incluem “Reginald”, “A Janela Aberta”, “Sredni Vashtar” e “Tobermory”.

UFRGS

¹Aluno do curso de Letras - Bacharelado em Inglês/Português, UFRGS

Tobermory

by Saky

It was a chill, rain-washed afternoon of a late August day, that indefinite season when partridges are still in security or cold storage, and there is nothing to hunt—unless one is bounded on the north by the Bristol Channel, in which case one may lawfully gallop after fat red stags. Lady Blemley's house-party was not bounded on the north by the Bristol Channel, hence there was a full gathering of her guests round the tea-table on this particular afternoon. And, in spite of the blankness of the season and the triteness of the occasion, there was no trace in the company of that fatigued restlessness which means a dread of the pianola and a subdued hankering for auction bridge. The undisguised open-mouthed attention of the entire party was fixed on the homely negative personality of Mr. Cornelius Appin. Of all her guests, he was the one who had come to Lady Blemley with the vaguest reputation. Some one had said he was "clever," and he had got his invitation in the moderate expectation, on the part of his hostess, that some portion at least of his cleverness would be contributed to the general entertainment. Until tea-time that day she had been unable to discover in what direction, if any, his cleverness lay. He was neither a wit nor a croquet champion, a hypnotic force nor a begetter of amateur theatricals. Neither did his exterior suggest the sort of man in whom women are willing to pardon a generous measure of mental deficiency. He had subsided into mere Mr. Appin, and the Cornelius seemed a piece of transparent baptismal bluff. And now he was claiming to have launched on the world a discovery beside which the invention of gunpowder, of the printing-press, and of steam locomotion were inconsiderable trifles. Science had made bewildering strides in many directions during recent decades, but this thing seemed to belong to the domain of miracle rather than to scientific achievement.

"And do you really ask us to believe," Sir Wilfrid was saying, "that you have discovered a means for instructing animals in the art of human speech, and that dear old Tobermory has proved your first successful pupil?"

"It is a problem at which I have worked for the last seventeen years," said Mr. Appin, "but only during the last eight or nine months have I been rewarded with glimmerings of success. Of course I have experimented with thousands of animals, but latterly only with cats, those wonderful creatures which have assimilated themselves so marvellously with our civilization while retaining all their highly developed feral instincts. Here and there among cats one comes across an outstanding superior intellect, just as one does among the ruck of human beings, and when I made the acquaintance of Tobermory a week ago I saw at once that I was in contact with a "Beyond-cat" of extraordinary intelligence. I had gone far along the road to success in recent experiments; with Tobermory, as you call him, I have reached the goal."

Mr. Appin concluded his remarkable statement in a voice which he strove to

divest of a triumphant inflection. No one said "Rats," though Clovis's lips moved in a monosyllabic contortion, which probably invoked those rodents of disbelief.

"And do you mean to say," asked Miss Resker, after a slight pause, "that you have taught Tobermory to say and understand easy sentences of one syllable?"

"My dear Miss Resker," said the wonder-worker patiently, "one teaches little children and savages and backward adults in that piecemeal fashion; when one has once solved the problem of making a beginning with an animal of highly developed intelligence one has no need for those halting methods. Tobermory can speak our language with perfect correctness."

This time Clovis very distinctly said, "Beyond-rats!" Sir Wilfred was more polite but equally sceptical.

"Hadn't we better have the cat in and judge for ourselves?" suggested Lady Blemley.

Sir Wilfred went in search of the animal, and the company settled themselves down to the languid expectation of witnessing some more or less adroit drawing-room ventriloquism.

In a minute Sir Wilfred was back in the room, his face white beneath its tan and his eyes dilated with excitement.

"By Gad, it's true!"

His agitation was unmistakably genuine, and his hearers started forward in a thrill of wakened interest.

Collapsing into an armchair he continued breathlessly:

"I found him dozing in the smoking-room, and called out to him to come for his tea. He blinked at me in his usual way, and I said, 'Come on, Toby; don't keep us waiting' and, by Gad! he drawled out in a most horribly natural voice that he'd come when he dashed well pleased! I nearly jumped out of my skin!"

Appin had preached to absolutely incredulous hearers; Sir Wilfred's statement carried instant conviction. A Babel-like chorus of startled exclamation arose, amid which the scientist sat mutely enjoying the first fruit of his stupendous discovery.

In the midst of the clamour Tobermory entered the room and made his way with velvet tread and studied unconcern across the group seated round the tea-table.

A sudden hush of awkwardness and constraint fell on the company. Somehow there seemed an element of embarrassment in addressing on equal terms a domestic cat of acknowledged dental ability.

"Will you have some milk, Tobermory?" asked Lady Blemley in a rather strained voice.

"I don't mind if I do," was the response, couched in a tone of even indifference. A shiver of suppressed excitement went through the listeners, and Lady Blemley might be excused for pouring out the saucerful of milk rather unsteadily.

"I'm afraid I've spilt a good deal of it," she said apologetically.

"After all, it's not my Axminster," was Tobermory's rejoinder.

Another silence fell on the group, and then Miss Resker, in her best district-visitor manner, asked if the human language had been difficult to learn. Tobermory

looked squarely at her for a moment and then fixed his gaze serenely on the middle distance. It was obvious that boring questions lay outside his scheme of life.

"What do you think of human intelligence?" asked Mavis Pellington lamely.

"Of whose intelligence in particular?" asked Tobermory coldly.

"Oh, well, mine for instance," said Mavis with a feeble laugh.

"You put me in an embarrassing position," said Tobermory, whose tone and attitude certainly did not suggest a shred of embarrassment. "When your inclusion in this house-party was suggested Sir Wilfrid protested that you were the most brainless woman of his acquaintance, and that there was a wide distinction between hospitality and the care of the feeble-minded. Lady Blemley replied that your lack of brain-power was the precise quality which had earned you your invitation, as you were the only person she could think of who might be idiotic enough to buy their old car. You know, the one they call 'The Envy of Sisyphus,' because it goes quite nicely up-hill if you push it."

Lady Blemley's protestations would have had greater effect if she had not casually suggested to Mavis only that morning that the car in question would be just the thing for her down at her Devonshire home.

Major Barfield plunged in heavily to effect a diversion.

"How about your carryings-on with the tortoise-shell puss up at the stables, eh?"

The moment he had said it every one realized the blunder.

"One does not usually discuss these matters in public," said Tobermory frigidly. "From a slight observation of your ways since you've been in this house I should imagine you'd find it inconvenient if I were to shift the conversation to your own little affairs."

The panic which ensued was not confined to the Major.

"Would you like to go and see if cook has got your dinner ready?" suggested Lady Blemley hurriedly, affecting to ignore the fact that it wanted at least two hours to Tobermory's dinner-time.

"Thanks," said Tobermory, "not quite so soon after my tea. I don't want to die of indigestion."

"Cats have nine lives, you know," said Sir Wilfred heartily.

"Possibly," answered Tobermory; "but only one liver."

"Adelaide!" said Mrs. Cornett, "do you mean to encourage that cat to go out and gossip about us in the servants' hall?"

The panic had indeed become general. A narrow ornamental balustrade ran in front of most of the bedroom windows at the Towers, and it was recalled with dismay that this had formed a favourite promenade for Tobermory at all hours, whence he could watch the pigeons—and heaven knew what else besides. If he intended to become reminiscent in his present outspoken strain the effect would be something more than disconcerting. Mrs. Cornett, who spent much time at her toilet table, and whose complexion was reputed to be of a nomadic though

punctual disposition, looked as ill at ease as the Major. Miss Scrawen, who wrote fiercely sensuous poetry and led a blameless life, merely displayed irritation; if you are methodical and virtuous in private you don't necessarily want everyone to know it. Bertie van Tahn, who was so depraved at 17 that he had long ago given up trying to be any worse, turned a dull shade of gardenia white, but he did not commit the error of dashing out of the room like Odo Finsberry, a young gentleman who was understood to be reading for the Church and who was possibly disturbed at the thought of scandals he might hear concerning other people. Clovis had the presence of mind to maintain a composed exterior; privately he was calculating how long it would take to procure a box of fancy mice through the agency of the *Exchange and Mart* as a species of hush-money.

Even in a delicate situation like the present, Agnes Resker could not endure to remain long in the background.

"Why did I ever come down here?" she asked dramatically.

Tobermory immediately accepted the opening.

"Judging by what you said to Mrs. Cornett on the croquet-lawn yesterday, you were out of food. You described the Blemleys as the dullest people to stay with that you knew, but said they were clever enough to employ a first-rate cook; otherwise they'd find it difficult to get any one to come down a second time."

"There's not a word of truth in it! I appeal to Mrs. Cornett—" exclaimed the discomfited Agnes.

"Mrs. Cornett repeated your remark afterwards to Bertie van Tahn," continued Tobermory, "and said, 'That woman is a regular Hunger Marcher; she'd go anywhere for four square meals a day,' and Bertie van Tahn said—"

At this point the chronicle mercifully ceased. Tobermory had caught a glimpse of the big yellow tom from the Rectory working his way through the shrubbery towards the stable wing. In a flash he had vanished through the open French window.

With the disappearance of his too brilliant pupil Cornelius Appin found himself beset by a hurricane of bitter upbraiding, anxious inquiry, and frightened entreaty. The responsibility for the situation lay with him, and he must prevent matters from becoming worse. Could Tobermory impart his dangerous gift to other cats? was the first question he had to answer. It was possible, he replied, that he might have initiated his intimate friend the stable puss into his new accomplishment, but it was unlikely that his teaching could have taken a wider range as yet.

"Then," said Mrs. Cornett, "Tobermory may be a valuable cat and a great pet; but I'm sure you'll agree, Adelaide, that both he and the stable cat must be done away with without delay."

"You don't suppose I've enjoyed the last quarter of an hour, do you?" said Lady Blemley bitterly. "My husband and I are very fond of Tobermory—at least, we were before this horrible accomplishment was infused into him; but now, of course, the only thing is to have him destroyed as soon as possible."

"We can put some strychnine in the scraps he always gets at dinner-time," said Sir Wilfred, "and I will go and drown the stable cat myself. The coachman will be very sore at losing his pet, but I'll say a very catching form of mange has broken out in both cats and we're afraid of it spreading to the kennels."

"But my great discovery!" expostulated Mr. Appin; "after all my years of research and experiment—"

"You can go and experiment on the short-horns at the farm, who are under proper control," said Mrs. Cornett, "or the elephants at the Zoological Gardens. They're said to be highly intelligent, and they have this recommendation, that they don't come creeping about our bedrooms and under chairs, and so forth."

An archangel ecstatically proclaiming the Millennium, and then finding that it clashed unpardonably with Henley and would have to be indefinitely postponed, could hardly have felt more crestfallen than Cornelius Appin at the reception of his wonderful achievement. Public opinion, however, was against him—in fact, had the general voice been consulted on the subject it is probable that a strong minority vote would have been in favour of including him in the strychnine diet.

Defective train arrangements and a nervous desire to see matters brought to a finish prevented an immediate dispersal of the party, but dinner that evening was not a social success. Sir Wilfred had had rather a trying time with the stable cat and subsequently with the coachman. Agnes Resker ostentatiously limited her repast to a morsel of dry toast, which she bit as though it were a personal enemy; while Mavis Pellington maintained a vindictive silence throughout the meal. Lady Blemley kept up a flow of what she hoped was conversation, but her attention was fixed on the doorway. A plateful of carefully dosed fish scraps was in readiness on the sideboard, but the sweets and savoury and dessert went their way, and no Tobermory appeared in the dining-room or kitchen.

The sepulchral dinner was cheerful compared with the subsequent vigil in the smoking-room. Eating and drinking had at least supplied a distraction and cloak to the prevailing embarrassment. Bridge was out of the question in the general tension of nerves and tempers, and after Odo Finsberry had given a lugubrious rendering of 'Melisande in the Wood' to a frigid audience, music was tacitly avoided. At eleven the servants went to bed, announcing that the small window in the pantry had been left open as usual for Tobermory's private use. The guests read steadily through the current batch of magazines, and fell back gradually on the "Badminton Library" and bound volumes of *Punch*. Lady Blemley made periodic visits to the pantry, returning each time with an expression of listless depression which forestalled questioning.

At two o'clock Clovis broke the dominating silence.

"He won't turn up tonight. He's probably in the local newspaper office at the present moment, dictating the first installment of his reminiscences. Lady What's-her-name's book won't be in it. It will be the event of the day."

Having made this contribution to the general cheerfulness, Clovis went to bed. At long intervals the various members of the house-party followed his example.

The servants taking round the early tea made a uniform announcement in reply to a uniform question. Tobermory had not returned.

Breakfast was, if anything, a more unpleasant function than dinner had been, but before its conclusion the situation was relieved. Tobermory's corpse was brought in from the shrubbery, where a gardener had just discovered it. From the bites on his throat and the yellow fur which coated his claws it was evident that he had fallen in unequal combat with the big Tom from the Rectory.

By midday most of the guests had quitted the Towers, and after lunch Lady Blemley had sufficiently recovered her spirits to write an extremely nasty letter to the Rectory about the loss of her valuable pet.

Tobermory had been Appin's one successful pupil, and he was destined to have no successor. A few weeks later an elephant in the Dresden Zoological Garden, which had shown no previous signs of irritability, broke loose and killed an Englishman who had apparently been teasing it. The victim's name was variously reported in the papers as Oppin and Eppelin, but his front name was faithfully rendered Cornelius.

"If he was trying German irregular verbs on the poor beast," said Clovis, "he deserved all he got."

Tobermory

Por Saki

Era uma tarde fria e chuvosa de fim de Agosto, aquela estação indefinida quando as perdizes ainda estão em segurança ou refrigeradas, e não há nada para caçar — a menos que sua fronteira ao norte seja o Canal de Bristol¹, onde se pode galopar legalmente atrás de gordos veados vermelhos. O grupo de Lady Blemley não tinha o Canal de Bristol ao seu norte, então havia uma reunião completa de seus convidados ao redor da mesa de chá nesta tarde em particular. E, apesar da insignificância da estação e da trivialidade da ocasião, não havia traços entre a companhia daquela agitação cansada que significa um medo da pianola e um desejo contido por *auction bridge*². A atenção óbvia e de boca aberta de todo grupo estava fixada sobre a simples personalidade negativa do Sr. Cornelius Appin. De todos os convidados, ele era o que viera a Lady Blemley com a reputação mais vaga. Alguém havia dito que ele era "esperto", e ele havia recebido seu

¹ Canal de Bristol: Braço do Oceano Atlântico que separa o País de Gales do Sudoeste da Inglaterra.

² Auction Bridge: forma antiga do jogo de bridge.

convite com a expectativa moderada, por parte de sua anfitriã, que pelo menos parte de sua esperteza contribuiria para o entretenimento geral. Até a hora do chá daquele dia ela fora incapaz de descobrir em que direção, se alguma, sua esperteza seguia. Ele não era sagaz ou campeão de croqué, força hipnótica ou provocador de teatro amador. Seu exterior também não sugeria o tipo de homem que as mulheres se dispõem a perdoar uma medida generosa de deficiência mental. Ele tinha se reduzido ao mero Sr. Appin, e o Cornelius parecia um transparente blefe batismal. E agora ele dizia estar lançando ao mundo uma descoberta que tornava a invenção da pólvora, dos tipos móveis e do motor a vapor ninharias indignas de consideração. A ciência dera passos desnorteantes em muitas direções durante as últimas décadas, mas esta coisa parecia pertencer ao domínio do milagre e não da conquista científica.

“E você realmente quer que acreditemos”, dizia Sir Wilfrid, “que você descobriu um meio de instruir os animais na arte da fala humana, e que o nosso caro Tobermory se mostrou seu primeiro pupilo de sucesso?”

“Trabalhei neste problema durante os últimos dezessete anos”, disse o Sr. Appin, “mas foi apenas nos últimos oito ou nove meses que fui recompensado com vislumbres do sucesso. É claro que experimentei com milhares de animais, mas ultimamente apenas com gatos, aquelas criaturas incríveis que se assimilaram tão maravilhosamente à nossa civilização, mantendo ao mesmo tempo seus instintos ferais altamente desenvolvidos. Aqui e ali, entre os gatos, se encontra um intelecto superior de destaque, assim como entre a malta de seres humanos, e quando fui apresentado a Tobermory semana passada, vi imediatamente que estava em contato com um “Super-Gato” de inteligência extraordinária. Eu cheguei muito perto do sucesso nas últimas experiências; com Tobermory, como vocês o chamam, eu consegui”.

O Sr. Appin terminou sua notável afirmação em uma voz que tentou despir de inflexões triunfantes. Ninguém disse “ratos”, apesar dos lábios de Clovis terem se movido em uma contorção dissilábica que provavelmente invocava aqueles roedores da descrença.

“E você quer dizer”, perguntou Miss Resker após uma pequena pausa, “que ensinou Tobermory a dizer e compreender frases simples de uma sílaba?”

“Minha cara Miss Resker”, disse pacientemente o milagreiro, “assim aos poucos se ensina criancinhas e selvagens e adultos atrasados; quando se resolveu o problema de como começar com um animal de inteligência altamente desenvolvida, estes métodos truncados são desnecessários. Tobermory fala nossa língua com correção perfeita”.

Desta vez Clovis disse distintamente “Super-Ratos!” Sir Wilfrid foi mais bem-educado, mas igualmente cético.

“Não seria melhor trazermos o gato aqui e decidir por nós mesmos”, sugeriu Lady Blemley.

Sir Wilfrid foi procurar o animal, e a companhia se acomodou na expectativa lânguida de assistir ventriloquismo de salão mais ou menos hábil.

Em um minuto, Sir Wilfrid estava de volta na sala, seu rosto branco sob seu bronzeado e seus olhos dilatados com entusiasmo.

“Por Deus, é verdade!”

Sua agitação era inegavelmente genuína, e seus ouvintes se aproximaram em uma comoção de interesse recém-desperto.

Caindo na cadeira ele continuou sem fôlego: “eu o encontrei cochilando na sala de fumar e o chamei para vir tomar seu chá. Ele piscou para mim do seu jeito de sempre e eu disse ‘Vamos lá, Toby; não nos deixe esperando’; e, por Deus!, ele falou em uma voz arrastada e horrivelmente natural que viria quando bem entendesse! Eu quase caí duro!”

Appin pregara para ouvintes absolutamente incrédulos; a afirmação de Sir Wilfrid tinha convicção instantânea. Um coro de Babel de exclamações assustadas começou, e no meio deste o cientista sentava-se, mudo, aproveitando o primeiro fruto de sua descoberta estupenda.

No meio do clamor, Tobermory entrou na sala e caminhou com passo de veludo e despreocupação estudada através do grupo sentado próximo à mesa de chá.

Um súbito silêncio de estranheza e constrangimento caiu sobre a companhia. De algum modo, parecia haver um elemento de vergonha em falar de igual para igual com um gato doméstico de habilidades mentais reconhecidas.

“Quer um pouco de leite, Tobermory?” perguntou Lady Blemley, em uma voz um tanto forçada.

“Pode ser”, foi a resposta, em um tom de calma indiferença. Um arrepio de comoção suprimida atravessou os ouvintes, e Lady Blemley poderia ser desculpada por servir tremendo o pires de leite.

“Temo que derramei bastante”, ela disse, apologética.

“Afinal, não é o meu tapete Axminster”, foi a resposta de Tobermory.

Outro silêncio caiu sobre o grupo, e então Miss Resker, com seus melhores modos de assistente paroquial, perguntou se a língua humana fora difícil de aprender. Tobermory olhou diretamente para ela por um momento, e então fixou seu olhar serenamente sobre o nada. Era óbvio que tais questões tediosas estavam fora de seu projeto de vida.

“O que você acha da inteligência humana?”, perguntou Mavis Pellington hesitante.

“A inteligência de quem especialmente?”, perguntou Tobermory com frieza.

“Oh, bem, a minha, por exemplo”, disse Mavis, com uma fraca risadinha.

“Você me coloca numa posição embaraçosa”, disse Tobermory, cujo tom e atitude certamente não sugeriam uma gota de embaraço. “Quando sua inclusão neste grupo foi sugerida, Sir Wilfrid protestou que você era a mulher mais acéfala

que ele conhecia, e que havia uma grande diferença entre hospitalidade e cuidado de deficientes mentais. Lady Blemley respondeu que sua falta de capacidade cerebral era exatamente a qualidade que a recomendava, já que você era a única pessoa que ela imaginava poder ser idiota o suficiente para comprar seu carro velho. Você sabe, aquele que eles chamam de 'A Inveja de Sísifo', porque sobe ladeiras tão bem quando é empurrado".

Os protestos de Lady Blemley teriam tido mais efeito se ela não tivesse, naquela mesma manhã, sugerido casualmente a Mavis que o carro em questão seria ideal para ela em sua casa em Devonshire.

O Major Barfield mergulhou com força para provocar uma distração.

"Que tal suas brincadeiras com a gatinha malhada nos estábulos, hein?"

No instante que falou, todos perceberam sua gafe.

"Geralmente não se discute estes assuntos em público", disse Tobermory friidamente. "Das minhas leves observações de seus modos desde que vim para esta casa, imagino que você acharia inconveniente se eu passasse a conversa para os seus próprios casinhos".

O pânico que se seguiu não foi confinado ao major.

"Você gostaria de ir ver se o cozinheiro está com seu jantar pronto?", sugeriu Lady Blemley apressadamente, afetando ignorar o fato que ainda havia pelo menos duas horas para o jantar de Tobermory.

"Obrigado", disse Tobermory, "não tão cedo depois do meu chá. Não quero morrer de indigestão".

"Gatos têm nove vidas, você sabe", disse Sir Wilfrid cordialmente.

"É possível", respondeu Tobermory; "mas só têm um fígado".

"Adelaide!", disse a Sra. Cornett, "você quer encorajar o gato a sair e fofocar sobre nós entre os criados?"

O pânico se tornara mesmo geral. Uma balastrada ornamental estreita corria em frente à maioria das janelas dos quartos nas Torres, e era lembrado com desânimo que este formava o passeio favorito de Tobermory a qualquer hora, pois assim ele podia vigiar os pombos – e Deus sabe o que mais. Se ele pretendia ficar nostálgico em sua forma falante atual, o efeito seria algo pior do que desconcertante. A Sra. Cornett, que passava muito tempo em sua toalete, e cuja tez dizia-se ser de uma disposição nômade, ainda que pontual, parecia tão pouco à vontade quanto o major. A Srta. Scrawen, que escrevia poesia ferozmente sensual e levava uma vida inatacável, meramente demonstrava irritação; se você é metódico e virtuoso na vida privada, você não quer necessariamente que todo mundo saiba disso. Bertie van Tahn, que era tão depravado aos dezessete anos que há muito desistira de tentar ser pior, ficou de um matiz opaca de branco-gardênia, mas não cometeu o erro de correr da sala como Odo Finsberry, um jovem cavalheiro que sabia-se estar estudando para a vida eclesiástica e que estava possivelmente perturbado pela idéia de escândalos que poderia ouvir sobre outras pessoas. Clovis teve a presença de espírito de manter um exterior

composto; por dentro, estava calculando quanto tempo levaria para conseguir uma caixa de camundongos de primeira através dos classificados de *Exchange and Mart* como uma espécie de suborno.

Mesmo em uma situação delicada como a atual, Agnes Resker não agüentava ficar tempo demais em segundo plano.

"Por que foi que vim para cá?", ela perguntou dramaticamente.

Tobermory imediatamente aceitou a abertura.

"A julgar pelo que disse à Sra. Cornett no gramado de croqué ontem, você queria comida. Você descreveu os Blemleys como os anfitriões mais chatos que você conhecia, mas disse que eram espertos o suficiente para empregar um cozinheiro de primeira linha; se não fosse por isso, eles teriam dificuldade em convencer qualquer um a vir uma segunda vez".

"Não há uma palavra de verdade nisso! Eu apelo à Sra. Cornett—" exclamou Agnes desconcertada.

"A Sra. Cornett repetiu sua observação a Bertie van Tahn mais tarde", continuou Tobermory, "e disse 'Aquela mulher parece uma miserável; ela iria a qualquer lugar por quatro refeições ao dia', e Bertie van Tahn disse—"

Neste ponto a crônica, piedosamente, cessou. Tobermory enxergou o grande gato amarelo da Reitoria passando pelos arbustos em direção aos estábulos. Ele sumiu como um raio através da veneziana aberta.

Com o desaparecimento de seu pupilo excessivamente brilhante, Cornelius Appin se descobriu atacado por um furacão de censuras amargas, perguntas ansiosas e súplicas assustadas. A responsabilidade pela situação ficava com ele, e ele devia impedir que o caso piorasse. Tobermory poderia passar seu perigoso dom para outros gatos? foi a primeira pergunta que ele precisou responder. Era possível, ele respondeu, que ele poderia ter ensinado sua nova descoberta à sua amiga íntima, a gata do estábulo, mas era improvável que estas lições já tivessem ido longe.

"Então", disse a Sra. Cornett, "Tobermory pode ser um gato valioso e um ótimo bicho de estimação, mas tenho certeza que você vai concordar, Adelaide, que devemos nos livrar dele e da gata do estábulo o quanto antes".

"Você não acha que eu gostei do último quarto de hora, acha?" disse Lady Blemley amargamente. "Meu marido e eu gostamos muito de Tobermory – ao menos, gostávamos antes desta realização horrível ser introduzida a ele; mas agora, é claro, a única coisa a fazer é sacrificá-lo assim que possível".

"Podemos pôr um pouco de estriquinina nos restos que ele sempre ganha no jantar", disse Sir Wilfrid, "e eu mesmo sairei e afogarei a gata do estábulo. O cocheiro vai ficar muito chateado em perder seu bicho, mas eu direi que os gatos pegaram um tipo contagioso de ronha e que estamos com medo que se espalhe para os canis".

"Mas minha grande descoberta!" postulou o Sr. Appin; "depois de todos os meus anos de pesquisa e experimentos—"

“Você pode sair e experimentar nas vacas Shorthorn da fazenda, que estão sob o controle apropriado”, disse a Sra. Cornett, “ou nos elefantes do Jardim Zoológico. Dizem que são muito inteligentes, e têm isto a recomendá-los, eles não se esgueiram nos nossos quartos e embaixo de nossas cadeiras e assim por diante”.

Um arcanjo extático proclamando o Milênio, e então descobrindo que seria imperdoavelmente no mesmo dia que a Regata Real de Henley e deveria ser adiado indefinidamente, dificilmente se sentiria mais descoroçoado do que Cornelius Appin na recepção de sua maravilhosa realização. A opinião pública, no entanto, estava contra ele – na verdade, se a voz geral tivesse sido consultada sobre o assunto, é provável que um forte voto minoritário tivesse sido a favor de incluí-lo na dieta de estriquinina.

Problemas com horários de trens e um desejo nervoso de terminar o caso preveniram a dispersão imediata do grupo, mas o jantar naquela noite não foi um sucesso social. Sir Wilfrid teve momentos difíceis com a gata do estábulo, e subsequentemente com o cocheiro. Agnes Resker limitou seu repasto ostensivamente a um bocado de torrada seca, que ela mordeu como se fosse um inimigo pessoal; e Mavis Pellington manteve um silêncio vingativo por toda refeição. Lady Blemely manteve o fluxo do que ela gostaria que estivesse na conversa, mas sua atenção estava fixa na porta. Um prato de restos de peixe cuidadosamente dosados estava pronto sobre o aparador, mas doces e petiscos e sobremesa passaram e nada de Tobermory aparecer na sala de jantar ou na cozinha.

O jantar sepulcral foi alegre em comparação com a vigília subsequente na sala de fumar. Comer e beber pelo menos distraía e disfarçava o embaraço geral. Bridge estava fora de questão na tensão geral de nervos e ânimos, e após Odo Finsberry dar sua interpretação lúgubre de “Melisande in the Wood³” a uma platéia frígida, a música foi evitada tacitamente. Às onze, os criados foram para cama, anunciando que a janelinha da despensa ficara aberta como sempre para o uso pessoal de Tobermory. Os convidados leram firmemente a leva atual de revistas, e recuaram gradualmente até a “Badminton Library” e volumes encadernados de *Punch*⁴. Lady Blemley fez visitas periódicas à despensa, voltando todas as vezes com uma expressão de depressão apática que prevenia perguntas.

Às duas, Clovis quebrou o silêncio dominante.

“Ele não vai voltar esta noite. Provavelmente está no escritório do jornal local agora mesmo, ditando a primeira parte de suas memórias. O livro de Lady Fulana não vai entrar. Será o evento do dia”.

Tendo dado sua contribuição à alegria geral, Clovis foi para cama. Após longos intervalos, os diversos membros do grupo seguiram seu exemplo.

³Música de Ethel Clifford & Alma Goetz, composta em 1902.

⁴Punch: revista inglesa de humor e sátira, fundada em 1841.

Os criados ao redor do chá matinal fizeram um anúncio uniforme em resposta à questão uniforme. Tobermory não voltara.

O café da manhã foi, se possível, uma função mais desagradável do que fora o jantar, mas antes de sua conclusão a situação foi aliviada. O cadáver de Tobermory foi trazido dos arbustos, onde o jardineiro acabara de descobri-lo. Pelas mordidas no pescoço e o pêlo amarelo que cobria suas garras, era evidente que tinha caído em combate desigual com o gato grande da Reitoria.

Ao meio-dia, a maioria dos convidados havia partido das Torres, e, após o almoço, Lady Blemley recuperara seus espíritos o suficiente para escrever uma carta extremamente desagradável à Reitoria sobre a perda de seu valioso animal de estimação.

Tobermory fora o único pupilo de sucesso de Appin, e estava destinado a não ter sucessor. Algumas semanas depois, um elefante no Jardim Zoológico de Dresden, que nunca mostrara sinais de irritabilidade antes, se soltou e matou um inglês que parecia estar provocando o animal. O nome da vítima apareceu nos jornais como Oppin e Eppelin, mas seu primeiro nome foi escrito fielmente como Cornelius.

“Se estava tentando verbos irregulares do alemão com a pobre criatura”, disse Clovis, “ele mereceu tudo que levou”.

Italiano

Tradução: Susana Termignoni¹

Carlo Alberto Salustri (Roma 1871-1950)

Trilussa é o pseudônimo de Carlo Alberto Salustri .

“É o poeta dialetal mais famoso de Itália, graças a uma linguagem romanesca que lhe concedeu o dom de fazer-se compreender por toda a gente”.

¹ Professora do setor de italiano do Instituto de Letras, UFRGS

Er compagno scompagno (original *romanesco*)

Carlo Alberto Salustri (Trilussa)

Un gatto, che faceva er socialista
Solo a lo scopo d'ariva' in un posto,
Se stava lavoranno un pollo arosto
Ne la cucina d'un capitalista.

Quanno da un finestrino su per aria
S'affacciò un antro gatto: – Amico mio,
– Pensa – je disse – che ce so' pur'io
Ch'appartengo a la classe proletaria.

Io che conosco bene l'idee tue,
So' certo che quer pollo che te magni,
Se vengo giù, sarà diviso in due:
Mezzo a te, mezzo a me... Semo compagni!...

– No, no – rispose er gatto senza core –
Io nun divido niente co' nessuno:
Fo er socialista quanno sto a diggiuno,
Ma quanno magno so' conservatore!...

O companheiro trapaceiro

Carlo Alberto Salustri (Trilussa)

Um gato, que se dizia socialista
Só com o intuito de chegar a deputado,
Estava mastigando um frango assado
Na cozinha de um capitalista.

Quando, numa janelinha bem sumária
Apareceu um outro gato: – Caro amigo,
Lembra – disse ele – que eu estou nessa contigo
Pois também pertenço à classe proletária.

Eu que conheço bem os teus anseios,
Estou certo que esse frango ainda inteiro,
Se eu for aí, será partido ao meio:
Metade pra ti, metade pra mim... Somos companheiros!...

– Ah... Essa não! – disse o gato sem pudor –
Não vou dividir frango algum:
Sou socialista quando estou em jejum,
Mas quando eu como sou conservador!...

Japonês

Revisão: Prof^a. Meiko Shimon

Kenji Miyazawa (1896 – 1933)

Nasceu como filho do próspero comerciante na cidade de Hanamaki, ao noroeste do Japão. Conhecido como um devoto budista e ativista social excêntrico, formou-se na Escola Superior Agrícola e Florestal de Morioka. Desde cedo, Miyazawa demonstrou sua indignação relativa a existência de diferença social. Um prolífico escritor de histórias infantis, escreveu muitas obras dos quais parecem ser superficialmente humorístico, incluem mensagens destinadas à educação e a sua insatisfação perante a desigualdade social.

Sua obra caracteriza-se pela utilização de onomatopéias e da descrição de jogo de luzes através das expressões miméticas, muitas delas peculiares à língua japonesa, o que enriquece o seu conteúdo fornecendo informações que insitam a sensibilidade auditiva e visual do leitor de forma mais direta.

Entre as obras mais conhecidas têm “O restaurante muitos pedidos”, “Matasaburo, o menino dos ventos”, “A noite da ferrovia Via-Láctea” e coletânea de poemas “A primavera e Ashura”.

Soseki Natsume (1867-1916)

Romancista, ensaísta, poeta, calígrafo e pintor. É um dos nomes mais marcantes na Literatura Moderna Japonesa. Nasceu e viveu em Tóquio, formou-se na Universidade Imperial de Tóquio, onde, mais tarde, tornou-se professor de Literatura Inglesa. Em seu primeiro romance *Eu sou um gato*, que alcançou o sucesso imediato e, ainda hoje, muito apreciado, o autor satiriza as vidas humanas transtornadas pela rápida e profunda transformação, devido ao processo de modernização do país. Em romances posteriores, como *E então* (1909) e *A alma* (1915), Soseki analisou com profundidade a psicologia do homem em conflito com a sociedade civilizada.

吾輩は猫である

夏目漱石

吾輩は猫である。名前はまだ無い。

どこで生れたかとんと見当がつかぬ。何でも薄暗いじめじめした所でニャーニャー泣いていた事だけは記憶している。吾輩はここで始めて人間というものを見た。しかもあとで聞くとそれは書生という人間中で一番野蛮な種族であったそうだ。この書生というのは時々我々を捕えて煮て食うという話である。しかしその当時は何という考もなかったから別段恐いとも思わなかった。ただ彼の掌に載せられてスーと持ち上げられた時何だかフワフワした感じがあったばかりである。掌の上で少し落ちついて書生の顔を見たのがいわゆる人間というものの見始であろう。この時妙なものだと思った感じが今でも残っている。第一毛をもって装飾されべきはずの顔がつるつるしてまるで薬缶だ。その後猫にもだいぶ逢ったがこんな片輪には一度も出会わした事がない。のみならず顔の真中があまりに突起している。そうしてその穴の中から時々ぷうぷうと煙を吹く。どうも咽せばくて実に弱った。これが人間の飲む煙草というものである事はようやくこの頃知った。

この書生の掌の裏でしばらくはよい心持に坐っておったが、しばらくすると非常な速力で運転し始めた。書生が動くのか自分だけが動くのか分らないが無暗に眼が廻る。胸が悪くなる。到底助からないと思っていると、どさりと音がして眼から火が出た。それまでは記憶しているがあとは何の事やらいくら考え出そうとしても分らない。

ふと気が付いて見ると書生はいない。たくさんおった兄弟が一足も見えぬ。肝心の母親さえ姿を隠してしまった。その上今までの所とは違って無暗に明るい。眼を明いていられぬくらいだ。はてな何でも容子がおかしいと、のそのそ這い出して見ると非常に痛い。吾輩は藁の上から急に笹原の中へ棄てられたのである。

ようやくの思いで笹原を這い出すと向うに大きな池がある。吾輩は池の前に坐ってどうしたらよからうと考えて見た。別にこれという分別も出ない。しばらくして泣いたら書生がまた迎に来てくれるかと考え付いた。ニャー、ニャーと試みにやって見たが誰も来ない。そのうち池の上をさらさらと風が渡って日が暮れかかる。腹が非常に減って来た。泣きたくても声が出ない。仕方がない何でもよいから食物のある所まであるこうと決心をしてそろりそろりと池を左りに廻り始めた。どうも非常に苦しい。そこを我慢して無理やりに這って行くとうまくの事で何となく人間臭い所へ出た。ここへ這入ったら、どうにかなると思って竹垣の崩れた穴から、とある邸内にもぐり込んだ。縁は不思議なもので、もしこの竹垣が破れていなかったなら、吾輩はついに路傍に餓死したかも知れんのである。一樹の蔭とはよく云ったものだ。この垣根の穴は今日に至

るまで吾輩が隣家の三毛を訪問する時の通路になっている。さて邸へは忍び込んだもののこれから先どうして善いか分らない。そのうちに暗くなる、腹は減る、寒さは寒し、雨が降って来るという始末でもう一刻の猶予が出来なくなった。仕方がないからとにかく明るくて暖かそうな方へ方へとあるいて行く。今から考えるとその時はすでに家の内に這入っておったのだ。ここで吾輩は彼の書生以外の人間を再び見るべき機会に遭遇したのである。第一に逢ったのがおさんである。これは前の書生より一層乱暴な方で吾輩を見るや否やいきなり頸筋をつかんで表へ抛り出した。いやこれは駄目だと思ったから眼をねぶって運を天に任せていた。しかしひもじいのと寒いのはどうしても我慢が出来ん。吾輩は再びおさんの隙を見て台所へ這い上った。すると間もなくまた投げ出された。吾輩は投げ出されては這い上り、這い上っては投げ出され、何でも同じ事を四五遍繰り返したのを記憶している。その時におさんと云う者はつくづくいやになった。この間おさんの三馬を偷んでこの返報をしてやってから、やっと胸の痞が下りた。吾輩が最後につまみ出されようとしたときに、この家の主人が騒々しい何だといいながら出て来た。下女は吾輩をぶら下げて主人の方へ向けてこの宿なしの小猫がいくら出しても出しても御台所へ上って来て困りますという。主人は鼻の下黒い毛を撚りながら吾輩の顔をしばらく眺めておったが、やがてそんなら内へ置いてやれといったまま奥へ這入ってしまった。主人はあまり口を聞かぬ人と見えた。下女は口惜しそうに吾輩を台所へ抛り出した。かくして吾輩はついにこの家を自分の住家と極める事にしたのである。

吾輩の主人は滅多に吾輩と顔を合せる事がない。職業は教師だそうだ。学校から帰ると終日書齋に這入ったぎりほとんど出て来る事がない。家のものは大変な勉強家だと思っている。当人も勉強家であるかのごとく見せている。しかし実際はうちのものがいような勤勉家ではない。吾輩は時々忍び足に彼の書齋を覗いて見るが、彼はよく昼寝をしている事がある。時々読みかけてある本の上に涎をたらしている。彼は胃弱で皮膚の色が淡黄色を帯びて弾力のない不活潑な徴候をあらわしている。その癖に大飯を食う。大飯を食った後でタカジャスターゼを飲む。飲んだ後で書物をひろげる。二三ページ読むと眠くなる。涎を本の上へ垂らす。これが彼の毎夜繰り返す日課である。吾輩は猫ながら時々考える事がある。教師というものは実に楽なものだ。人間と生れたら教師となるに限る。こんなに寝ていて勤まるものなら猫にでも出来ぬ事はないと。それでも主人に云わせると教師ほどつらいものはないそうで彼は友達が来る度に何とかかんとか不平を鳴らしている。

吾輩がこの家へ住み込んだ当時は、主人以外のものにははなはだ不人望であった。どこへ行っても跳ね付けられて相手にしてくれ手がなかった。いかに珍重されなかったかは、今日に至るまで名前さえつけてくれないのでも分る。吾輩は仕方がないから、出来得る限り吾輩を入れてくれた主人の傍に居る事をつとめた。朝主人が新聞を読むときは必ず彼の膝の上に乗る。彼が昼寝をするときは必ずその背中に乗る。これはあながち主人が好きという訳ではないが別に構い手がなかったからやむを得るのである。その後いろいろ経験の上、朝は飯櫃の上、夜は炬燵の上、天気の良い日は縁側へ寝る事とした。しかし一番心持の好いのは夜に入ってここのうちの小供の寝床へもぐり込んでいっしょに居る事である。この小供というのは五つと三つで夜になると二人が一つ床へ入って一間へ寝る。吾輩はいつでも彼等の中間に己れを容るべき余地を見出してどう

にか、こうにか割り込むのであるが、運悪く小供の一人が眼を醒ますが最後大変な事になる。小供は—ことに小さい方が質がわるい—猫が来た猫が来たといつて夜中でも何でも大きな声で泣き出すのである。すると例の神経胃弱性の主人は必ず眼をさまして次の部屋から飛び出してくる。現にせんだってなどは物指で尻べたをひどく叩かれた。

吾輩は人間と同居して彼等を観察すればするほど、彼等は我儘なものと断言せざるを得ないようになった。ことに吾輩が時々同衾する小供のごときに至っては言語同断である。自分の勝手な時は人を逆さにしたり、頭へ袋をかぶせたり、抛り出したり、へつついの中へ押し込んだりする。しかも吾輩の方で少しでも手出しをしようものなら家内総がかりで追い廻して迫害を加える。この間もちょっと畳で爪を磨いたら細君が非常に怒ってそれから容易に座敷へ入れない。台所の板の間で他が顫えていても一向平気なものである。吾輩の尊敬する筋向の白君などは逢う度毎に人間ほど不人情なものはないと言っておらる。白君は先日玉のような子猫を四足産まれたのである。ところがその家の書生が三日目にそいつを裏の池へ持って行って四足ながら棄てて来たそう。白君は涙を流してその一部始終を話した上、どうしても我等猫族が親子の愛を完くして美しい家族的生活をするには人間と戦ってこれを剿滅せねばならぬといわれた。一々もつもの議論と思う。また隣の三毛君などは人間が所有権という事を解していないといって大に憤慨している。元来我々同族間では目刺の頭でも鰯の膾でも一番先に見付けたものがこれを食う権利があるものとなっている。もし相手がこの規約を守らなければ腕力に訴えて善いくらいのものだ。しかるに彼等人間は毫もこの観念がないと見えて我等が見付けた御馳走は必ず彼等のために掠奪せらるるのである。彼等はその強力を頼んで正当に吾人が食い得べきものを奪ってすましている。白君は軍人の家におり三毛君は代言の主人を持っている。吾輩は教師の家に住んでいるだけ、こんな事に関すると両君よりもむしろ楽天である。ただその日その日がどうにかこうにか送られればよい。いくら人間だって、そういつまでも栄える事もあるまい。まあ気を永く猫の時節を待つがよからう。

我儘で思い出したからちょっと吾輩の家の主人がこの我儘で失敗した話をしよう。元来この主人は何といつて人に勝れて出来る事もないが、何にでもよく手を出したがる。俳句をやつてほととぎすへ投書をしたり、新体詩を明星へ出したり、間違ひだらけの英文をかいいたり、時によると弓に凝ったり、謡を習ったり、またあるときはヴァイオリンなどをブービー鳴らしたりするが、気の毒な事には、どれもこれも物になっておらん。その癖やり出すと胃弱の癖にいやに熱心だ。後架の中で謡をうたつて、近所で後架先生と渾名をつけられているにも関せず一向平気なもので、やはりこれは平の宗盛にて候を繰返している。みんながそら宗盛だと吹き出すくらいである。この主人がどういう考になったのか吾輩の住み込んでから一月ばかり後のある月の月給日に、大きな包みを提げてあわただしく帰って来た。何を買って来たのかと思うと水彩絵具と毛筆とワットマンという紙で今日から謡や俳句をやめて絵をかく決心と見えた。果して翌日から当分の間というものは毎日毎日書斎で昼寝もしないで絵ばかりかいている。しかしそのかき上げたものを見ると何をかいたものやら誰にも鑑定がつかない。当人もあまり甘くないと思ったのか、ある日その友人で美学とかをやっている人が来た時に下のような話をしているのを聞いた。

「どうも甘くかけないものだね。人を見ると何でもないようだが自ら筆をとって見ると今更のようにむずかしく感ずる」これは主人の述懐である。なるほど詐りのない処だ。彼の友は金縁の眼鏡越しに主人の顔を見ながら、「そう初めから上手にはかけないさ、第一室内の想像ばかりで画がかける訳のものではない。昔し以太利の大家アンドレア・デル・サルトが言った事がある。画をかくなら何でも自然その物を写せ。天に星辰あり。地に露華あり。飛ぶに禽あり。走るに獣あり。池に金魚あり。枯木に寒鴉あり。自然はこれ一幅の大活画なりと。どうだ君も画らしい画をかこうと思うならちと写生をしたら」

「へえアンドレア・デル・サルトがそんな事をいった事があるかい。ちつとも知らなかった。なるほどこりやもつともだ。実にその通りだ」と主人は無暗に感心している。金縁の裏には嘲けるような笑が見えた。

その翌日吾輩は例のごとく椽側に出て心持善く昼寝をしていたら、主人が例になく書斎から出て来て吾輩の後ろで何かしきりにやっている。ふと眼が覚めて何をしているかと一分ばかり細目に眼をあけて見ると、彼は余念もなくアンドレア・デル・サルトを極め込んでいる。吾輩はこの有様を見て覚え失笑するのを禁じ得なかった。彼は彼の友に擲擲せられた結果としてまず手始めに吾輩を写生しつつあるのである。吾輩はすでに十分寝た。欠伸がしたくてたまらない。しかしせつかく主人が熱心に筆を執っているのを動いては気の毒だと思つて、じつと辛棒しておつた。彼は今吾輩の輪廓をかき上げて顔のあたりを色彩っている。吾輩は自白する。吾輩は猫として決して上乘の出来ではない。背といい毛並といい顔の造作といいあえて他の猫に勝るとは決して思つておらん。しかしいくら不器量の吾輩でも、今吾輩の主人に描き出されつつあるような妙な姿とは、どうしても思われぬ。第一色が違う。吾輩は波斯産の猫のごとく黄を含める淡灰色に漆のごとき斑入りの皮膚を有している。これだけは誰が見ても疑うべからざる事実と思う。しかるに今主人の彩色を見ると、黄でもなければ黒でもない、灰色でもなければ褐色でもない、さればとてこれらを交ぜた色でもない。ただ一種の色であるというよりほかに評し方のない色である。その上不思議な事は眼がない。もつともこれは寝ているところを写生したのだから無理もないが眼らしい所さえ見えないから盲猫だか寝ている猫だか判然しないのである。吾輩は心中ひそかにいくらアンドレア・デル・サルトでもこれではしようがないと思つた。しかしその熱心には感服せざるを得ない。なるべくな動かずにあってやりたいと思つたが、さっきから小便が催うしている。身内の筋肉はむずむずする。最早一分も猶予が出来ぬ仕儀となったから、やむをえず失敬して両足を前へ存分のして、首を低く押し出してあーあと大なる欠伸をした。さてこうなつて見ると、もうおとなしくしていても仕方がない。どうせ主人の予定は打ち壊したのだから、ついでに裏へ行って用を足そうと思つてのそのそ這い出した。すると主人は失望と怒りを掻き交ぜたような声をして、座敷の中から「この馬鹿野郎」と怒鳴つた。この主人は人を罵るときは必ず馬鹿野郎というのが癖である。ほかに悪口の言いようを知らないのだから仕方がないが、今まで辛棒した人の気も知らないで、無暗に馬鹿野郎呼わりは失敬だと思う。それも平生吾輩が彼の背中へ乗る時に少しは好い顔でもするならこの漫罵も甘んじて受けるが、こっちの便利になる事は何一つ快くしてくれた事もないのに、小便に立ったのを馬鹿野郎とは酷い。元来人間というものは自

己の力量に慢じてみんな増長している。少し人間より強いものが出て来て窘めてやらなくてはこの先どこまで増長するか分らない。

EU SOU OU GATO (Trecho inicial do capítulo I)

Soseki Natsume

Tradução: Ernei Ribeiro*

Eu sou um gato. Ainda não tenho nome.

Não tenho a mínima idéia de onde eu nasci. Recordo apenas de estar miando num local sombrio e úmido. Foi ali que eu vi pela primeira vez um ser humano. Soube mais tarde que esse era, na verdade, o mais feroz tipo humano: o estudante². Ouvi dizer que esses estudantes, às vezes, nos pegam, cozinham e comem. Entretanto, naquela ocasião, eu não sabia nada disso e, desse modo, não o achava nem um pouco assustador. Apenas experimentava uma sensação de estar flutuando quando ele me colocou na palma da mão e me levantou. Acomodado sobre a palma da sua mão, olhei o rosto do estudante; foi a primeira vez que vi um ser humano. A estranheza que senti nessa ocasião permanece em mim ainda hoje. Em primeiro lugar, o rosto que devia estar ornamentado de pêlo era liso como uma chaleira. Mais tarde encontrei muitos gatos, mas não me deparei nenhuma vez com uma deformidade destas. Além disso, a parte central do rosto era muito protuberante. Uma fumaça sufocante saía, de vez em quando, dos buracos que havia no meio dessa protuberância, o que achei insuportável. Recentemente soube que se tratava de cigarro fumado pelos seres humanos.

Fiquei sentado comodamente na palma da mão do estudante, mas logo tudo começou a se locomover com uma velocidade alucinante. Não sabia se era eu ou o estudante que estava em movimento e senti uma tontura insuportável. Tive náuseas. Comecei a achar que não havia mais salvação, quando ouvi um baque e faíscas saíram dos meus olhos. Minhas recordações param por aí, e não consigo me lembrar do que ocorreu depois, por mais que eu me esforce.

Então, dei-me conta de que o estudante não estava mais. Também não vi sequer um dos meus numerosos irmãos. Até mesmo a minha mãe, que era a mais importante, havia sumido. Além disso, eu estava num local muito mais luminoso do que antes. Não podia nem abrir os olhos. Achei o local estranho e resolvi andar, engatinhando, mas senti, então, muitas dores. Eu fora tirado de cima das palhas macias e jogado, de repente, em cima de uma moita de bambu-anão.

Depois de sair dali com dificuldade, avistei um lago mais adiante. Fiquei sentado na frente do lago e pensei no que poderia fazer. Não obtive nenhuma idéia em especial. Pensei que o estudante viria me buscar novamente caso eu

* Aluno do curso de Bacharelado – Japonês/Português

¹ No original, *shosei*. Estudante proveniente do interior, que morava na casa de um professor (ou um erudito) e prestava os serviços em troca de moradia e refeições.

miasse um pouco. Tentei um “miau, miau”, mas ninguém apareceu. Enquanto isso, o vento deslizava sobre a superfície do lago e o dia escurecia. Estava com muita fome. Mesmo querendo chorar a minha voz não saía mais. Já que não havia outra solução, decidi caminhar até um local onde houvesse comida e comecei a circundar o lago com cautela pelo lado esquerdo. Sentia-me muito mal. Suportando o sofrimento, fui engatinhando com muito esforço até um local que tinha uma atmosfera humana. Achei que poderia ser salvo se entrasse ali e penetrei naquela propriedade através de um buraco aberto na cerca de bambu. Era um incrível lance do destino, pois, caso a cerca não tivesse quebrado ali, eu teria morrido de fome na beira da estrada. Tem razão o ditado: “Sob a sombra da mesma árvore”.² O buraco nessa cerca, ainda hoje, é a passagem que utilizo para visitar a gatinha malhada Mike, minha vizinha. Bem, consegui entrar furtivamente na residência, mas não sabia o que fazer. Enquanto isso, escurecia, a fome crescia, o frio aumentava e, ainda por cima, começava a chover; eu não podia continuar assim nem mais um instante. Não havendo outro jeito, fui caminhando em busca de um local iluminado e que parecia mais quente. Pensando agora, já me encontrava dentro da casa. Foi então que tive oportunidade de ver os humanos além daquele estudante. O primeiro que deparei foi a empregada Osan. Era muito mais violenta do que aquele estudante, e, assim que me viu, me agarrou pela nuca e me jogou para fora. Pensei que ia morrer. Fechei os olhos confiando o meu destino à Providência. Porém, de maneira alguma, podia agüentar a fome e o frio. Aproveitando o descuido de Osan, engatinhei para dentro da cozinha. Mas, logo fui arremessado de novo. Lembro-me de ser arremessado e retornar, retornar e ser arremessado, repetindo isso umas quatro ou cinco vezes. Naquela ocasião, achei Osan uma criatura repugnante. Há poucos dias, finalmente, senti-me aliviado por ter conseguido vingar-me dela roubando seu peixe, uma cavala. No momento em que eu estava sendo expulso, pela última vez, o dono da casa apareceu e perguntou: “Que barulho é esse?”. A empregada me mostrou ao patrão, segurando-me dependurado em sua direção, disse: “Este gatinho de rua teima em entrar na cozinha, por mais que eu tente expulsá-lo.” Enquanto contorcia os pêlos negros abaixo do nariz, o patrão contemplou o meu rosto, por um tempo, e disse: “Nesse caso, deixe-o ficar”, e se retirou para dentro. Parecia ser um homem de poucas palavras. A empregada, parecendo vexada, me arremessou para o interior da cozinha. Desta maneira, eu decidi, por fim, fazer desta casa o meu lar.

Eu raramente me encontrava com o meu dono. Parece que ele exerce a profissão de professor. Depois que retorna da escola, ele se encerra no seu escritório, durante o resto do dia, e quase não sai de lá. O pessoal da casa imagina que é um

² Refere-se ao ditado budista: “Descansamos juntos sob a sombra da mesma de árvore, devido às premissas das nossas vidas passadas” – Relação do *karma* das vidas passadas com a vida presente.

grande estudioso. Ele próprio exhibe ares de estudioso. Entretanto, ele não é o modelo de diligência ao qual o pessoal da casa costuma se referir. De vez em quando, eu entro com passos sorrateiros no seu escritório para dar uma espiada, e ele costuma estar seesteando. Às vezes, está babando sobre o livro que tinha começado a ler. Ele sofre de problemas digestivos e sua pele tem uma coloração amarelada e sem elasticidade, revelando os sinais de ausência de vitalidade. Mesmo assim, ele é um glutão. Depois de comer uma quantidade absurda, toma Taka-díastase³. Depois de comer, abre um livro. Após ler duas ou três páginas, fica sonolento e acaba babando sobre o livro. Estas são as atividades que ele repete todas as noites. Apesar de não passar de um gato, às vezes eu reflito que o trabalho de professor é realmente folgado. Quem nascer ser humano, devia se tornar professor. Até um gato conseguiria exercer uma profissão em que se dorme tanto. Apesar disso, segundo o meu patrão não há uma profissão mais árdua do que essa. Quando os amigos vêm visitá-lo, ele se queixa contando isto ou aquilo sobre sua profissão.

Quando ingressei nesta casa, eu era bastante impopular, menos para meu dono. Era rejeitado em todos os locais e ninguém queria se tornar meu amigo. Pode-se entender o quanto não fui estimado, pelo fato de, até hoje, não ter recebido um nome. Como não havia outra alternativa, eu tentava, na medida do possível, ficar perto do patrão que me acolheu. Quando ele lê o jornal pela manhã, eu sempre subo no seu colo. Quando ele seesteia, eu sempre subo nas suas costas. Não quer dizer, com isso, que eu gostasse do meu dono, mas era preciso fazê-lo, já que não havia outro que se interessasse por mim. Depois de muitas experiências que se seguiram, passei a dormir, de manhã, sobre a vasilha de arroz cozido; à noite sobre o *kotatsu*⁴, e na varanda, quando fazia bom tempo. Porém, o mais agradável era, quando, durante à noite, me metia no leito das crianças e dormia junto com elas. As crianças tinham cinco e três anos de idade e, à noite, as duas dormiam no mesmo leito. Eu sempre procurava me introduzir entre elas para encontrar um bom local. Mas, se, infelizmente, uma das crianças se acordasse, a situação ficava feia. A criança (a menor tinha um temperamento especialmente mau) se pôe a chorar e gritar, não se importando se era meio da noite ou não: “O gato está aqui! O gato está aqui!”. Então, o patrão, que sofre de problemas nervosos e digestivos, se acorda e vem correndo do quarto contíguo. No outro dia, de fato, bateram, sem pena, no meu traseiro com uma régua.

Desde que passei a conviver com os seres humanos e observá-los, tenho que afirmar que eles agem de acordo com seus caprichos, especialmente, aquelas crianças com quem eu durmo de vez em quando. Essas crianças me pegam e

³ Marca de remédio para a digestão comercializado na época.

⁴ Espécie de aquecedor acoplado numa mesa para as pessoas se sentarem em volta.

viram de cabeça para baixo, colocam um saco sobre a minha cabeça ou me empurram para dentro do forno. Entretanto, se eu agisse de acordo com a minha vontade, todos da casa me perseguiriam e me castigariam. Um dia desses, a patroa ficou furiosa porque eu estava afiando as unhas no tatame da sala e, desde então, meu acesso para o local ficou quase impossível. Por outro lado, as pessoas se mostram indiferentes quando me vêem tremendo de frio na cozinha com assoalho de madeira. A venerada senhora gata Branca, que mora no outro lado da rua, costuma dizer, toda a vez que ela me encontra, que não há nada mais cruel do que os seres humanos. A senhora Branca teve recentemente quatro lindos filhinhos. Porém, três dias depois, o estudante dessa casa levou os gatinhos para um lago situado aos fundos e os jogou lá. A senhora Branca contou-me toda essa história, derramando lágrimas, e disse que, para que nós possamos concretizar o amor entre pais e filhos e construirmos uma bela vida familiar, era necessário lutarmos com os seres humanos e exterminá-los. Achei seu argumento perfeitamente razoável. Por sua vez, a senhorita Mike, minha vizinha, me disse, muito irada, que os seres humanos não entendem o direito de propriedade. Entre nós gatos, aquele que encontra primeiro, seja a cabeça de um peixe seco ou o umbigo de uma tainha, tem o direito de comê-lo. Caso o outro gato não respeite esse regulamento, a questão pode ser resolvida através da força braçal. No entanto, os seres humanos não parecem entender desse conceito e sempre saqueiam o alimento encontrado por nós. Aproveitam da superioridade de suas forças, eles arrebatam o alimento que legitimamente nos pertence e fazem de conta que nada aconteceu. A senhora Branca mora na casa de um militar e o dono da Mike é um advogado. Como eu vivo na casa de um professor, sou mais despreocupado que elas em relação a esses assuntos. Eu penso, apenas, de que maneira poderia passar os meus dias. Mesmo os seres humanos não irão prosperar para sempre. É melhor esperar sem pressa a era dos gatos.

Contarei agora uma história que lembrei, por ter falado no egoísmo, na qual meu dono teve um insucesso devido ao seu egoísmo. O meu dono não possui especial habilidade em nada, mas tenta se intrometer em todas as áreas possíveis. Enviava haikai para o periódico Hototogisu e poemas modernistas para o periódico Myojo; escrevia textos em inglês cheios de erros, ou se entusiasmava com exercícios de arco e flecha; recitava o canto do teatro Nô e, também, tocava violino, produzindo sons desafinados; mas nada disso tinha algum resultado, a ponto de causar dor. Apesar disso, uma vez começado, ele se dedicava com muito fervor, embora sofresse de mal estomacal. A vizinhança conferiu-lhe o apelido de Professor Banheiro por estar recitando cantos de Nô no banheiro, mas ele não se importava e continuava recitando: "Aqui está Taira no Munemori..." O pessoal da vizinhança não conseguia conter o riso e dizia: "Ouçam, Munemori de novo!". Eu não conseguia imaginar o que se passava na cabeça do meu dono, quando, numa segunda-feira, no dia de receber seu salário, cerca de um mês depois de eu ter passado a viver nesta casa, ele voltou apressado carregando um grande embru-

lho. Havia comprado caixa de aquarela, pincel e papel Whatman. Parecia estar decidido a parar com o haikai e o canto e começar a pintura de quadros. De fato, a partir do dia seguinte, não sesteou mais, e, diariamente, passou a pintar gravuras em seu escritório. Porém, ninguém conseguia interpretar o que teria pintado. Ele próprio deve ter achado que não foram trabalhos bem feitos, pois, certo dia, quando um amigo especialista em Teoria Estética veio visitá-lo, eu ouvi a seguinte conversa:

– Não é nada fácil pintar bem. Parece fácil quando vejo o trabalho de alguém, mas quando pego o pincel, noto que não é nada fácil. ? Era o parecer do meu dono, que era, realmente, um depoimento honesto. O amigo disse, olhando o rosto do meu dono através dos óculos de armação dourada:

– Não é possível pintar com tanta facilidade já no começo. Em primeiro lugar, pinturas não podem ser criadas apenas com a imaginação, encerrado dentro de um quarto. Quem disse isso foi o antigo e grande mestre italiano Andrea del Sarto. Disse que deve fazer questão de retratar a natureza no momento de estar pintando. No céu, há estrelas; na terra, orvalho brilha; há os pássaros a voar e os animais a correr. Há no lago peixinhos dourados, e corvos inverniais sobre as árvores desfolhadas. A natureza é um grande retrato vívido. Que tal? Se pretende criar um quadro de algum valor, por que não tentar a natureza como ela é?

– Como? Andrea del Sarto disse isso? Não sabia. Ele, de fato, tem razão. É isso, precisamente ? disse meu dono com demasiada admiração. Notei um sorriso zombeteiro atrás da armação dourada dos óculos.

No dia seguinte, eu estava sesteando tranqüilo na varanda como de costume. Então, o meu dono saiu do escritório e ficou fazendo algo atrás de mim, de modo inusitado e com concentração. Acordei-me e abri um pouco os olhos para saber o que ele estava fazendo. Avistei-o compenetrado, querendo se tornar Andrea del Sarto. Não pude conter o riso ao ver a cena. Como resultado de ter sido troçado pelo amigo, ele estava tentando me retratar. Quanto a mim, já dormira o suficiente e não conseguia controlar a vontade de bocejar, porém, sentindo pena de meu dono que pintava com fervor, mantive-me imóvel. Ele tinha acabado de traçar os meus contornos e agora corria o meu rosto. Tenho que confessar que nunca fui um gato muito elegante. Nunca pensei que a minha altura, pelagem ou fisionomia fosse melhor que a dos outros gatos. Mas por mais feio que eu fosse, discordo totalmente do estranho semblante que o meu dono estava pintando. Em primeiro lugar, a cor estava errada. De maneira semelhante a um gato persa, minha pele é uma mistura de cinza claro com o tom amarelo, com as pintas como a de laca. Este é um fato inegável, no entanto, a coloração da pele do gato que meu dono pintava não era nem amarela e nem preta, nem cinza e nem castanha; tampouco era uma mistura dessas cores. Só posso afirmar que era um tipo de coloração. Além disso, estranhamente, na pintura não havia olhos. Está certo que me retratou enquanto eu dormia, mas não havia nem os traços que se aparentassem ser os olhos, logo, não ficou claro se era um gato cego ou um gato adorme-

cido. Pensei, no meu íntimo, que Andrea del Sarto era impossível nesse caso. Entretanto, tinha que admirar o seu fervor. Eu queria permanecer imóvel na medida do possível, mas sentia vontade de urinar. Os músculos do meu corpo se remexiam. Não podia prorrogar nem mais um minuto, e, inevitavelmente, cometi a descortesia de estender minhas patas dianteiras, abaixar a cabeça e dar um enorme bocejo. Nessas condições, não adiantava mais continuar quieto. Como o plano do meu dono havia sido frustrado, aproveitei a ocasião e fui andando em direção aos fundos para urinar. De dentro da sala, ele gritou: "Seu idiota!", numa voz que misturava decepção e ira. Costuma xingar os outros chamando de idiota. Compreendo que não conhece outra maneira de maldizer, mas acho falta de educação chamar outros de idiota, desconsiderando que eu tinha suportado até aquele momento. Mesmo assim, eu poderia tolerar alguns insultos caso ele fizesse uma cara simpática quando eu ficava sobre as suas costas; mas ele não fazia nada de especialmente bom para mim, e só porque me levantei para urinar, me chamou de idiota; era demais. Os seres humanos tendem a ser prepotentes, sobre-valorizando suas capacidades. Enquanto não aparecer alguém um pouco mais forte que os seres humanos para maltratá-los, essa prepotência não há de se acabar.

(Título original: Wagahai wa neko de aru; 1905)

どんぐりと山猫

作 宮沢賢治

おかしなはがきが、ある土曜日の夕がた、一郎のうちにきました。

かねた一郎さま 九月十九日

あなたは、ごきげんよろしいほど、けっこです。

あした、めんどなさいばんしますから、おいで

んなさい。とびどぐもたないでください。

山ねこ 拝

こんなのです。字はまるでへたで、墨もがさがさして指につくくらいでした。けれども一郎はうれしくてうれしくてたまりませんでした。はがきをそっと学校のかばんにしまって、うちじゅうとんだりはねたりしました。

ね床にもぐってからも、山猫のにやあとした顔や、そのめんどうだという裁判のけしきなどを考えて、おそくまでねむりませんでした。

けれども、一郎が眼をさましたときは、もうすっかり明るくなっていました。おもてにでてみると、まわりの山は、みんなたったいまできたばかりのようにうるうるもりあがって、まっ青なそらのしたにならんでいました。一郎はいそいごはんをたべて、ひとり谷川に沿ったこみちを、かみの方へのぼって行きました。

すきとおった風がざあっと吹くと、栗の木はばらばらと実をおとしました。一郎は栗の木をみあげて、

「栗の木、栗の木、やまねこがここを通らなかったかい。」とききました。栗の木はちょっとしずかになって、

「やまねこなら、けさはやく、馬車でひがしの方へ飛んで行きましたよ。」と答えました。

「東ならぼくのいく方だねえ、おかしいな、とにかくもっといってみよう。栗の木ありがとう。」

栗の木はだまってまた実をばらばらとおとしました。

一郎がすこし行きますと、そこはもう笛ふきの滝でした。笛ふきの滝という

のは、まっ白な岩の崖のなかほどに、小さな穴があいていて、そこから水が笛のように鳴って飛び出し、すぐ滝になって、ごうごう谷におちているのをいうのでした。

一郎は滝に向いて叫びました。

「おいおい、笛ふき、やまねこがここを通らなかったかい。」滝がびーびー答えました。

「やまねこは、さっき、馬車で西の方へ飛んで行きましたよ。」

「おかしいな、西ならぼくのうちの方だ。けれども、まあもう少し行ってみよう。ふえふき、ありがとう。」

滝はまたものように笛を吹きつづけました。

一郎がまたすこし行きますと、一本のぶなの木のしたに、たくさんの白いきのこが、どってこどってこどってこと、変な楽隊をやっていました。

一郎はからだをかがめて、

「おい、きのこ、やまねこが、ここを通らなかったかい。」

とききました。するときのこは、

「やまねこなら、けさはやく、馬車で南の方へ飛んで行きましたよ。」とこたえました。一郎は首をひねりました。

「みなみならあっちの山のなかだ。おかしいな。まあすこし行ってみよう。」

きのこ、ありがとう。」

きのこはみんないそがしそうに、どってこどってこと、あのへんな楽隊をつづけました。

一郎はまたすこし行きました。すると一本のくるみの木の梢を、栗鼠がぴよんととんでいました。一郎はすぐ手まねぎしてそれをとめて、

「おい、りす、やまねこがここを通らなかったかい。」とたずねました。するとりすは、木の上から、額に手をかざして、一郎を見ながらこたえました。

「やまねこなら、けさまだくらいうちに馬車でみなみの方へ飛んで行きましたよ。」

「みなみへ行ったなんて、二とこでそんなことを言うのはおかしいなあ。けれどもまあすこし行ってみよう。りす、ありがとう。」りすはもう居ませんでした。ただくるみのいちばん上の枝がゆれ、となりのぶなの葉がちらっとひかっただけでした。

一郎がすこし行きましたら、谷川にそったみちは、もう細くなって消えてし

まいました。そして谷川の南の、まっ黒な樅の木の方へ、あたらしいちいさなみちがついていました。一郎はそのみちをのぼって行きました。樅の枝はまっくろに重なりあって、青ぞらは一きれも見えず、みちは大へん急な坂になりました。一郎が顔をまっかにして、汗をばとばとおとしながら、その坂をのぼりますと、にわかにはっきりと明るくなって、眼がちくつとしました。そこはうつくしい黄金いろの草地で、草は風にざわざわ鳴り、まわりは立派なオリーブいろのかやの木のもりでかこまれてありました。

その草地のまん中に、せいの低いおかしな形の男が、膝を曲げて手に革鞭をもって、だまってこつちをみていたのです。

一郎はだんだんそばへ行って、びっくりして立ちどまってしまいました。その男は、片眼で、見えない方の眼は、白くびくびくうごき、上着のような半天のようなへんなものを着て、だいいち足が、ひどくまがって山羊のよう、ことにそのあしさときたら、ごはんをもるへらのかたちだったのです。一郎は気味が悪かったのですが、なるべく落ちついてたずねました。

「あなたは山猫をしりませんか。」

するとその男は、横眼で一郎の顔を見て、口をまげてにやっとわらって言いました。

「山ねこさまはいますぐに、ここに戻ってお出やるよ。おまえは一郎さんだな。」

一郎はぎょっとして、一あしうしろにさがって、

「え、ぼく一郎です。けれども、どうしてそれを知ってますか。」と言いました。するとその奇体な男はいよいよにやにやしてしまいました。

「そんだったら、はがき見だべ。」

「見ました。それで来たんです。」

「あのぶんしょうは、ずいぶん下手だべ。」と男は下をむいてかなしそうに言いました。一郎はきのどくになって、

「さあ、なかなか、ぶんしょうがうまいようでしたよ。」

と言いますと、男はよろこんで、息をはあはあして、耳のあたりまでまっ赤になり、きものえりをひろげて、風をからだに入れながら、

「あの字もなかなかうまいか。」とききました。一郎は、おもわず笑いだしながら、へんじしました。

「うまいですね。五年生だつてあのくらいには書けないでしょう。」

すると男は、急にまたいやな顔をしました。

「五年生っていうのは、尋常五年生だべ。」その声が、あんまり力なくあわれに聞こえたので、一郎はあわてて言いました。

「いいえ、大学校の五年生ですよ。」

すると、男はまたよろこんで、まるで、顔じゅう口のようにして、にたにたにたにた笑って叫びました。

「あのはがきはわしが書いたのだよ。」一郎はおかしいのをこらえて、

「ぜんたいあなたはなにですか。」とたずねますと、男は急にまじめになって、

「わしは山ねこさまの馬車別当だよ。」と言いました。

そのとき、風がどうと吹いてきて、草はいちめん波だち、別当は、急にていねいなおじぎをしました。

一郎はおかしいとおもって、ふりかえって見ますと、そこに山猫が、黄いろな陣羽織のようなものを着て、緑いろの眼をまん円にして立っていました。やっぱ山猫の耳は、立って尖っているなど、一郎がおもいましたら、山ねこはぴよこっとおじぎをしました。一郎もていねいに挨拶しました。

「いや、こんにちは、きのうははがきをありがとう。」

山猫はひげをぴんとひっぱって、腹をつき出して言いました。

「こんにちは、よくいらっしやいました。じつはおとといから、めんどろなあらそいがおこって、ちょっと裁判にこまりましたので、あなたのお考えを、うかがいたいとおもいましたのです。まあ、ゆっくり、おやすみください。じき、どんぐりどもがまいりましょう。どうもまい年、この裁判でくるしみます。」山ねこは、ふところから、巻煙草の箱を出して、じぶんが一本くわい、

「いかがですか。」と一郎に出しました。一郎はびっくりして、

「いいえ。」と言いましたら、山猫はおうようにわらって、

「ふふん、まだお若いから、」と言いながら、マッチをしゅつと擦って、わざと顔をしかめて、青いけむりをふうと吐きました。山ねこの馬車別当は、気を付けの姿勢で、しゃんと立っていましたが、いかにも、たばこのほしいのをむりにこらえているらしく、なみだをぼろぼろこぼしました。

そのとき、一郎は、足もとでパチパチ塩のはぜるような、音をききました。びっくりして屈んで見ますと、草のなかに、あっちにもこっちにも、黄金いろの円いものが、ぴかぴかひかっているのです。よくみると、みんなそれは赤いずぼんをはいたどんぐりで、もうその数ときたら、三百でも利かないようで

した。わあわあわあわあ、みんななにか云っているのです。

「あ、来たな。蟻のようにやってくる。おい、さあ、早くベルを鳴らせ。今日はそこが日当たりがいいから、そここの草を刈れ。」やまねこは巻きたばこを投げすてて、大いそぎで馬車別当にいつけました。馬車別当もたいへんあわてて、腰から大きな鎌をとりだして、ざっくざっくと、やまねこの前とこの草を刈りました。そこへ四方の草のなかから、どんぐりどもが、ぎらぎらひかって、飛び出して、わあわあわあわあ言いました。

馬車別当が、こんどは鈴をがらんがらんがらんがらんと振りました。音はかやの森に、がらんがらんがらんがらんとひびき、黄金のどんぐりどもは、すこししずかになりました。見ると山ねこは、もういつか、黒い長い繻子の服を着て、勿体らしく、どんぐりどもの前にすわっていました。まるで奈良のだいぶつさまにさんけいするみんなの絵のようだと一郎はおもいました。別当がこんどは、革鞭を二三べん、ひゅうばちつ、ひゅう、ばちつと鳴らしました。

空が青くすみわたり、どんぐりはぴかぴかしてじつにきれいでした。

「裁判ももう今日で三日目だぞ、いい加減になかなかおりをしたらどうだ。」山ねこが、すこし心配そうに、それでもむりに威張って言いますと、どんぐりどもは口々に叫びました。

「いいえ、だめです、なんといったって頭のとがってるのがいちばんえらいんです。そしてわたしがいちばんとがっています。」

「いいえ、ちがいます。まるいのがえらいのです。いちばんまるいのはわたしです。」

「大きなことだよ。大きなのがいちばんえらいんだよ。わたしがいちばん大きいからわたしがえらいんだよ。」

「そうでないよ。わたしのほうがよほど大きいと、きのうも判事さんがおっしゃったじゃないか。」

「だめだい、そんなこと。せいの高いのだよ。せいの高いことなんだよ。」

「押しっこのえらいひとだよ。押しっこをしてきめるんだよ。」もうみんな、がやがやがやがや言って、なにがなんだか、まるで蜂の巣をつつついたようで、わけがわからなくなりました。そこでやまねこが叫びました。

「やかましい。ここをなんともころえる。しずまれ、しずまれ。」

別当がむちをひゅうばちつとならしましたのでどんぐりどもは、やっとしずまりました。やまねこは、ぴんとひげをひねって言いました。

「裁判もうきょうで三日目だぞ。いい加減に仲なおりしたらどうだ。」

すると、もうどんぐりどもが、くちぐちに云いました。

「いえいえ、だめです。なんといったって、頭のとがっているのがいちばんえらいのです。」

「いえ、ちがいます。まるいのがえらいのです。」

「そうでないよ。大きなことだよ。」がやがやがやがや、もうなにがなんだかわからなくなりました。山猫が叫びました。

「だまれ、やかましい。ここをなんと心得る。しずまれしずまれ。」別当が、むちをひゅうぱちつと鳴らしました。山猫がひげをぴんとひねって言いました。

「裁判もうきょうで三日目だぞ。いい加減になかなおりをしたらどうだ。」

「いえ、いえ、だめです。あたまのとがったものが……。」がやがやがやがや。

山ねこが叫びました。

「やかましい。ここをなんところえる。しずまれ、しずまれ。」別当が、むちをひゅうぱちつと鳴らし、どんぐりはみんなしずまりました。山猫が一郎にそっと申しました。

「このとおりです。どうしたらいいでしょう。」一郎はわらってこたえました。

「そんなら、こう言いわたしたらいいでしょう。このなかでいちばんばかで、めちゃくちゃで、まるでなっていないようなのが、いちばんえらいとね。ぼくお説教できたんです。」山猫はなるほどというふうにならずいて、それからいかにも気取って、繻子のきものの胸を開いて、黄いろの陣羽織をちょっと出して、どんぐりどもに申しわたしました。

「よろしい。しずかにしろ。申しわたした。このなかで、いちばんえらくなくて、ばかで、めちゃくちゃで、てんでなっていないくて、あたまのつぶれたようなやつが、いちばんえらいのだ。」

どんぐりは、しんとしてしまいました。それはそれはしんとして、堅まってしまうました。

そこで山猫は、黒い繻子の服をぬいで、額の汗をぬぐいながら、一郎の手をとりました。別当も大よろこびで、五六ぺん、鞭をひゅうぱちつ、ひゅうぱちつ、ひゅうひゅうぱちつと鳴らしました。やまねこが言いました。

「どうもありがとうございます。これほどのひどい裁判を、まるで一分半でかたずけてくださいました。どうかこれからわたしの裁判所の、名誉判事になってください。これからも、葉書が行ったら、どうか来てくださいませんか。」

そのたびにお礼はいたします。」

「承知しました。お礼なんかありませんよ。」

「いいえ、お礼はどうかとってください。わたしのじんかくにかかわりますから。そしてこれからは、葉書にかねた一郎どのと書いて、こちらを裁判所としますが、ようございますか。」

一郎が「ええ、かまいません。」と申しますと、山猫はまだなにか言いたそうに、しばらくひげをひねって、眼をぱちぱちさせていましたが、とうとう決心したらしく言い出しました。

「それから、はがきの文句ですが、これからは、用事これありに付き、明日出頭すべしと書いてどうでしょう。」

一郎はわらって言いました。

「さあ、なんだか変ですね。そいつだけはやめたほうがいいでしょう。」

山猫は、どうも言いようがまづかった、いかにも残念だというふうに、しばらくひげをひねったまま、下を向いていましたが、やっとあきらめて言いました。

「それでは、文句はいままでのおりにしましょう。そこで今日のお礼ですがあなたは黄金のどんぐり一升と、塩鮭のあたまと、どっちをおすきですか。」

「黄金のどんぐりがすきです。」

山猫は、鮭の頭でなくて、まあよかったというように、口早に馬車別当に云いました。

「どんぐりを一升早くもってこい。一升到りなかつたら、めっきのどんぐりもまげてこい。はやく。」

別当は、さっきのどんぐりをますに入れて、はかって叫びました。

「ちょうど一升あります。」山ねこの陣羽織が風にばたばた鳴りました。そこで山ねこは、大きく延びあがって、めをつぶって、半分あくびをしながら言いました。

「よし、はやく馬車のしたくをしろ。」白い大きなきのこでこしらえた馬車がひっぱりだされました。そしてなんだかねずみいろの、おかしい形の馬がついています。

「さあ、おうちへお送りいたしましょう。」山猫が言いました。二人は馬車にのり別当は、どんぐりのますを馬車のなかに入れました。

ひゅう、ぱちつ。

馬車は草地をはなれました。木や藪がけむりのようにぐらぐらゆれました。一郎は黄金のどんぐりを見、やまねこはとぼけたかおつきで、遠くを見ていました。

馬車が進むにしたがって、どんぐりはだんだん光がうすくなって、まもなく馬車がとまったときは、あたりまえの茶いろのどんぐりに変わっていました。そして、山ねこの黄いろな陣羽織も、別当も、きのこの馬車も、一度に見えなくなって、一郎はじぶんのうちの前に、どんぐりを入れたますを持って立っていました。

それからあと、山ねこ拝というはがきは、もうきませんでした。やっぱり、出頭すべしと書いてもいいと言えばよかったと、一郎はときどき思うのです。

1921年9月

O gato montês e as castanhas

Kenji Miyazawa

Tradução: Ferdinando Woicickoski**

No entardecer de um sábado chegou na casa de Ichiro um estranho cartão postal:

“Senhor Ichiro Kaneta, dia 19 do mês nove. Espero que esteja tudo bem com você. Amanhã, como vai ser realizado um julgamento trabalhoso, venha por favor. Por favor não traga armas de fogo.

Atenciosamente,

Gato Montês”

Era tal o conteúdo desta carta. As letras estavam todas mal escritas, tortas, e a tinta estava seca como se tivesse estado grudada nos dedos. Mesmo assim, Ichiro ficou contentíssimo. Com cuidado, guardou o cartão postal na pasta da escola e ficou pulando na frente de casa de tão contente.

Até depois de se deitar na cama ficou pensando sobre o tal julgamento trabalhoso, imaginando o rosto do gato montês miando. Ficou acordado até tarde. Quando Ichiro despertou, já estava tudo claro. Ao sair da casa, viu as montanhas erguidas soberbamente à sua frente como se tivesse surgido agora mesmo, se enfileirando embaixo do céu anil.

Ichiro fez a refeição apressadamente e foi andando pela estrada que margeava o rio em direção à nascente. Quando o vento cristalino soprou, uma castanheira derrubou suas castanhas ruidosamente.

Ichiro olhou para a árvore e perguntou:

- Castanheira, castanheira, o gato montês não passou por aqui?

A castanheira ficou um pouco mais silenciosa e respondeu:

- Ah, o gato montês? Ele passou hoje cedo numa carroça, voando em direção à leste.

- Se foi para o leste, é para lá que eu vou. Estranho... Então, vou Segui-lo andando. Obrigado castanheira.

A castanheira, sem responder, voltou a derrubar as castanhas. Ichiro andou mais um pouco e chegou até a Cascata do Flautista. Ela é chamada por esse nome porque mais ou menos no meio do penhasco de uma rocha alva existe um pequeno buraco do qual sai água que faz um som parecido com o de uma flauta. A água forma uma cascata e cai no vale.

Ichiro ficou de frente para a cascata e gritou:

- Ei, ei, Flautista, o gato montês não passou por aqui?

* Bacharelado em Letras - UFRGS / Habilitação Tradutor - Português e Japonês

A cascata respondeu num assobio.

- O gato montês passou agora há pouco voando numa carroça em direção ao oeste.

- Estranho. Oeste é a direção da minha casa. Mesmo assim, eu vou andar um pouco mais. Obrigado flautista.

A cascata continuou tocando flauta como antes.

Ichiro andou mais um pouco. Abaixo de uma faia havia vários cogumelos brancos, formando uma estranha banda de música. Ichiro se agachou e perguntou:

- Ei, cogumelos, o gato montês não passou por aqui?

Então os cogumelos responderam:

- O gato montês, hoje de manhã cedo, passou voando numa carroça em direção ao sul.

Ichiro ficou perplexo.

- Se for para o sul é o meio daquela montanha. Estranho. Bem, vou andar mais um pouco. Obrigado cogumelos.

Todos os cogumelos pareciam ocupados, tamborilando, e continuaram tocando aquela estranha banda de música. Ichiro andou mais um pouco. Então encontrou um esquilo saltando de galho em galho em uma nogueira. Ichiro em seguida fez um sinal com a mão, parou e perguntou:

- Ei, esquilo, o gato montês passou por aqui?

Então o esquilo, do alto da árvore, levando a mão acima dos olhos e olhando Ichiro, respondeu:

- Se é o gato montês, essa manhã, quando ainda estava escuro, ele passou em direção ao sul voando numa carroça.

- Estranho, já estou indo em direção ao sul há tempo e essa é a segunda vez que me dizem isso. Mesmo assim vou andar mais um pouco para ver o que acontece. Obrigado esquilo.

O esquilo já tinha ido embora. O galho mais alto da nogueira tremeu, e por alguns instantes o galho da faia ao lado reluziu.

Depois de Ichiro andar mais um pouco, a estrada que acompanhava o rio se estreitou e sumiu. Então, a leste do rio, na direção de um bosque de teixos negros, havia uma outra estrada estreita. Ichiro subiu por esta estrada.

Os galhos de teixo sobrepostos fechavam o céu escurecendo tudo e a estrada tornou-se uma lombaa muito íngreme. Ichiro ficou com o rosto vermelho, pingando suor, enquanto subia a lombaa. De repente tudo ficou claro e Ichiro sentiu uma agulhada nos olhos. Ali, havia uma clareira cercada por um imponente bosque de teixos cor de oliva formando um belo campo dourado onde a grama tremulava com o vento.

Bem no meio desse campo, um homem baixo e de forma estranha, calado e com os joelhos dobrados, segurando um chicote de couro, o olhava. Ichiro foi se aproximando aos poucos, e se estancou, espantado. Esse homem era caolho. O olho que não enxergava era branco e se contraía. Ele vestia algo estranho, pareci-

do com um paletó ou *hanten*¹. Além de tudo, os pés eram curvados como os de um cabrito. Ainda, esses pés tinham a forma de espátulas de servir arroz.

Apesar de Ichiro ter uma sensação ruim, se acalmou na medida do possível e perguntou:

- Você não viu o gato montês?

Então o homem, olhando de soslaio para o rosto de Ichiro, abriu a boca e rindo maliciosamente disse:

- O senhor Gato Montês logo vai regressar para cá. Você deve ser o senhor Ichiro.

Ichiro se assustou, recuou um passo e disse:

- É, eu sou Ichiro. Mas por que você sabe isso?

Então aquele homem estranho acabou rindo ainda mais.

- Então você leu o cartão postal, não?

- Eu vi, por isso eu vim.

- Aquele texto estava muito ruim. - Disse o homem olhando triste para baixo.

Ichiro ficou com pena:

- Aquele texto estava muito bom.

O homem ficou contente, com a respiração ofegante, ficou vermelho até o entorno da orelha, abriu a gola da roupa e abanando o corpo perguntou:

- Aquela caligrafia também estava bem boa?

Ichiro, sem pensar, começou a rir e respondeu.

- Bem boa. Nem alguém da 5ª série escreveria algo daquele jeito.

Então o homem, de repente, fez novamente uma cara feia.

- Essa tal quinta série é a quinta série do ensino fundamental?

Era uma voz tão sem força e melancólica. Por isso Ichiro se apressou em dizer.

- Não, quinto ano universitário.

Então o homem se alegrou novamente, e como se todo o rosto fosse uma boca, gritou sorrindo.

- Fui eu que escrevi aquele cartão postal.

Ichiro resistiu à vontade de rir e perguntou:

- Mas quem é você?

O homem ficou sério subitamente e disse:

- Eu sou o cocheiro do senhor Gato Montês.

Naquele momento o vento soprou forte, o gramado ondulou e o cocheiro imediatamente fez uma cerimoniosa reverência. Ichiro achou estranho, se virou e viu logo ali o gato montês, vestindo algo parecido com um *jinbaori*² amarelo, com os olhos verdes bem arregalados.

¹ Hanten – espécie de guarda-pó de estilo antigo usado no trabalho ou nas lojas.

² Jinbaori - traje usado pelos generais japoneses por cima das outras roupas.

Ichiro achou que as orelha do gato montês eram pontudas. De súbito o gato fez uma reverência. Ichiro também fez uma respeitosa saudação.

- Olá, bom dia, obrigado pelo cartão postal de ontem.

O gato montês puxou os bigodes, estufou a barriga e disse:

- bom dia, seja bem vindo. Na verdade eu tive problemas com o julgamento e pensei em ouvir a sua opinião. Bem, fique a vontade e descanse. Logo virão as castanhas. Se bem que todos os anos eu sofro com esse julgamento.

O gato montês tirou do bolso uma caixa de charutos, pegou um para si e ofereceu outro a Ichiro:

- Aceita?

Ichiro ficou surpreso e disse que não.

O gato montês sorriu magnanimamente e observou:

- Você ainda é muito jovem.

Riscou o fósforo, intencionalmente torceu a cara e soltou uma fumaça azul. O cocheiro do gato selvagem estava parado em pé, em posição de sentido mas lágrimas rolavam de seus olhos e parecia que estava tentando resistir à vontade de fumar.

Naquele momento Ichiro ouviu um som parecido com o de sal estalando vindo de perto dos seus pés. Se assustou, se agachou e olhou. No meio da grama, aqui e ali, havia coisas redondas e douradas brilhando intensamente. Ele olhou bem e viu castanhas que usavam calças vermelhas que se somava o número que vinha a ser mais de 300. Todas diziam alguma coisa, formando um zumbido.

O gato montês atirou o charuto longe e ordenou ao cocheiro:

- Ah, vieram. Eles vêm como formigas. Ei, toque logo o sino. Como hoje está batendo bastante sol neste local, corte a grama dali.

O cocheiro, também muito apressado, tirou uma grande foice da cintura e ceifou a grama em frente ao gato montês. Ali, dos quatro cantos da grama, surgiram as castanhas falando e fazendo zunido. O cocheiro, então, badalou o sino. O barulho ecoou pelo bosque de teixos e as castanhas douradas ficaram um pouco mais quietas. Quando viu isso, o gato montês já vestia uma *jinbaori* comprida e preta de linho e estava suntuosamente sentado em frente às castanhas. Ichiro achou que era como uma caricatura de pessoas peregrinando ao grande Buda de Nara.

O cocheiro estalou o chicote umas duas ou três vezes. O céu estava anil transparente e as castanhas brilhando ficavam realmente bonitas. O gato montês demonstrou um pouco de preocupação, mas mesmo assim disse, impondo artificialmente sua autoridade:

- Hoje já é o terceiro dia do julgamento, que tal chegarmos a um acordo?

Todas as castanhas gritaram:

- Não, de jeito nenhum. Não importa o que digam, aquele que tem a cabeça pontuda é o mais proeminente. E eu sou o que tem a cabeça mais pontuda.

- Não, está errado. Proeminente é ser redondo. E o mais redondo sou eu.

- Ser grande. Ser grande é que é proeminente. E como eu sou o maior, eu é que sou proeminente.

- Não, não é. Eu sou muito maior. O juiz não disse isso ontem mesmo?

- Não é isso não. É a altura. É ser alto.

- Quem é bom no jogo de empurra-empurra. Vamos decidir no jogo de empurra-empurra.

Todos zumbiam como um ninho de marimbondos que foi cutucado, e não se podia entender nada.

Então o gato montês gritou:

- Façam silêncio! Onde pensam que estão? Ordem, ordem. O cocheiro estalou o chicote e as castanhas finalmente silenciaram. O gato montês esticou e torceu os bigodes e disse:

- Hoje já é o terceiro dia do julgamento, que tal chegarmos a um acordo?

Todas as castanhas gritaram:

- Não, de jeito nenhum. Não importa o que digam, aquele que tem a cabeça pontuda é o mais proeminente.

- Não, está errado. Proeminente é ser redondo.

- Não é não. É ser grande.

Elas zumbiam, e não se podia entender nada. Então o gato selvagem gritou:

- Fiquem quietos! Onde pensam que estão. Ordem, ordem.

O cocheiro estalou o chicote e as castanhas finalmente silenciaram. O gato montês esticou e torceu os bigodes e disse:

- Hoje já é o terceiro dia do julgamento, que tal chegarmos a um acordo?

Todas as castanhas gritaram:

- Não, de jeito nenhum. Não importa o que digam, aquele que tem a cabeça pontuda que é...

Zumbiam.

Então o gato montês gritou:

- Façam silêncio! Onde pensam que estão. Ordem, ordem.

O cocheiro estalou o chicote. E todas as castanhas finalmente silenciaram.

O gato cochichou para Ichiro:

- Esta é a situação. O que devo fazer?

Ichiro respondeu dando uma risada.

- Então que tal dar esta sentença: "Entre os que estão aqui, aquele que é mais burro, desorganizado e relapso é o mais proeminente". Eu ouvi esse texto num sermão.

O gato montês acenou a cabeça como que concordando e como se fosse alguém importante, abriu a gola da roupa de linho, mostrou um pouco o *jinbaori* dourado e declarou às castanhas:

- Tudo bem, tudo bem. Façam silêncio. Eu declaro que entre os que estão aqui o mais proeminente é aquele que é burro, desorganizado, relapso e que tem a cabeça achatada.

As castanhas se calaram. Ficaram completamente caladas e se paralisaram. Então o gato montês secou o suor da testa com o bordado da roupa preta e segurou a mão de Ichiro. O cocheiro também se alegrou muito e fez o chicote soar umas 5 ou 6 vezes.

O gato montês falou:

- Muito obrigado. Muito obrigado por resolver esse julgamento horrível em um minuto e meio. A partir de agora, no meu tribunal, seja juiz honorário. Por favor, no futuro também poderia vir quando receber um cartão postal? Vou lhe recompensar cada vez que vier.

- Eu aceito. Não preciso de recompensa.

- Não, por favor, aceite. Faz parte da minha personalidade. Então, a partir de agora, quando escrever um recado por cartão postal para senhor Ichiro Kaneta, vou determinar sempre este local como tribunal, certo?

Ichiro disse:

- Está bem, não se preocupe.

Mas o gato montês ainda parecia querer dizer alguma coisa, torceu os bigodes por um certo tempo, piscou os olhos e finalmente decidiu falar.

- Além disso, quanto ao texto do cartão postal. Que tal escrever assim: "deve comparecer amanhã por existir uma tarefa"?

Ichiro respondeu rindo.

- É estranho. É melhor não fazer isso.

O gato montês olhou para baixo, torceu os bigodes por um tempo como se tivesse arrependido de ter falado de um jeito ruim, mas finalmente desistiu e falou:

- Então vamos deixar o texto como estava. Quanto a recompensa de hoje: você prefere cabeça de salmão salgada ou um *sho*³ de castanha de ouro?

- Prefiro as castanhas de ouro.

O gato montês, como se achasse bom não ter sido o salmão, falou rapidamente ao cocheiro.

- Traga logo um *sho* de castanhas. Se não for suficiente para um *sho*, também traga as castanhas banhadas. Depressa.

O cocheiro colocou as castanhas de antes num *masu*⁴, mediu e gritou.

- tem exatamente um *sho*.

O *jinbaori* do gato da montanha soou com o vento. Então o gato montês se esticou, fechou os olhos, deu um meio bocejo e disse.

- Prepare logo a carroça.

E foi trazida a carroça feita de um grande cogumelo branco. À ela estava

atrelado um cavalo de forma estranha e cor de rato.

- Vamos te levar de volta para casa, disse o gato montês.

Os dois embarcaram na carroça e o cocheiro colocou dentro dela o *masu* com as castanhas.

O chicote estalou. A carroça se afastou do gramado. Os arbustos e as árvores se sacudiam como se fossem fumaça. Ichiro olhava as castanhas de ouro enquanto o gato montês, com uma cara fingida, olhava para longe.

Conforme o avanço da carroça, o brilho das castanhas foi enfraquecendo e logo depois transformaram-se em castanhas marrons comuns. Então, tanto o *jinbaori* dourado do gato montês, quanto o cocheiro e a carroça de cogumelo sumiram repentinamente e Ichiro encontrava-se em pé, segurando o *masu* com as castanhas, na frente de sua casa.

E depois disso não recebeu mais cartões postais do gato montês. Ichiro, de vez em quando, pensa que deveria ter dito que bastava conter no cartão as palavras: "deve comparecer".

Setembro de 1921.

³ Sho – volume equivalente a um 1,8 litros.

⁴ Masu - caixa de madeira usada para medição de volumes.

寓話 猫の事務所

作 宮沢賢治

.....ある小さな官衙に関する幻想.....

軽便鉄道の停車場のちかくに、猫の第六事務所がありました。ここは主に、猫の歴史と地理をしらべるところでした。

書記はみな、短い黒の縞子の服を着て、それに大へんみんなに尊敬されたから、何かの都合で書記をやめるものがあると、そこらの若い猫は、どれも、みんなそのあとへ入りたがってばたばたしました。

けれども、この事務所の書記の数はいつもただ四人ときまっていたからその沢山の中で一番字がうまく詩の読めるものが、一人やっとえらばれるだけでした。

事務長は大きな黒猫で、少しもうろくしてはいましたが、眼などは中に銅線が幾重も張ってあるかのように、じつに立派にできていました。

さてその部下の

一番書記は白猫でした、

二番書記は虎猫でした、

三番書記は三毛猫でした、

四番書記は竈猫でした。

竈猫というのは、これは生れ付きではありません。生れ付きは何猫でもいいのですが、夜かまどの中にはいつてもねむる癖があるために、いつでもからだは煤できたなく、殊に鼻と耳にはまっくろにすみがついて、何だか狸のような猫のことを云うのです。

ですからかま猫はほかの猫には嫌われます。

けれどもこの事務所では、何せ事務長が黒猫なものですから、このかま猫もあたり前ならいくら勉強ができて、とても書記なんかになれない筈のを、四十人の中からえらびだされたのです。

大きな事務所のまん中に、事務長の黒猫が、まっ赤な羅紗をかけた卓を控えてどっかり腰かけ、その右側に一番の白猫と三番の三毛猫、左側に二番の虎猫

と四番のかま猫が、めいめい小さなテーブルを前にして、きちんと椅子にかけっていました。

ところで猫に、地理だの歴史だの何になるかと云いますと、

まあこんな風です。

事務所の扉をこつこつ叩くものがあります。

「はいれっ。」事務長の黒猫が、ポケットに手を入れてふんぞりかえってどなりました。

四人の書記は下を向いていそがしそうに帳面をしらべています。

ぜいたく猫がはいって来ました。

「何の用だ。」事務長が云います。

「わしは氷河鼠を食いにベーリング地方へ行きたいのだが、どこらがいちばんいいだろう。」

「うん、一番書記、氷河鼠の産地を云え。」

一番書記は、青い表紙の大きな帳面をひらいて答えました。

「ウステラゴメナ、ノバスカイヤ、フサ河流域であります。」

事務長はぜいたく猫に云いました。

「ウステラゴメナ、ノバ.....何と云ったかな。」

「ノバスカイヤ。」一番書記とぜいたく猫がいっしょに云いました。

「そう、ノバスカイヤ、それから何!？」

「フサ川。」またぜいたく猫が一番書記といっしょに云ったので、事務長は少しきまり悪そうでした。

「そうそう、フサ川。まああそこがいいだろうな。」

「で、旅行についての注意はどんなものだろう。」

「うん、二番書記、ベーリング地方旅行の注意を述べよ。」

「はっ。」二番書記はじぶんの帳面を繰りました。「夏猫は全然旅行に適せず」とどういふわけか、この時みんながかま猫の方をじろっと見ました。

「冬猫もまた細心の注意を要す。函館附近、馬肉にて釣らるる危険あり。特に黒猫は充分に猫なることを表示しつつ旅行するに非れば、応々黒狐と誤認せられ、本気にて追跡さることあり。」

「よし、いまの通りだ。貴殿は我輩のように黒猫ではないから、まあ大した心

配はあるまい。函館で馬肉を警戒するぐらいのところだ。」

「そう、で、向うでの有力者はどんなものだろう。」

「三番書記、ペーリング地方有力者の名称を挙げよ。」

「はい、ええと、ペーリング地方と、はい、トバスキー、ゲンゾスキー、二名であります。」

「トバスキーとゲンゾスキーというのは、どのようなやつらかな。」

「四番書記、トバスキーとゲンゾスキーについて大略を述べよ。」

「はい。」四番書記のかま猫は、もう大原簿のトバスキーとゲンゾスキーとのところに、みじかい手を一本ずつ入れて待っていました。そこで事務長もぜいたく猫も、大へん感服したらしいのです。

ところがほかの三人の書記は、いかにも馬鹿にしたように横目で見て、ヘツとわらっていました。かま猫は一生けん命帳面を読みあげました。

「トバスキー酋長、徳望あり。眼光炳々たるも物を言うこと少しく遅し。ゲンゾスキー財産家、物を言うこと少しく遅けれども眼光炳々たり。」

「いや、それでわかりました。ありがとう。」

ぜいたく猫は出て行きました。

こんな工合で、猫にはまあ便利なものでした。ところが今のおはなしからちようど半年ばかりたったとき、とうとうこの第六事務所が廃止になってしまいました。というわけは、もうみなさんもお気づきでしょうが、四番書記のかま猫は、上の方の三人の書記からひどく憎まれていましたし、ことに三番書記の三毛猫は、このかま猫の仕事をじぶんがやって見たくてたまらなくなったのです。かま猫は、何とかみんなによく思われようといういろいろ工夫をしましたが、どうもかえっていけませんでした。

たとえば、ある日となりの虎猫が、ひるのべんとうを、机の上に出してたべはじめようとしたときに、急にあくびに襲われました。

そこで虎猫は、みじかい両手をあらんかぎり高く延ばして、ずいぶん大きなあくびをやりました。これは猫仲間では、目上の人にも無礼なことでも何でもなく、人ならばまず鬚でもひねるぐらいのところですから、それはかま猫にまんげんけれども、いけないことは、足をふんばったために、テーブルが少し坂になって、べんとうばこがするすると滑って、とうとうがたっと事務長の前の床

に落ちてしまったのです。それはでこぼこではありましたが、アルミニウムでできていましたから、大丈夫こわれませんでした。そこで虎猫は急いであくびを切り上げて、机の上から手をのばして、それを取ろうとしましたが、やっと手がかかるかかからないか位なので、べんとうばこは、あっちへ行ったりこっちへ寄ったり、なかなかうまくつかまりませんでした。

「君、だめだよ。とどかないよ。」と事務長の黒猫が、もしやもしやパンを喰べながら笑って云いました。その時四番書記のかま猫も、ちようどべんとうの蓋を開いたところでしたが、それを見てすばやく立って、辨当を拾って虎猫に渡そうとしました。ところが虎猫は急にひどく怒り出して、折角かま猫の出した辨当も受け取らず、手をうしろに廻して、自暴にからだを振りながらどなりました。

「何だい。君は僕にこの辨当を喰べろというのかい。机から床の上へ落ちた弁当を君は僕に喰えというのかい。」

「いいえ、あなたが拾おうとなさるもんですから、拾ってあげただけでございます。」

「いつ僕が拾おうとしたんだ。うん。僕はただそれが事務長さんの前に落ちてあんまり失礼なもんだから、僕の机の下へ押し込もうと思ったんだ。」

「そうですか。私はまた、あんまり辨当があっちこっち動くもんですから……………」

「何だと失敬な。決闘を……………」

「ジャラジャラジャラジャラン。」事務長が高くどなりました。これは決闘をしろと云ってしまわせない為に、わざと邪魔をしたのです。

「いや、喧嘩するのはよしたまえ。かま猫君も虎猫君に喰べさせようというんで拾ったんじゃないだろう。それから今朝云うのを忘れたが虎猫君は月給が十銭あがったよ。」

虎猫は、はじめは怖い顔をしてそれでも頭を下げた聴いていましたが、とうとう、よろこんで笑い出しました。

「どうもおさわがせいたしましてお申しわけございません。」それからとなりのかま猫をじろっと見て腰掛けました。

みなさんぼくはかま猫に同情します。

それから又五六日たって、丁度これに似たことが起ったのです。こんなことがたびたび起るわけは、一つは猫どもの無精なたちと、も一つは猫の前あし即ち手が、あんまり短いためです。今度は向うの三番書記の三毛猫が、朝仕事を始める前に、筆がポロポロころがって、とうとう床に落ちました。三毛猫はすぐ立てばいいのを、骨惜みして早速前に虎猫のやった通り、両手を机越しに延ばして、それを拾い上げようとしてしました。今度もやっぱり届きません。三毛猫は殊にせいが低かったのも、だんだん乗り出して、とうとう足が腰掛けからはなれてしまいました。かま猫は拾ってやろうかやるまいか、この前のこともありますので、しばらくためらって眼をパチパチさせて居ましたが、とうとう見るに見兼ねて、立ちあがりました。

ところが丁度この時に、三毛猫はあんまり乗り出し過ぎてガタンとひっくり返ってひどく頭をついて机から落ちました。それが大分ひどい音でしたから、事務長の黒猫もびっくりして立ちあがって、うしろの棚から、気付けのアンモニア水の瓶を取りました。ところが三毛猫はすぐ起き上って、かんしゃくまぎれにいきなり、

「かま猫、きさまはよくも僕を押しのめしたな。」とどなりました。

今度はしかし、事務長がすぐ三毛猫をなだめました。

「いや、三毛君。それは君のまちがだよ。

かま猫君は好意でちょっと立っただけだ。君にさわりも何もしない。しかしまあ、こんな小さなことは、なんでもありやしないじゃないか。さあ、ええとサントントンの転居届けと。ええ。」事務長はさっさと仕事にかかりました。そこで三毛猫も、仕方なく、仕事にかかりはじめましたがやっぱりたびたびこわい目をしてかま猫を見ていました。

こんな工合ですからかま猫は実につらいのでした。

かま猫はあたりまえの猫になろうと何べん窓の外にねて見ましたが、どうしても夜中に寒くてくしゃみが出てたまらないので、やっぱり仕方なく竈のなかに入るのです。

なぜそんなに寒くなるかというのに皮がうすいめで、なぜ皮が薄いかわからないのに、それは土用に生れたからです。やっぱり僕が悪いんだ、仕方ないなあとか、かま猫は考えて、なみだをまん円な眼一杯にためました。

けれども事務長さんがあんなに親切にして下さる、それにかま猫仲間のみんながあんなに僕の事務所に居るのを名誉に思っよるこぶのだ、どんなにつらくてもぼくはやめないぞ、きつとこらえるぞと、かま猫は泣きながら、にぎりこぶしを握りました。

ところがその事務長も、あてにならなくなりました。それは猫なんていうものは、賢いようではかなものです。ある時、かま猫は運わるく風邪を引いて、足のつけねを腕のように腫らし、どうしても歩けませんでしたから、とうとう一日やすんでしまいました。かま猫のものがきようといったらありません。泣いて泣いて泣きました。納屋の小さな窓から射し込んで来る黄いろな光をながめながら、一日一杯眼をこすって泣いていました。

その間に事務所ではこういう風でした。

「はてな、今日はかま猫君がまだ来んね。遅いね。」と事務長が、仕事のたえ間に云いました。

「なあに、海岸へでも遊びに行ったんでしょう。」白猫が云いました。

「いいやどこかの宴会にでも呼ばれて行ったろう」虎猫が云いました。

「今日どこかに宴会があるか。」事務長はびっくりしてたずねました。猫の宴会に自分の呼ばれないものなどある筈はないと思ったのです。

「何でも北の方で開校式があるとか云いましたよ。」

「そうか。」黒猫はだまって考え込みました。

「どうしてどうしてかま猫は、」三毛猫が云い出しました。「この頃はあちこちへ呼ばれているよ。何でもこんどは、おれが事務長になるとか云ってるそう。だから馬鹿なやつらがこわがってあらんかぎりご機嫌をとるのだ。」

「本とうかい。それは。」黒猫がどなりました。

「本とうですとも。お調べになってごらんささい。」三毛猫が口を尖せて云いました。

「けしからん。あいつはおれはよほど目をかけてやってあるのだ。よし。おれにも考えがある。」

そして事務所はしばらくしんとしました。

さて次の日です。

かま猫は、やっとなのはれが、ひいたので、よろこんで朝早く、ごうごう風

の吹くなかを事務所へ来ました。するといつも来るとすぐ表紙を撫でて見るほど大切な自分の原簿が、自分の机の上からなくなって、向う隣り三つの机に分けてあります。

「ああ、昨日は忙がしかったんだな、」かま猫は、なぜか胸をどきどきさせながら、かすれた声で独りごとしました。

ガタッ。扉が開いて三毛猫がはいって来ました。

「お早うございます。」かま猫は立って挨拶しましたが、三毛猫はだまって腰かけて、あとはいかにも忙がしそうに帳面を繰っています。ガタン。ピシャン。虎猫がはいって来ました。

「お早うございます。」かま猫は立って挨拶しましたが、虎猫は見向きもしません。

「お早うございます。」三毛猫が云いました。

「お早う、どうもひどい風だね。」虎猫もすぐ帳面を繰りはじめました。

ガタッ、ピシャーン。白猫が入って来ました。

「お早うございます。」虎猫と三毛猫と一緒に挨拶しました。

「いや、お早う、ひどい風だね。」白猫も忙がしそうに仕事にかかりました。その時かま猫は力なく立ってだまっておじぎをしましたが、白猫はまるで知らないふりをしています。

ガタン、ピシャリ。

「ふう、ずいぶんひどい風だね。」事務長の黒猫が入って来ました。「お早うございます。」三人はすばやく立っておじぎをしました。かま猫もぼんやり立って、下を向いたままおじぎをしました。

「まるで暴風だね、ええ。」黒猫は、かま猫を見ないで斯う言いながら、もうすぐ仕事をはじめました。

「さあ、今日は昨日のつづきのアンモニアツクの兄弟を調べて回答しなければならん。二番書記、アンモニアツク兄弟の中で、南極へ行ったのは誰だ。」仕事がはじまりました。かま猫はだまってうつむいていました。原簿がないのです。それを何とか云いたくても、もう声が出ませんでした。

「パン、ポラリスであります。」虎猫が答えました。

「よろしい、パン、ポラリスを詳述せよ。」と黒猫が云います。ああ、これは

ぼくの仕事だ、原簿、原簿、とかま猫はまるで泣くように思いました。

「パン、ポラリス、南極探険の帰途、ヤップ島沖にて死亡、遺骸は水葬せらる。」一番書記の白猫が、かま猫の原簿で読んでいます。かま猫はもうかなしくて、かなしくて頬のあたりが酸っぱくなり、そこらがきいんと鳴ったりするのをじっとこらえてうつむいて居りました。

事務所の中は、だんだん忙しく湯のようになって、仕事はずんずん進みました。みんな、ほんの時々、ちらっとこっちを見るだけで、ただ一ことも云いません。

そしておひるになりました。かま猫は、持って来た弁当も喰わず、じっと膝に手を置いてうつむいて居りました。

とうとうひるすぎの一時から、かま猫はしくしく泣きはじめました。そして晩方まで三時間ほど泣いたりやめたりまた泣きだしたりしたのです。

それでもみんなはそんなこと、一向知らないというように面白そうに仕事をしていました。

その時です。猫どもは気が付きませんでした、事務長のうしろの窓の向うにいかめしい獅子の金いろの頭が見えました。

獅子は不審そうに、しばらく中を見ていましたが、いきなり戸口を叩いてはいって来ました。猫どもの愕ろきようといったらありません。うろろうろろそこらにあるきまわるだけです。かま猫だけが泣くのをやめて、まっすぐに立ちました。

獅子が大きなしっかりした声で云いました。

「お前たちは何をしているか。そんなことで地理も歴史も要ったはなしでない。やめてしまえ。えい。解散を命ずる」

こうして事務所は廃止になりました。

ぼくは半分獅子に同感です。

O escritório dos gatos

Kenji Miyazawa

Tradução: André da Silva Castro*

Uma fantasia referente a uma pequena repartição pública...

O Sexto Escritório dos Gatos ficava perto da estação de trem. Ali, pesquisava-se, principalmente, a geografia e a história dos gatos.

Os secretários vestiam roupas de cetim negro e, como cargo de secretário era muito admirado por todos, sempre que, por algum motivo qualquer, um deles se desligava da profissão, todos os gatos jovens das redondezas afobavam-se para ocupar a vaga deixada.

Porém, como o número de secretários do Escritório dos Gatos tradicionalmente estava limitado apenas em quatro, dentre todos os candidatos, era escolhido apenas um deles, o que escrevesse melhor e que soubesse ler poesia.

O chefe do escritório, um enorme gato preto, era um pouco caduco, mas seus olhos eram formidáveis como se fossem várias camadas de fio de cobre esticadas.

Bem, eis seus subordinados:

O Primeiro Secretário era o Gato Branco;
O Segundo Secretário era o Gato Tigrado;
O Terceiro Secretário era o Gato Malhado e
O Quarto Secretário era o Gato do Kamado¹

Um gato de Kamado não é assim por nascença. Pode ser qualquer gato que, à noite, por ter o costume de dormir dentro do kamado, fica sempre com o corpo cheio de fuligem. Especialmente o focinho e as orelhas, por ficarem sujas de carvão, deixam-no com a aparência de um texugo.

Por isso, o Gato do Kamado é repudiado pelos outros gatos.

Assim, normalmente, por mais que tivesse estudos, ele não poderia se tornar um secretário. Porém, como o chefe do escritório era um gato preto, ele foi escolhido dentre quarenta candidatos.

No centro do grande escritório, o chefe Gato Preto estendia sobre sua mesa uma toalha de lã vermelha e sentava-se pesadamente na sua cadeira. A sua direita, o Primeiro Secretário, o Gato Branco, e o Terceiro Secretário, o Gato Malhado; a sua esquerda, o Segundo Secretário, o Gato Tigrado, e o Quarto Secretário, o

Gato do Kamado. Todos sentavam-se corretamente atrás de suas mesinhas.

Mas para que servia a História e a Geografia dos Gatos? Bem, era mais ou menos assim:

Um dia, bateram na porta do escritório.

– Entre! – disse rudemente o chefe Gato Preto, estufando o peito e colocando as mãos² nos bolsos.

Os quatro secretários baixaram as cabeças e ficaram pesquisando nos seus livros de registros, como se estivessem muito atarefados.

O Gato Rico entrou no escritório.

– O que o senhor quer? – disse o chefe.

– Eu gostaria de caçar ratos das geleiras na região de Bering, mas não sei onde seria o melhor lugar.

– Hum... Primeiro Secretário, indique o habitat dos ratos das geleiras!

O Primeiro Secretário abriu um grande livro de registros de capa azul e respondeu:

– Ustelagomena, Novaskaya e a bacia do rio Fusa.

O chefe do escritório respondeu ao Gato Rico:

– Ustelagomena, Nova... O quê você disse mesmo?

– Novaskaya – responderam juntos o Primeiro Secretário e o Gato Rico.

– Sim, Novaskaya. E o que mais?

– O rio Fusa. – Mais uma vez, o Gato Rico e o Primeiro Secretário responderam em uníssono. O chefe ficou um pouco envergonhado:

– Sim, sim, o rio Fusa. Bem, lá deve ser um bom lugar, não?

– E no que eu devo tomar cuidado, durante a viagem?

– Hum... Segundo Secretário, exponha os cuidados a se tomar durante a viagem!

– Sim, senhor. – O Segundo Secretário folheou o seu próprio livro de registros.

– Os Gatos de Verão absolutamente não são adequados.

Ao ouvir isso, todos viraram-se para o Gato do Kamado e olharam feio para ele.

– Mesmo os Gatos de Inverno devem tomar o máximo cuidado – continuou o Segundo Secretário. – E nas proximidades de Hakodate, há risco de ser fisgado pela carne de cavalo. E principalmente os gatos pretos, se não mostrarem um comportamento felino satisfatório durante a viagem, poderão ser confundidos com raposas negras e serem perseguidos de verdade.

– Muito bem. É como foi dito – disse o chefe –. E como vossa senhoria³ não

* Bacharel em Letras - UFRGS / Habilitação Tradutor – Português e Japonês ; mestrando em Letras – Tokyo Gakugei University / Japão

¹ Kamado é uma espécie de fogão das antigas casas japonesas. Consistia de um buraco na terra, abaixo do assoalho, onde se colocava a lenha e se acendia o fogo.

² O autor usou o termo mão também no original, provavelmente para dar mais ênfase à leitura alegórica do conto. (NT)

³ Aqui é impossível traduzir de forma adequada o uso dos pronomes pessoais hierárquicos da língua japonesa. Os originais *kiden* e *wagahai* foram traduzidos por “Vossa Senhoria” e “eu”, respectivamente.

é um gato preto como eu, não deve haver nada com o que se preocupar. Basta evitar a carne de cavalo em Hakodate.

– Ah, sim? E quem são os gatos de influência do local?

– Terceiro Secretário, informe os nomes dos gatos de influência da região de Bering!

– Sim. Ahm, da região de Bering... aqui... Dois Gatos, Tobasky e Genzosky, senhor.

– Mas e que tipo de gatos são Tobasky e Genzosky?

– Quarto Secretário, dê um breve resumo de Tobasky e Genzosky!

– Sim, senhor. – O Gato do Kamado, o Quarto Secretário, já estava esperando a pergunta, com cada uma das mãos dentro de seu livro de registros marcando os lugares de Genzosky e Tobasky. Com isso, tanto o chefe Gato Preto como o Gato Rico ficaram muito impressionados.

Porém, os três secretários, com cara de desprezo, olhavam de soslaio para o Gato do Kamado e riam. O Quarto Secretário leu com empenho seu livro de registros:

– O Chefe Tobasky possui moral elevada. É perspicaz, mas demora para dizer qualquer coisa. O rico Genzosky demora antes de dizer qualquer coisa, mas é perspicaz.

– Ah, sim. Entendi. Obrigado.

O Gato Rico foi embora.

Desta maneira, o escritório era muito útil aos gatos. No entanto, há apenas seis meses após a história acima, o Sexto Escritório dos Gatos acabou sendo desativado. O motivo disso todos já devem ter percebido: o Quarto Secretário, o Gato do Kamado, era muito odiado pelos seus colegas superiores. Principalmente pelo Gato Malhado, que queria muito fazer o trabalho do Gato do Kamado. Este último, tentando ser bem visto aos olhos dos colegas, tentava de tudo, mas sempre causava uma impressão contrária.

Por exemplo, um dia, o Gato Tigrado colocou seu bento na escrivaninha, mas quando foi comer, teve um súbito ataque de bocejos.

Foi aí que o Gato Tigrado esticou o quanto pode os dois braços e soltou um grande bocejo. Isto, entre os gatos, mesmo na frente de um superior, não é nenhuma falta de respeito. Entre humanos, é como alisar o bigode e não ter nenhuma importância. O problema foi quando a mesa inclinou por ele ter esticado as pernas, fazendo a caixa de bentô⁴ deslizar e cair com um grande baque no chão, na frente do chefe. A caixa ficou um pouco amassada, mas, como era de alumínio, não tinha problema, não quebrou. Então, o Gato Tigrado conteve rapidamente o bocejo e, de cima da escrivaninha, esticou a mão e tentou pegar a

caixa. Mas suas mãos mal encostavam nela e ele não conseguia pegá-la com direito, fazendo-a ir de um lado para o outro.

– Você não consegue alcançar – disse rindo o chefe Gato Preto, enquanto mastigava um pedaço de pão. Nesse momento, o Quarto Secretário, o Gato do Kamado, que estava abrindo a tampa de seu próprio bento, vendo isso, levantou-se rapidamente, juntou a caixa e tentou devolvê-la ao Gato Tigrado. Porém, este enfureceu-se de repente e, além de não pegar o bento que o Gato do Kamado lhe oferecia, colocou as mãos para trás, sacudindo o corpo e gritando com rudeza:

– O quê? Você está me mandando comer esse bento? Está me mandando comer esse bento que caiu no chão?

– Não, é que você estava tentando pegar a caixa, então eu só juntei ela para você.

– Quando que eu tentei pegá-la? Hem? Eu só achei que, como ela caiu na frente do chefe, era um pouco desrespeitoso, então eu só estava tentando empurrar a caixa para baixo da minha escrivaninha.

– Ah, é? Mas é que a caixa ia para lá e para cá...

– O quê, seu mal-educado? Eu te desafio para...

– Aham, aham! – O chefe Gato Preto pigarreou com força. Ele atrapalhou o Gato Tigrado de propósito, para que ele não dissesse “eu te desafio para um duelo!”.

– Parem de brigar! Acho que o Gato do Kamado não juntou o bento para fazê-lo comer. Além disso, tinha me esquecido de falar hoje de manhã, mas você ganhou um aumento de dez Sen, Gato Tigrado.

O Gato Tigrado primeiro estava com uma cara furiosa. Mesmo assim, escutava o chefe. Porém, logo começou a rir de felicidade.

– Queira me desculpar pelo transtorno, senhores. – Depois virou-se para o Gato do Kamado, lançou-lhe um olhar venenoso e sentou-se na cadeira.

Pessoal, eu tenho pena do Gato do Kamado.

Então, após alguns dias, aconteceu de novo um fato parecido com este. Havia duas razões para que isso ocorresse com frequência: a primeira é que os gatos são animais preguiçosos; a segunda é que as patas dianteiras deles, ou seja, os braços, são curtas.

Dessa vez, o Terceiro Secretário, o Gato Malhado, antes de começar o trabalho pela manhã, deixou o lápis rolar para o chão. Não querendo passar trabalho, o Gato Malhado fez como o Gato Tigrado: esticou os braços por cima da escrivaninha e tentou pegar o lápis. Igual à outra vez, os braços não alcançaram. Como o Gato Malhado era muito baixo, ele foi se esticando cada vez mais, até quase cair da cadeira. O Gato do Kamado ficou indeciso se pegava o lápis ou não por causa do fato anterior. Hesitou o quanto pode em pegar o lápis, porém, logo não conseguiu mais suportar aquela cena e levantou-se da cadeira.

Justamente nessa hora, o Gato Malhado esticou-se demais e deu uma camba-

⁴ Bento – marmita japonesa.

lhota no ar, batendo com a cabeça na escrivaninha e caiu no chão. O barulho foi tão grande que o chefe Gato Preto assustou-se e pegou da estante atrás dele a garrafa de amônia, para despertá-lo. Porém, o Gato Malhado logo se levantou e perdendo a compostura, disse num ímpeto:

– Gato do Kamado, você me empurrou, não é?

Desta vez, no entanto, o chefe, apaziguando o Gato Malhado, disse:

– Não, Malhado. O erro foi seu. O Gato do Kamado só se levantou por gentileza. Ele nem tocou em você. Mas você não vai ligar para uma coisa pequena como essa, não? Bem, e quanto ao registro de mudança de endereço de Santontan?

O chefe Gato Preto rapidamente voltou às suas ocupações. Assim, não tendo outra alternativa, o Gato Malhado voltou ao trabalho. Mas, como era de se esperar, volta e meia encarava o Gato do Kamado com um olhar agressivo.

Como podemos ver, o Gato do Kamado sofria de verdade.

Para se tornar um gato comum, o Gato do Kamado tentou muitas vezes dormir fora de casa, mas em todas as madrugadas fazia frio e ele sofria ataques de espirro. Portanto, não tinha jeito, tinha de voltar para dentro do kamado.

O fato de ele sentir muito frio era porque ele tinha uma pele muito fina. E ele era assim porque tinha nascido no dia de Doyo⁵. “É, eu devo ser ruim mesmo, não tem jeito, pensava o Gato do Kamado, com os olhos cheios de lágrimas. “Mas como o chefe está sendo tão gentil e meus amigos acham uma honra o fato de eu trabalhar nesse escritório, não importa o quanto seja difícil, eu não vou sair! Eu vou suportar tudo!”, monologava ele, apertando o punho em meio às lágrimas.

O chefe Gato Preto, entretanto, não se mostrou digno de confiança. Isso é porque os gatos parecem espertos, mas na verdade são animais idiotas. Um dia, o Gato do Kamado teve o azar de pegar uma gripe e também ficou com o pé inchado como uma wan⁶. Ficando impossibilitado de caminhar, teve de faltar ao trabalho. Era indescritível vê-lo se debater de dor. Ele chorou, chorou e chorou. Chorou o dia inteiro, esfregando os olhos, observando os raios amarelos do sol que penetravam pela janela da sua pequena casa.

Enquanto isso, no escritório:

– Puxa, o Gato do Kamado ainda não chegou, né? Está atrasado, né? – disse o chefe Gato Preto durante o intervalo.

– Ah, ele deve ter ido à praia se divertir, não? – disse o Gato Branco.

– Não, ele deve ter sido convidado para alguma festa! – disse o gato Tigrado.

⁵ Doyo é um período de dezoito dias que antecede cada estação do ano. No Japão, é particularmente notado o Natsu no Doyo, ou seja, os dezoito dias que antecedem o verão. Este período também coincide com o surgimento da estrela Sirius (a *Estrela do Cão*) junto com o sol, que vai de três de julho a onze de agosto. (NT)

⁶ Espécie de tigela arredondada, usada como recipiente para comidas e bebidas, nas refeições.

– E hoje tem alguma festa? – perguntou o chefe, espantado. Ele achava impossível que houvesse uma festa de gatos para a qual ele não fosse convidado.

– Ouvi falar que tinha uma cerimônia de abertura de uma escola, na região norte.

– Ah, é? – O chefe Gato Preto ficou pensativo.

– Acontece que o Gato do Kamado – começou o Gato Malhado – está sendo muito solicitado nas redondezas. Dizem que ele anda falando coisas como: “Eu vou ser o próximo chefe do escritório!” Por isso, a gatalhada fica com medo e o bajulam até não poder mais.

– É verdade isso? – Enfureceu-se o chefe Gato Preto.

– É sim. Vá observá-lo e veja com seus próprios olhos – insistiu o Gato Malhado. – Isso é um ultraje! E logo eu que o favoreci tanto! Mas ele não perde por esperar! Eu também tenho uma idéia.

O silêncio tomou conta do escritório.

Até que chegou o dia seguinte.

A pata do Gato do Kamado finalmente desinchou e ele, alegre, foi de manhã bem cedo para o escritório, no meio da ventania que assobiava. Ao chegar, o Gato do Kamado viu que seu tão estimado livro de registros, o qual ele acariciava e admirava a capa, não estava no seu lugar; ele estava dividido em três partes, em cima das outras escrivaninhas.

– Ah, ontem eles deviam estar muito ocupados! – disse ele numa voz rouca. Sem saber por que, seu coração disparou.

A porta abriu-se e o Gato Malhado entrou.

– Bom dia. – O Gato do Kamado levantou-se e o cumprimentou, mas o outro sentou-se calado. Depois, começou a folhear o seu livro de registros, como se estivesse cheio de tarefas para fazer.

O Gato Tigrado entrou no escritório.

– Bom dia. – O Gato do Kamado levantou-se e o cumprimentou. Porém, o Gato Tigrado nem sequer virou-se para ele.

– Bom dia. – Disse o Gato Malhado.

– Bom dia. Puxa, que vento forte, né? – O Gato Tigrado também começou imediatamente a folhear o seu livro de registros.

Chegou o Gato Branco.

– Bom dia – cumprimentaram juntos o Gato Tigrado o o Gato Malhado.

– Ah, bom dia. Que vento horrível, não? O Gato Branco também pôs-se ao trabalho, muito ocupado. Nesse instante, o Gato do Kamado levantou-se sem vontade e, calado, fez uma mesura ao Gato Branco. Este fez como se não o conhecesse.

A porta abriu-se e se fechou.

– Puxa, mas que vento! – disse o chefe Gato Preto – Bom dia.

Os três gatos levantaram-se rapidamente e fizeram mesuras. O Gato do Kamado fez sua saudação vagarosamente, olhando para baixo.

– Parece um vendaval, não? – disse o Gato Preto, sem olhar para o Gato do Kamado e começando logo o trabalho.

– Bem, continuando a pesquisa de ontem, quero a resposta sobre os irmãos Amoníack. Segundo Secretário, qual dos irmãos Amoníack foi para o Pólo Sul?

O trabalho começou. O Gato do Kamado continuava calado, de cabisbaixo. Não tinha o seu livro de registros. Queria dizer alguma coisa sobre isso, mas a voz não saía.

–Pan, Polaris – respondeu o Gato Tigrado.

– Muito bem. Dê-me mais detalhes sobre Pan Polaris – disse o chefe Gato Preto. Ah, mas esse é o meu trabalho, pensou o Gato do Kamado, quase chorando. Meu livro de registros, meu livro de registros!

– No retorno da expedição ao Pólo Sul, Pan Polaris morreu próximo ao arquipélago de Yap. Foi sepultado no mar. – Disse o Gato Branco, o Primeiro Secretário, lendo o livro de registros do Gato do Kamado. Este ficou tão triste, mas tão triste que suas bochechas ficaram salgadas. Ele continuava cabisbaixo, lutando contra a pressão sentida no ambiente.

O escritório ficou movimentado como água borbulhante e o trabalho avançava. Às vezes, os outros gatos viravam-se para o gato do Kamado e olhavam-no de soslaio sem dizer nenhuma palavra.

Chegou o meio-dia. O gato do Kamado ficou parado, de cabeça baixa, com as mãos apoiadas nos joelhos e nem comeu seu bento que trouxera.

E logo a partir de uma hora da tarde, ele já começara a chorar. Ele ficou chorando e parando, chorando e parando por umas três horas, até o fim do expediente.

Mesmo assim, todos fingiam não notar o fato e trabalhavam como se estivessem se divertindo.

Foi nesse instante que aconteceu: os gatos não tinham percebido, mas, da janela atrás do chefe Gato Preto, podia-se ver a cabeça dourada de um leão feroz.

O leão, desconfiado, ficou olhando o interior do escritório por um longo tempo. Então, ele bateu na porta de súbito e entrou no recinto. Não é preciso dizer o pavor dos gatos. Eles só ficavam zanzando de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Apenas o gato do Kamado parou de chorar e ficou de pé, em posição de sentido.

O leão, na sua voz firme, disse:

– O que vocês estão fazendo? Para ficarem brigando, não há necessidade de Geografia ou de História. Parem com isso! Eu ordeno a dispersão de vocês!

Com isso, o escritório foi desativado.

Eu meio que concordo com o leão.

Português

Tradução: Ana Raquel Salgado

Ana Gabriela Petit Flamant

Revisão: Maria Lucia Machado de Lorenci

Jane Tutikian (1952)

Nasceu em Porto Alegre (RS). É formada em Letras pela UFRGS e doutora em Literatura Comparada. Atua, na mesma Universidade, como professora de literatura na graduação e pós-graduação. Colaborou com diversos jornais (Correio do Povo, Folha da Tarde, Jornal do Brasil, etc.). Participou de várias antologias e seus contos foram traduzidos para o inglês e o espanhol.

Cíntia Moscovich (1958)

Nasceu em Porto Alegre (RS). Escritora, jornalista, mestre em Teoria Literária, foi diretora do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. Em 1995, foi a ganhadora do Concurso de Contos Guimarães Rosa, da Rádio France Internationale, Paris. Em 2004, publicou a coletânea de contos “Arquitetura do Arco-Íris”, também pela Record, livro que lhe valeu o terceiro lugar em contos no Prêmio Jabuti, além da indicação para o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira e para a primeira edição do Prêmio Bravo Prime de Cultura.

Maria Paula

Jane Tutikian

Foi assim que Maria Paula chegou: imóvel, muda, faminta, olhar de farol, indesejável, hipnotizador, através da janela da cozinha.

No princípio, Alfredo bem que tentou ignorá-la. Havia decidido viver só e isso jamais tinha se confundido com solidão. Não permitiria, agora, que alguém entrasse, assim, na sua vida, por um olhar penetrante, através da janela da cozinha.

Mas.

Há algum tempo, ele sabia que, todos os dias de manhã, ela estava lá, e ela, aceitando o jogo, como se o jogo fosse sempre apenas uma questão de tempo, sabia que ele sabia que estava lá e, por uma questão de tempo apenas, apenas esperava.

Era assim no café-da-manhã, mas ele saía para trabalhar.

Era assim no almoço, mas de novo ele saía para trabalhar.

E.

Era assim na janta, mas. Ele ia ligeiro para a frente da televisão e ali ficava esquecendo do olhar.

Tentara vencer a timidez e falar sobre isso com alguns colegas de trabalho, de um modo que aquilo não parecesse importante, até porque não era realmente importante, de um jeito de quem não quer nada, até porque nada era o que realmente queria, mas. Terminou se dando conta de que Maria Paula começava a ser um assunto seu, pessoal, intransferível.

Algumas vezes se surpreendia pensando em *estratégias de ação*, era o raciocínio lógico do seu ramo de negócios. E quando a lógica simplificava tudo a um grito: - Chô! Vai embora!, e quem sabe? uns tiros para o céu ou quem sabe, ainda,? uns foguetes que a assustassem apenas, sentia-se, por alguma coisa humana dentro de si, absolutamente impotente para tanto. Talvez a mesma coisa que o impedia de olhá-la fixamente e fixamente sustentar o olhar. É que depois, ele sabia, aquela coisa dentro de si faria com que corresse o risco de haver um depois.

Houve um dia, entretanto - até porque, sendo, lá no escondido, um homem bom que precisava esconder sua bondade para se proteger, ganhara a fama de durão e o status de um solitário, mas, se viessem contar, acabariam descobrindo que sua vida era feita de muitos dias entretanto - houve um dia entretanto, em que, à noite, uma chuva de pedras acordou seu telhado e, assustado, ele pensou que ela poderia estar lá. Saltou da cama, tateou uma vela e os fósforos na gaveta do bidê porque, nas horas de urgência, sempre falta luz e, entre raios e trovoadas e pedras batendo nas janelas e no telhado, desceu para ver se ela estava lá.

Respirou aliviado de que não estivesse. Voltou para a cama e, ouvindo a chuva, não conseguiu mais dormir. Não parava de fazê-la molhada, com frio e com fome, por mais ridículo que se pudesse sentir, não parava de pensar nela.

Na manhã, daqueles dias preguiçosos e úmidos, feitos de uma claridade que dói os olhos, enquanto esperava a cafeteira anunciar que o café estava pronto, pôde sentir que ela chegava e se acomodava na janela, na sua frente.

Apenas o balcão da pia e o vidro da basculante os separavam, e ele, talvez vencido pelo cansaço da noite mal dormida ou pelo cansaço do jogo do tempo, se deu por vencido e, com vagar, levantou os olhos e sentiu a repugnância de ter de olhar para uma criatura de um olho só, verde, farol iluminado, o outro, a carne viva vermelha da ausência. Se deu por vencido. Abriu uma fresta pequena da janela e, por ela, estendeu-lhe um pedaço de pão e um pouco de leite. Depois, sentou-se à mesa e tomou o seu café, não sem que, vez que outra, espiasse, com o canto do olho, o olho de Maria Paula.

Os dias que se seguiram não foram muito diferentes a não ser pelo fato de que a coisa dentro dele tornava-se tão exigente quanto ela, e a cada dia sentia ceder um pouco no café, no almoço, na janta.

Houve um outro dia, daqueles, entretanto, em que ela colocou meio corpo para dentro da casa, pela janela e porque ele não disse nada, escorregou devagar, em movimentos harmoniosos, longos e sincronizados, deslizou quase bailando pela cozinha, mas sem tirar o olho do olho dominado e contemplativo de Alfredo.

- O que eu faço contigo, agora? - Perguntou a si mesmo, embora soubesse que a melhor pergunta seria o que ela vai fazer comigo, agora? Porque, agora, ela o tornava, a cada dia, diferente. Havia o prazer solene do aprendizado da divisão da comida. Havia a tolerância que nem sabia mais que havia. Havia, talvez, o amor.

Maria Paula, grata e interesseira, como amante de não muito tempo, enroscava-se, delicada e sensualmente nas suas pernas e ronronava coisas ininteligíveis que, pelo olho verde, iluminado, e pelo olho da escuridão, traduziam-se por promessas femininas e doces:

- Enquanto me quiseres.

A que Alfredo, grato por tanto carinho, sentindo-se o escolhido, assim, por tanto carinho vindo de graça, ou quase de graça, respondia:

- Enquanto tu me quiseres.

E se queriam com os olhos e com tudo o que há no fundo do fundo dos olhos.

Quando Maria Paula desapareceu, numa noite clara, de lua cheia, Alfredo, ainda que preocupado pela possibilidade de ela não voltar, pensou, afinal, que tinha o direito de se divertir, mas não pôde disfarçar o sentimento de recebê-la como a uma filha puta, quando viu que sua barriga crescia.

Embora a vontade de expulsá-la de casa, a ingrata, a coisa dentro de si ensinava-o que não podia desampará-la, agora. E, no agora, ela dormia enroscada no seu pé, protegida, e comia, satisfeita e insaciável, na sua vida de gata amparada.

Vez que outra, Alfredo surpreendia-se a admirá-la, que coisa a natureza! ão caolha e tão delicadamente grávida!

Os filhotes não nasceriam em casa, não. Poderia acontecer algum imprevisto

e ele não saberia o que fazer, porque estaria nervoso. Foi por isso que a deixou na clínica e, se tivesse amigos, compraria uma caixa de charutos, pensando que avô também tem esse direito.

Agora, Maria Paula era mais do que Maria Paula, era uma família inteira!

Alfredo não queria e dizia para si todas as manhãs, que não queria chegar no inverno sentado na frente da televisão, rodeado de gatos, mas.

Já não tinha tanta certeza disso. A certeza era de que alguma coisa havia mudado na sua vida. Podia sentir que era outro quando abria a porta e olhava a rua de sempre e a achava bonita agora, quando sentia o frio cinza do outono e as árvores perdendo as folhas e o céu feito uma grande nuvem negra pesada e achava bonito, quando as crianças da rua passavam correndo por entre seus braços e suas pernas, sem irritá-lo, quando o cachorro do vizinho ficava, incessantemente, latindo para o carteiro e ele começava a achar engraçado, quando a mulher gorda da esquina se insinuava, de boca vermelha e lenço floreado na cabeça, e ele conseguia olhá-la com uma ternura fugaz e, no escritório, já podia ouvir, sem medo e com certo prazer, ouvir o som da sua própria voz. Decididamente, alguma coisa havia mudado. Será isso tornar-se melhor? O que não mudaria era o fato de que ele passaria, sim, o inverno e todos os invernos rodeado de gatos.

Só te conto essa história porque eles passaram por aqui, agora, vigiados pelo olho atento, materno, o farol iluminado de Maria Paula: Linda Inês, Linda Batista, Linda Evangelista, Luís Otávio, Otávio Augusto. Ou seria Maria Paula, Linda Batista, Linda Evangelista, Linda Inês, Otávio Augusto, Luís Otávio? Ou seria Maria Paula, Linda Evangelista, Linda Inês, Linda Batista, Otávio Augusto, Luís Otávio. Ou seria?

Alfredo sabe. É dessas desordens que só se ordenam verdadeiramente no coração.

Maria Paula

Jane Tutikian

Tradução: Ana Rachel Salgado¹

Assí llegó María Paula: inmóvil, muda, hambrienta, la mirada de faro, indeseable, hipnótica, a través de la ventana de la cocina.

En principio, Alfredo intentó ignorarla. Había decidido vivir solo y esto jamás se había confundido con soledad. No permitiría, ahora, que alguien entrara, así, en su vida, por una mirada penetrante, a través de la ventana de la cocina.

Pero.

¹ Tradutora. Bacharel em Letras – Português/Espanhol, UFRGS

Hace algún tiempo, él sabía que, todos los días por la mañana, ella estaba allí, y ella, aceptando el juego, como si el juego fuera siempre una cuestión de tiempo, sabía que él sabía que estaba allí y, sólo por una cuestión de tiempo, sólo esperaba.

Era así en el desayuno, pero él salía para trabajar.

Era así en el almuerzo, pero nuevamente él salía para trabajar.

Y.

Era así en la cena, pero. Él iba deprisa ponerse ante el televisor y allí se quedaba olvidándose la mirada.

Intentara vencer la timidez y hablar sobre esto con algunos compañeros de trabajo, de una manera que aquello no pareciera importante, incluso porque no era realmente importante, así como si nada, incluso porque nada era lo que realmente quería, pero. Terminó dándose cuenta de que María Paula empezaba a ser un tema suyo, personal, intransferible.

Algunas veces se sorprendía pensando en *estrategias de acción*, era el razonamiento lógico de su área de negocios. Y cuando la lógica simplificaba todo a un grito: - ¡Vete! ¡Vete de aquí!, ¿y quién sabe? unos tiros hacia el cielo o, ¿quién sabe aún? unos cohetes que la asustaran solamente, se sentía, por algo humano que había dentro de sí, absolutamente impotente para ello. Quizá la misma cosa que lo impedía de mirarla fijamente y fijamente sostener su mirada. Es que después, él sabía, aquella cosa dentro de sí haría con que corriera el riesgo de que hubiera un después.

Sin embargo, hubo un día – incluso porque, siendo, allá en lo oculto, un hombre bueno que necesitaba ocultar su bondad para protegerse, ganara la fama de tipo duro y el status de un solitario, pero, si vinieran a contar, acabarían descubriendo que su vida estaba hecha de muchos días, pero – sin embargo hubo un día, en que, por la noche, una lluvia de granizo despertó su tejado y, asustado, él pensó que ella pudiera estar allá. Saltó de la cama, tateó una vela y las cerillas en el cajón de la mesilla porque, en las horas de urgencia, siempre falta la luz y, entre rayos y truenos y pedriscos golpeando en las ventanas y en el tejado, bajó a ver si ella estaba allá.

Respiró aliviado de que no estuviera. Volvió para la cama y, oyendo la lluvia, no más logró dormir. No dejaba de verla mojada, con frío y con hambre, por más ridículo que pudiera sentirse, no dejaba de pensar en ella.

En la mañana, de aquellos días perezosos y húmedos, hechos de una claridad que duelen los ojos, mientras esperaba la cafetera anunciar que el café estaba listo, pudo sentir que ella llegaba y se acomodaba en la ventana, delante suyo.

Sólo el mármol de la cuba y el vidrio de la basculante los separaban, y él, quizá vencido por el cansancio de la noche mal dormida o por el cansancio del juego del tiempo, se dio por vencido y, muy despacio, levantó los ojos y sintió la repugnancia de tener que mirar a una criatura de un solo ojo, verde, faro iluminado, el otro, la carne viva roja de la ausencia. Se dio por vencido. Abrió una pequeña rendija en la ventana y, por ella, le alcanzó un trozo de pan y un poco de leche. Después, se

sentó a la mesa y desayunó, no sin que, vez u otra, espiara, de reojo, el ojo de María Paula.

Los días que siguieron no fueron muy diferentes no fuera por el hecho de que la cosa dentro de él se volvía tan exigente como ella, y a cada día sentía ceder un poco en el desayuno, en el almuerzo, en la cena.

Sin embargo, hubo otro día de aquellos en que ella puso medio cuerpo para dentro de la casa, por la ventana y porque él no dijo nada, deslizó despacio, en movimientos harmónicos, largos y sincronizados, deslizó casi bailando por la cocina, pero sin desviar el ojo del ojo dominado y contemplativo de Alfredo.

- ¿Qué hago contigo ahora? - Se preguntó a sí mismo, aunque supiera que la mejor pregunta sería ¿qué ella va a hacer conmigo ahora? Porque, ahora, ella lo hacía, a cada día, diferente. Había el placer solemne del aprendizaje de la división de la comida. Había la tolerancia que siquiera sabía más que había. Había, quizá, el amor.

María Paula, grata y codiciosa -, como amante de no mucho tiempo, se enroscaba, delicada y sensualmente en sus piernas y ronroneaba cosas ininteligibles que, por el ojo verde, iluminado, y por el ojo de la oscuridad, se traducían en promesas femeninas y dulces:

- Mientras me quieras.

A que Alfredo, grato por tanto cariño, sintiéndose el elegido, así, por tanto cariño que llegaba regalado, o casi regalado, respondía:

- Mientras tú me quieras.

Y se querían con los ojos y con todo lo que hay en el fondo del fondo de los ojos.

Cuando María Paula desapareció, en una noche clara, de plenilunio, Alfredo, aunque preocupado por la posibilidad de que ella no volviera, pensó, en fin, que ella tenía el derecho de divertirse, pero no pudo disimular el sentimiento de recibirla como a una hija puta cuando vio que su vientre crecía.

Aunque tuviera ganas de expulsarla de casa, la ingrata, la cosa dentro de sí le mostraba que no podía desampararla ahora. Y, en el ahora, ella dormía enroscada a sus pies, protegida, y comía, satisfecha e insaciable, en su vida de gata amparada.

Vez que otra, Alfredo se sorprendía a admirarla, ¡qué cosa la naturaleza! ¡tan tuerta y tan delicadamente embarazada!

Los cachorros no nacerían en casa, no. Podría haber algún imprevisto y él no sabría qué hacer, porque estaría nervioso. Fue por ello que la dejó en la clínica y, si tuviera amigos, compraría una caja de cigarros, pensando que el abuelo también tiene este derecho.

Ahora, María Paula era más que María Paula, ¡era toda una familia!

Alfredo no quería y decía para sí todas las mañanas, que no quería llegar al invierno sentado delante de la televisión, rodeado de gatos, pero.

Ya no estaba tan seguro de ello. La seguridad era que algo había cambiado en

su vida. Podía sentir que era otro cuando abría la puerta y miraba la calle de siempre, y ahora ésta le parecía linda, cuando sentía el frío gris del otoño y a los árboles cayéndoles las hojas y el cielo como una gran nube negra pesada y le parecía lindo, cuando los niños de la calle pasaban corriendo entre sus brazos y piernas, sin irritarlo, cuando el perro del vecino empezaba a ladrar incesantemente para el cartero y esto le parecía divertido, cuando la mujer gorda de la esquina se insinuaba, de boca roja y pañuelo florido en la cabeza, y él lograba mirarla con una ternura fugaz y, en la oficina, ya podía escuchar, sin miedo y con cierto gusto, escuchar el sonido de su propia voz. Decididamente, algo había cambiado. ¿Será esto volverse mejor? Lo que no cambiaría era el hecho de que él pasaría, sí, el invierno y todos los inviernos rodeado de gatos.

Sólo te cuento esta historia porque ellos pasaron por aquí, ahora, vigilados por la mirada atenta, materna, el faro iluminado de María Paula: Linda Inés, Linda Batista, Linda Evangelista, Luis Otavio, Otavio Augusto. ¿O sería María Paula, Linda Batista, Linda Evangelista, Linda Inés, Otavio Augusto, Luis Otavio? ¿O sería María Paula, Linda Evangelista, Linda Inés, Linda Batista, Otavio Augusto, Luis Otavio? ¿O sería?

Alfredo lo sabe. Es de estos desórdenes que sólo se ordenan verdaderamente en el corazón.

Zulu

Cíntia Moscovich³*Para Abner de Irrawady of Chatquirir*

Foi a vizinha da casa ao lado de nosso prédio, Dona Alcione, que me veio, pelo final da manhã, com a novidade. Trouxe-a com o gosto antigo de quem sabe amar coisa nascida de outra.

Ao abrir a porta, percebi que o rosto gordo e lustroso tinha a expressão afobada, os olhos aguados de expectativa. Junto ao peito, entre os braços fofos, trazia alguma coisa envolta numa toalha. Ela disse olha aqui o que me deixaram em casa. Desembrulhou lentamente a trouxinha, e de dentro dela emergiu.

Um gatinho.

Os imensos olhos amarelos lhe tomavam toda a cara, contrastando com a cor negra do pêlo; a boca era só um furo na cabeça triangular. As orelhas moviam-se, curiosas. Eu, diante da cena, constrangida, não sabia bem o que fazer: protegia-me atrás da folha da porta, como se me defrontasse com grossa ameaça. Não tinha palavra que coubesse naquela situação. Lá de dentro, da sala, veio a pergunta xereta de Anabel: que é, mãe?

Como não lhe respondesse, passou por mim, forçou a porta para abri-la mais um pouco e olhou a vizinha. Claro, logo percebeu que Dona Alcione não estava só e, pondo-se na ponta dos pés, pediu para ver. A outra, com sabedoria aliciante, abaixou os braços. Os dois serezinhos se olharam. Tive exata ciência de que a graça do gato pegou minha filha em flagrante, e vice-versa, crianças e bichos têm disso. Anabel estendeu as mãos, queria pegá-lo. Mas Dona Alcione, ciosa de seu papel, observou que talvez fosse melhor colocar a criaturinha no chão. Às vezes, a bondade me deixa ríspida e severa; às vezes, como naquele momento, me intimida a ponto de provocar um mutismo involuntário. Eu, mesmo sem querer, mesmo sem concordar, mesmo que intimamente me faltasse a habilidade de ser boa naquela hora, aquiescia no meu silêncio. O filhote foi posto sobre o tapete da sala de estar.

Era uma coisa trêmula de passos incertos e periclitantes. Dona Alcione suspirou, jogando a toalha por cima do ombro:

— Coitadinho. Não deve ter nem dois meses e já foi enjeitado.

As palavras, pronunciadas daquela forma de tamanho pesar, me desmancharam. Eu já havia dado à minha filha peixes, tartarugas e até um coelho de grandes olhos vermelhos e de pêlo alvo feito algodão de farmácia. Mas, pouco tempo viveram os animais sob os cuidados de Anabel: o peixe não resistiu a um banho com sabonete, a tartaruga não sobreviveu a uma viagem à praia, e o coelho conseguiu a proeza de cair do parapeito da nossa janela, sétimo andar — fato que me fez, alarmada, instalar redes de proteção. Nunca me havia ocorrido

a idéia de um gato ou um cachorro, criaturas que se parecem demais com os humanos.

Minha filha acocorou-se, sentando sobre os calcanhares, e percorreu de leve o corpo peludo com a ponta dos dedos. O gato estremeceu, alongou as quatro patinhas, roçando o dorso de um negror ruço contra as pernas de Anabel. Pronto, o desastre estava feito. Contra todas minhas precauções anteriores, ela viera ao mundo não para cuidar de peixes, tartarugas ou coelhos albinos: viera ao mundo para ser a protetora da natureza aprisionada daquele gato. Por isso, e só por isso, emudeci em resignação quando me indagou se eu deixava que ele morasse conosco. Quando me voltou o tino, como a pergunta se repetisse, ela já puxando a barra de meu vestido — deixa, mãe? deixa? —, respondi que estava bem, poderíamos tentar. Alerttei, antes que me tomasse por alguém que se dobra facilmente, que nem todas as tentativas davam certo.

Dona Alcione lembrou que tinha de ir-se, acabar a arrumação da casa e fazer compras no mercado. Como não havia volta atrás, como me parecesse mais do que injusto romper a corrente de faceirice de minha filha, abri a porta para a vizinha. Não sabia se era momento de agradecer ou de enchê-la de impropérios. Antes de tomar o elevador, palpitou que era um macho. Certeza, certeza mesmo, ela só tinha uma:

— Está cheio de pulgas.

Pulgas. Então, de repente, assim de uma hora para outra, eu tinha sobre o tapete da sala de estar um bicho sugado por parasitas. Só então, mas daí já era tarde demais, pensei no que diria meu marido, quando chegasse para a janta, ao ver o novo morador da casa. Mas sempre havia a esperança de que ele compreendesse que o gato e Anabel se pertenciam, os vínculos inegáveis a que devem ceder pai e mãe. Olhei para o bichano, que ainda caminhava, incerto, sobre as flores do tapete. Anabel foi impiedosa: e agora o que é que a gente faz, mãe? E como eu deveria saber? O olhar de minha filha aguardava com esperança o meu primeiro gesto de amor eficaz: eu era a mãe, a mim tocava amar e criar. Não sem certo receio, aproximei-me. Ele ergueu a cabeça.

Miou.

Ah, a dor do miado de um filhotinho. Depressa, soube que tinha de alimentá-lo, tirar-lhe as pulgas — como? —, vaciná-lo, arranjar uma caminha e um lugar para que fizesse xixi e cocô.

Com todo o cuidado, com extrema delicadeza, fiz o que minha filha esperava que eu fizesse: peguei o filhote entre os braços. Era uma coisinha de corpo morno e de pêlos ásperos, levíssima, bem mais leve do que se poderia supor e que se acomodava à feição de meus contornos com uma ternura de olhos lentos, como se olhos pudessem suspirar de prazer. Levei-o até a cozinha e coloquei-o no chão de ladrilhos. Custou a equilibrar-se sobre o piso frio, mas quando lhe alcancei o pires com leite, atirou-se feito um fidalgo à comida. Lambia o leite dentro do

prazer a que tinha direito: havia pago de antemão com o sofrimento da espera. Nós duas assistíamos àquele repasto sofrido. O leite era amor entre estranhos.

Um pouco antes de sentar-se à mesa do almoço, minha filha perguntou se podia chamar o bichano de Zulu. Por quê?, indaguei. Minha filha, mãos na cintura, quase brava por eu não ter reparado na obviedade, explicou:

— Porque ele é todo preto.

Concordei, numa interjeição em que assumia minha mais profunda burrice.

Durante a tarde, seguiu-se uma romaria: veterinária perto de casa, minucioso exame — sim, era um macho —, remédio contra pulgas, vermífugos, vacinas, ração. A conta me pareceu extraordinária para um bichinho tão pequeno e de origem tão obscura. E eu, ainda por cima de tudo, teria de justificar mais essa despesa.

À tardinha, quando meu marido chegou em casa, os alicerces do edifício tremeram: mas como eu tinha cometido uma irresponsabilidade daquelas? E passou a enumerar pestes, doenças, fungos, vírus, bactérias, sujeiras e imundícies aterradoras. Anabel tranqüilizou-o, sentando-se em seu colo: não se preocupasse, o gato estava limpinho, vacinado, ela iria cuidar bem dele, que se chamava Zulu, porque era preto. Acho que meu marido teve a mesma sensação que eu tive. Nada podia ser feito, o destino dos dois estava selado. Não fosse pelo muito sincero entusiasmo de Anabel, ele já teria encerrado por ali mesmo o sentimento e seu desconforto. Considerei-o à nocaute quando se interessou pelo gatinho, afinal bicho movendo-se por si próprio desperta a suavíssima curiosidade.

Quando voltei da cozinha para colocar a janta na mesa, deparei com a cena: Anabel no colo de meu marido, e, no colo de Anabel, Zulu. Pareciam felizes.

À noite, o bichano deveria dormir na área de serviço, numa cesta que antes acomodava frutas. Apaguei as luzes, fechei a porta, fui até o quarto de minha filha e dei-lhe um beijo de boa-noite. Anabel tentou a barganha, queria que o gatinho dormisse com ela. Respondi que não, nem pensar em tal coisa. No entanto, atendendo sabem os anjos a qual apelo, voltei à área de serviço e deixei a porta entreaberta. Zulu amanheceu enrodilhado aos pés da cama de minha pequena.

O gatinho, pelas nossas contas, já ia para oito meses de vida. Crescera, tornara-se corpulento e musculoso, um ser ronronante, cheio de substância e de viçosa altivez. Era um gato feliz, não só porque Anabel o amava: sua felicidade vinha da graça de saber-se gato. Os dias, passava-os languidamente dormitando no sofá da sala, o corpo tremendo ao sabor de algum sonho mais agitado. Os olhos ganharam uma tonalidade dourada e translúcida e tinham o vagar de quem dispõe de todo o tempo e paciência do mundo. Comia em seu prato, ao lado do fogão, em beliscadas ocasionais. Aprendeu, sem custo, a usar a caixinha com areia que eu colocara na área de serviço, e a maior diversão de Anabel era o espetáculo de ver Zulu fazendo xixi. De fato, parecia nobre mesmo em suas necessidades mais primárias.

Lá, num sábado de manhã, Anabel entrou esbaforida na cozinha:

— Mãe, Zulu está doente.

Eu bem reparara que ele andava miando mais do que de hábito, mas creditei o fato às muitas dengüices do bichano. Disparei para a sala, secando as mãos no avental, e vi que Zulu rolava no chão, contorcendo-se muito. De imediato, envolvi-o em uma toalha e corri à veterinária.

A médica não precisou examiná-lo muito para chegar a um diagnóstico. Antes de nos esclarecer qualquer coisa, falou que estava mais habituada a tratar cachorros, gatos eram raros em seu consultório, equívocos acontecem a torto e a direito. Anabel estava quase às lágrimas e ouvia tudo sem entender nada. Eu tampouco. Pedi para ela me dizer que doença tinha Zulu. A veterinária, coradíssima, afirmou que nosso mimoso não estava doente. O que ele tem?, quase gritei. Ela abaixou a cabeça, a voz saiu-lhe débil:

— Zulu é uma fêmea. — Ato contínuo, corando mais ainda, coisa que parecia impossível, disparou o tiro de misericórdia: — E está no cio.

A vida se duplica e se encadeia, isso queríamos ensinar para Anabel quando decidimos o que fazer. Antes, claro, conversamos com a veterinária, que nos auxiliou no mínimo necessário.

Zilá passa bem, é mãe extremada e amorosa, lindo de vê-la, amamentando. Anabel gasta horas a fio, observando os sete nenês, rosto entre as mãos, enternecida com aqueles serezinhas que ela viu nascer em seu próprio quarto. Também já flagrei meu marido, sentado no chão, apreciando a magnífica cena, fazendo de conta que ralha com os mais apressadinhos que pisam nos irmãos para conseguir a teta mais gorda. Cheguei a pensar que, quando os filhotes completassem dois meses, iria de visita a Dona Alcione, ela sempre soube o que fazer nesses casos. Descartei a possibilidade maldosa: na verdade, toda a família continuará mais tempo por aqui. Tenho aprendido muito com Anabel. Como, por exemplo, o instinto dócil e novo de amar coisa nascida de outra, amamentando.

Zulu

Cíntia Moscovich³

Tradução: Sonia Gabriela Petit Flamant¹

Fue la vecina de la casa de al lado, doña Alcione, que vino alrededor del mediodía con la novedad. La trajo con el gusto antiguo de quien sabe amar cosa nacida de otra.

Al abrir la puerta, noté que su rostro gordo y lustroso tenía una expresión agobiada, los ojos aguados de expectativa. Junto a su pecho, entre los brazos

¹ Tradutora. Bacharel em Letras – Português/Espanhol, UFRGS

fofos, traía algo envuelto en una toalla. Dijo mira lo que me han dejado en casa. Desenvolvió lentamente el atado y de adentro emergió.

Un gatito.

Los inmensos ojos amarillos le ocupaban toda la cara, contrastando con el color negro del pelo; la boca era sólo un agujero en la cabeza triangular. Las orejas se movían curiosas. Yo, frente a esa escena, un poco avergonzada, no sabía exactamente lo que hacer: me protegía atrás de la hoja de la puerta, como si me estuviera enfrentando a una gran amenaza. No encontraba la palabra que se pudiera decir en esa situación. Del interior de la casa, desde la sala, llegó la pregunta fisgona de Anabel: ¿qué pasa mami?

Como no le respondía, pasó a mi lado, forzó la puerta para abrirla un poco más y miró a la vecina. Claro, enseguida notó que doña Alcione no estaba sola y poniéndose en puntas de pie le pidió déjame ver. La otra, con una sabiduría seductora, bajó los brazos. Los dos pequeños seres se miraron. Tuve exacta conciencia de que la gracia del gato encontró a mi hija al descubierto y viceversa, niños y bichos tienen de esas cosas. Anabel extendió las manos, quería sujetarlo. Pero doña Alcione, consciente de su papel, observó que tal vez fuese mejor colocar a la criaturita en el piso. A veces, la bondad me hace ríspida y severa; otras veces, como en aquel momento, me intimida al punto de provocarme un mutismo involuntario. Yo, aún no queriendo, aún sin estar de acuerdo, aún cuando íntimamente me faltaba habilidad para ser buena en aquel momento; con mi silencio, consentía. El bichito fue colocado sobre la alfombra de la sala.

Era una cosita temblorosa de pasos vacilantes. Doña Alcione suspiró, largando la toalla encima de su hombro.

— Pobrecito. No debe tener ni dos meses y ya lo han abandonado.

Las palabras, pronunciadas de aquel modo, con tamaño pesar, me desarmaron. Yo a mi hija ya le había dado peces, tortugas y hasta un conejo de grandes ojos rojos y un pelo blanco como algodón de farmacia. Pero poco tiempo vivieron los bichos bajo los cuidados de Anabel: el pececito no resistió a un baño con jabón, la tortuga no sobrevivió a un viaje a la playa y el conejo consiguió la proeza de caer de la baranda de nuestra ventana, séptimo piso — hecho que me hizo, alarmada, colocar redes de protección. Nunca se me había ocurrido la idea de tener un gato o un perro, criaturas que se parecen demasiado a los humanos.

Mi hija se puso en cuclillas, sentándose en los talones y recorrió levemente el cuerpo peludo con la punta de los dedos. El gato se estremeció, alargó las cuatro patitas rozando su dorso de un negro grisáceo contra las piernas de Anabel. Listo, el desastre estaba consumado. Contra todas mis precauciones anteriores, ella no había venido al mundo para cuidar peces, tortugas o conejos albinos: había venido al mundo para ser la protectora de la naturaleza aprisionada de aquel gato. Por eso, y sólo por eso, enmudecí de resignación cuando me indagó si yo dejaba que él viviese con nosotros. Cuando recuperé el discernimiento, como la pregunta se repetía, ella ya jalando el bias de mi vestido — ¿me dejas mami? ¿me

dejas? — respondí que estaba bien, que podíamos intentarlo. Le alerté, antes de que me tomara por alguien que se doblega fácilmente, que no todos los intentos funcionaban.

Doña Alcione recordó que tenía que irse para terminar de arreglar la casa y hacer compras en el mercado. Como no había más vuelta y me parecía más que injusto interrumpir el entusiasmo de mi hija, le abrí la puerta a la vecina. No sabía si era el momento de agradecerle o llenarla de improperios. Antes de subirse al ascensor, dijo que creía que era macho. Certeza, certeza total, ella sólo tenía una:

— Está lleno de pulgas.

Pulgas. Entonces, de repente, así, de un momento al otro, yo tenía sobre la alfombra del salón, un bicho devorado por parásitos. Sólo en ese momento, pero entonces ya era demasiado tarde, pensé en lo que le diría a mi marido cuando llegara a cenar y viera al nuevo residente de la casa. Aunque siempre existía la esperanza de que él comprendiera que el gato y Anabel se pertenecían, vínculos innegables a los que deben ceder padre y madre. Miré al bichito, que aún caminaba desequilibrado, inseguro, sobre las flores de la alfombra. Anabel fue impiadosa: ¿y ahora qué hacemos mami? ¿Y cómo podía saber? La mirada de mi hija aguardaba con esperanza mi primer gesto de amor eficiente: yo era la madre, a mí me tocaba amar y criar. Con alguna desconfianza, me aproximé. Él levantó la cabeza.

Maulló.

¡Ay! ¡el dolor de un maullido de un gatito!. Enseguida supe que había que alimentarlo, sacarle las pulgas — ¿cómo? — vacunarlo, conseguirle una camita y un lugar para que hiciera sus necesidades.

Con todo el cuidado y con extrema delicadeza, hice lo que mi hija esperaba que hiciera: tomé el gatito en los brazos. Era una cosita de cuerpo tibio y pelos ásperos, livianita, mucho más liviana de lo que se podía suponer y que se acomodaba perfectamente moldeándose a mis contornos con una ternura de ojos lentos, como si ojos pudieran suspirar de placer. Lo llevé hasta la cocina y lo coloqué en el piso de ladrillos. Le costó equilibrarse en el piso frío, pero cuando le alcancé una tacita con leche, se lanzó hecho un hidalgo hacia la comida. Lamía la leche con todo el placer al que tenía derecho: había pagado de antemano con el sufrimiento de la espera. Nosotras dos presenciábamos aquel banquete sufrido. La leche era amor entre extraños.

Un poco antes de sentarse a almorzar, mi hija me preguntó si podía ponerle al bichito el nombre de Zulu. ¿Por qué?, le pregunté. Mi hija, con las manos en la cintura, casi enojada por que yo no notaba lo que era obvio, me explicó:

— Porque es todo negro.

Manifesté estar de acuerdo con un gesto en el que asumía mi más profunda ignorancia.

Durante la tarde, fue una peregrinación: veterinaria cerca de casa, minucioso examen — sí, era un macho — remedio para pulgas, vermífugos, vacunas, comida

para gatos. La cuenta me pareció extraordinaria para un bichito tan pequeño y de origen tan oscuro. Y yo, encima, tendría que justificar también esos gastos.

De tardecita, cuando mi marido llegó a casa temblaron los cimientos del edificio: ¿cómo podía ser que yo hubiese cometido tamaña irresponsabilidad? Y pasó a enumerar pestes, enfermedades, hongos, virus, bacterias, suciedades e inmundicias aterradoras. Anabel lo tranquilizó, sentándose en su falda: que no se preocupara, que el gato estaba limpiito, vacunado, ella lo cuidaría bien, que se llamaba Zulu, porque era negro. Creo que mi marido tuvo mi misma sensación. No se podía hacer nada, el destino de los dos estaba sellado.

Si no fuera por el sincero entusiasmo de Anabel él no habría encerrado tan pronto su sentimiento ni su desánimo. Lo consideré nocaute cuando se interesó por el gatito, al final el bicho moviéndose por sí mismo despertaba una suavísima curiosidad.

Cuando volví de la cocina para traer la cena a la mesa, me deparé con la escena: Anabel en la falda de mi marido, y en la falda de Anabel, Zulu. Parecían felices.

A la noche el bichito debería dormir en el área de servicio, en una canasta en la que antes colocaba frutas.

Apagué las luces, cerré la puerta, fui hasta el cuarto de mi hija y le di un beso de buenas noches. Anabel intentó negociar, quería que el gatito durmiera con ella. Respondí que no, que ni lo pensara. No obstante, atendiendo a sabe Dios qué apelo, volví al área de servicio y dejé la puerta entreabierta. Zulu amaneció hecho un rollito a los pies de la cama de mi pequeña.

El gatito, según nuestras cuentas, ya tenía unos ocho meses. Había crecido y se había vuelto corpulento y musculoso, un ser ronroneante, lleno de sustancia y de tierna altivez. Era un gato feliz, no solo porque Anabel lo amaba: su felicidad venía de la gracia de saberse gato. Los días, los pasaba lánguidamente dormitando en el sofá de la sala, el cuerpo temblando al sabor de algún sueño más agitado. Los ojos recibieron una tonalidad dorada y translúcida y tenían la calma de quien dispone de todo el tiempo y paciencia del mundo. Comía en su plato, al lado de la cocina, en pellizcos ocasionales. Aprendió sin dificultad a usar la cajita con arena que yo le había colocado en el área de servicio y la mayor diversión de Anabel era el espectáculo de ver a Zulu haciendo pipí. De hecho, parecía noble aún en sus necesidades más primarias.

Una vez, cierto sábado de mañana, Anabel entró agitada a la cocina:

— Mami, Zulu está enfermo.

Yo ya había notado que él andaba maullando más que de costumbre, pero atribuí ese hecho a las muchas mañas del bichito. Corrí para la sala, secándome las manos en el delantal y vi que Zulu se retorció en el piso. De inmediato lo envolví en una toalla y corrí a la veterinaria.

La médica no precisó examinarlo mucho para llegar al diagnóstico. Antes de aclararnos nada, nos dijo que estaba más habituada a trabajar con perros, que gatos eran raros en su consultorio, que cometer errores es algo común. Anabel

estaba a punto de llorar y escuchaba todo sin entender nada. Le pedí que me dijera cuál era la enfermedad de Zulu. La veterinaria, coloradísima, afirmó que nuestro mimoso no estaba enfermo. ¿Qué es lo que tiene? casi grité. Ella bajó la cabeza, su voz salió débil:

— Zulu es una hembra. — a continuación, poniéndose más colorada, cosa que parecía imposible, disparó el tiro de gracia: — y está en celo.

La vida se duplica y se encadena, eso queríamos enseñarle a Anabel cuando decidimos lo que hacer. Antes, claro, conversamos con la veterinaria, que nos auxilió en lo mínimo necesario.

Zilá está bien, es una madre extremadamente cuidadosa y amorosa, es lindo verla amamantando. Anabel pierde horas y horas observando las siete crías, su rostro entre las manos, enternecida con aquellas criaturitas que vio nacer en su propio cuarto. También ya descubrí a mi marido, sentado en el piso, apreciando la magnífica escena, como que reprendiendo a los más apuraditos que pisan a los hermanos para conseguir la teta más gorda. Llegué a pensar que cuando los cachorritos completaran dos meses, visitaría a doña Alcione, ella siempre supo qué hacer en estos casos. Descarté cualquier posibilidad maliciosa: en realidad, toda la familia continuará un poco más por aquí. He aprendido mucho con Anabel. Como por ejemplo, el instinto dócil y nuevo de amar cosa nacida de otra.

Russo

Tradução: Tanira Castro

Anton Pavlovitch /tchekhov (1860-1904)

Médico, escritor, cronista e dramaturgo russo, autor das peças "As três irmãs", "Tio Vânia", "O jardim das cerejeiras"

Quem é o culpado?

Anton Pavlovitch Tchekhov

Tradução do russo e notas de Tanira Castro*

Meu tio Piotr Demiánitch, um conselheiro do colegiado, homem rancoroso e seco, muito parecido com um salmão defumado e estragado no qual tivessem enfiado um espeto, um dia estava se preparando para ir ao liceu onde dava aulas de latim, quando notou que a encadernação da sua Sintaxe estava roída por ratos.

- Ouça Prascóvia – disse ele, quando entrou na cozinha dirigindo-se à cozinha. – Desde quando apareceram ratos aqui em casa? Puxa vida, ontem roeram a cartola, hoje devastaram a Sintaxe... Puxa, daqui a pouco vão começar a comer a roupa!

- E o que posso fazer? Não fui eu que trouxe os ratos! – respondeu Prascóvia.

- É necessário fazer alguma coisa! Quem sabe tu podes trazer um gato, e então ele...

- Já temos um gato; mas para que é que ele serve?

Prascóvia apontou para um canto onde, enrolado que nem uma rosquinha em volta da vassoura, cochilava um gatinho branco, magro como um palito.

- Por que ele não serve para nada? Perguntou Piotr Demiánitch.

- Porque ainda é pequeno e bobo. Olhe, ainda não tem nem dois meses.

- Hum... Então é preciso ensiná-lo! Em vez de ficar deitado, melhor seria se estivesse aprendendo.

Dito isso, Piotr Demiánitch suspirou preocupado e saiu da cozinha. O gatinho levantou a cabeça, espiou-o preguiçosamente pelas costas e fechou os olhos de novo.

O gatinho não dormia, mas sim pensava. Em quê? Sem conhecer a vida real, sem ter nenhuma bagagem de impressões, ele só podia pensar de maneira instintiva e pitar a sua vida conforme as noções que recebera de herança, junto com a carne e o sangue de seus antepassados, os tigres (vide Darwin). Seus pensamentos tinham o caráter de devaneios sonolentos. Sua imaginação felina pintava algo como um deserto árabe, onde flutuavam umas sombras muito parecidas com Prascóvia, com a estufa da cozinha, com a vassoura. No meio das sombras, apareceu de repente um pires de leite; no pires, cresceram umas patinhas, ele começou a mover-se e mostrou a intenção de correr; o gatinho deu um pulo e,

num arroubo de volúpia sanguinária, cravou nele as garras... Quando o pires desapareceu numa neblina, surgiu um pedaço de carne, deixado ali por Prascóvia; a carne, com um miado covarde, correu para algum canto, no lado, mas o gatinho deu um pulo e cravou as garras... Tudo o que o jovem sonhador parecia ver tinha, como ponto de partida, pulos, garras e dentes... A alma alheia são trevas e a alma felina mais ainda, porém pode-se ver como as cenas que acabamos de retratar estão próximas da verdade por causa do seguinte fato: entregue aos seus devaneios sonolentos, o gatinho ergue-se de súbito, olhou para Prascóvia com olhos cintilantes, eriçou o pêlo e, após dar um pulo, cravou as garras na barra da saia da cozinheira. Não havia dúvida, ele nascera um matador de ratos, verdadeiramente digno de seus ancestrais sanguinários. A fortuna o destinava a ser o terror dos porões, dos armazéns e dos celeiros, e se não fosse a educação... Mas não vamos nos adiantar.

Ao voltar do liceu, Piotr Demiánitch entrou numa venda e comprou uma ratoeira por quinze copeques¹. Na hora do jantar, prendeu no gancho um pedacinho do seu croquete e colocou a armadilha embaixo do sofá, onde ficavam jogados os trabalhos dos alunos, que Prascóvia usava para as necessidades domésticas. Exatamente às seis horas da tarde, quando o venerável latinista estava sentado à mesa corrigindo os cadernos dos alunos, de repente, debaixo do sofá ressoou um “clop”, e tão alto que o meu tio teve um sobressalto e deixou cair a caneta. Sem demora, foi até o sofá e pegou a ratoeira. Um rato pequeno e perfeito, do tamanho de um dedal, farejava a grade de arame e tremia de medo.

- A-há! – murmurou Piotr Demiánitch, e observava o rato com um ar tão maldoso que parecia estar prestes a lhe dar uma nota baixa. – Foi apanhado, seu bandido! Espere só, vou lhe dar uma lição por comer a minha Sintaxe!

Depois de se faltar de admirar a sua vítima, Piotr Demiánitch colocou a ratoeira no chão e gritou:

- Prascóvia, o rato foi capturado! Traga para cá o gatinho!

- Já vai! – gritou Prascóvia em resposta e, um minuto depois, entrou trazendo nos braços o descendente dos tigres.

- Que ótimo! – pôs-se a balbuciar Piotr Demiánitch, esfregando as mãos. – Vamos ensinar a ele... Coloque-o diante da ratoeira... Pronto, assim... Deixe que ele fareje e observe... Isso...

O gatinho, surpreso, olhava para o titio, para a poltrona, farejou a ratoeira com ar perplexo, depois, na certa assustado com a luz clara da lâmpada e com as atenções dirigidas a ele, teve um sobressalto e correu apavorado na direção da porta.

- Pare! – gritou o tio, agarrando-o pelo rabo. – Pare seu canalha! O palerma

* Tanira Castro - Doutora em Ciências Pedagógicas, área - Teoria e Metodologia do Ensino de LE, Universidade Federal de São Petersburgo, Professor Associado do Departamento de Línguas Modernas – Setor de Russo, Instituto de Letras - UFRGS.

¹ A moeda russa é o rublo (um rublo tem 100 copeques).

assustou-se com o rato! Veja: isso é um rato! Olhe bem! E então? Olhe, estou mandando!

Piotr Demiánitch segurou o gatinho pelo cangote e esfregou o seu focinho na ratoeira.

- Olhe bem, seu patife! Leve-o, Prascóvia, e prenda... Prenda na frente da portinhola da armadilha... Quando eu soltar o rato, tu também vai solta-lo imediatamente... Entendeu? Vai solta-lo na mesma hora! Está bem?

Titio estava com uma expressão misteriosa no rosto e levantou a portinhola... O rato saiu hesitante, farejou o ar e, como uma flecha, disparou para debaixo do sofá... O gatinho, libertado, ergueu a causa e correu para baixo da mesa.

- Fugiu! Fugiu! – começou a gritar Piotr Demiánitch, com uma fisionomia feroz. Onde está ele, o miserável? Debaixo da mesa? Espero só...

Titio puxou o gatinho de baixo da mesa e sacudiu-o no ar...

- Que canalha... – resmungava, enquanto puxava suas orelhas. Tome! Tome! Vamos ver se da próxima vez vai deixar escapar! Canalha...

No dia seguinte, Prascóvia ouviu de novo um brado:

- Prascóvia, o rato foi capturado! Traga para cá o gatinho!...

Depois do ultraje do dia anterior, o gatinho foi esconder-se debaixo da estufa e não saía de lá a noite inteira. Quando Prascóvia puxou lá debaixo e, após levá-lo para o escritório seguro pelo cangote, colocou-o na frente da ratoeira, ele tremeu todo o corpo e pôs-se a miar em tom queixoso.

- Bem, primeiro vamos deixar que ele se adapte! – ordenou Piotr Demiánitch.

- Deixe que observe e fareje. Vamos, observe e aprenda! Chega, é melhor que morra! – berrou, ao notar como o gatinho recuava da ratoeira. – Vou chicotear! Puxar as orelhas! É isso... Bem, agora o coloque diante da portinhola da ratoeira...

Titio levantou a portinhola lentamente... O rato sumiu bem debaixo do nariz do gato, esbarrou na mão de Prascóvia e correu para baixo do armário, enquanto o gatinho, sentindo-se solto, deu um pulo desesperado e escondeu-se debaixo do sofá.

- Deixou escapa mais um rato! – esbravejou Piotr Demiánitch. – E isso lá é m gato?! Isso é uma porcária, um lixo! Chicotear! Chicotear perto da ratoeira.

Quando o terceiro rato foi capturado, o gatinho, ao ver a ratoeira e o seu habitante, tremeu todo o corpo e arranhava as mãos de Prascóvia... Depois do quarto rato, titio perdeu a cabeça, deu um chute no gato e disse:

- Leve embora daqui essa porcária! Para fora de casa, hoje mesmo! Jogue em qualquer lugar! Esse lixo não serve para nada!

Passou um ano. O gatinho descarnado e débil transformou-se num gato sensato e respeitável. Certa vez, esgueirando-se pelos fundos da casa, ele seguia rumo a um encontro amoroso. Quando já estava perto do seu destino, ouviu de repente um sussurro e, em seguida, viu um rato que corria de uma tina de água para uma estrebaria... O meu herói eriçou os pêlos, arqueou a espinha, começou

a chiar e, depois de tremer todo o corpo, covardemente disparou fugindo.

Que pena! Às vezes, eu me sinto na ridícula situação do gato que fugiu. À semelhança do gato, na minha infância, eu tive a honra de aprender latim com o titio. Agora, quando acontece de eu ver uma obra da antiguidade clássica, em vez de me entusiasmar com avidez, começo a lembrar-me de *ut consecutivum*, dos verbos irregulares, do rosto cinzento-amarelado do titio, do *ablatus absolutus*... Empalideço, meus cabelos ficam em pé e, tal como o gato, precipito-me numa fuga vergonhosa.



UFRGS

SABi



06079977

Impressão:


UFRGS
GRÁFICA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL



hals

